



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SALVADOR
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM FAMÍLIA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

ELMAR SILVA DE ABREU

**O AFETO DE FAMÍLIA: SUAS CONSEQUÊNCIAS NA
APRENDIZAGEM EM UMA ESCOLA PÚBLICA EM
SALVADOR**

SALVADOR
2016

ELMAR SILVA DE ABREU

**O AFETO DE FAMÍLIA: SUAS CONSEQUÊNCIAS NA
APRENDIZAGEM EM UMA ESCOLA PÚBLICA EM SALVADOR**

Dissertação apresentada ao Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea, junto ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu*, da Universidade Católica do Salvador (UCSAL) – BA como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Cristina
Gomes da Conceição.

SALVADOR

2016

UCSAL. Sistema de Bibliotecas.

A162 Abreu, Elmar Silva de.
O afeto de família: suas consequências na aprendizagem em uma escola pública em Salvador/ Elmar Silva de Abreu.– Salvador, 2016.
172 f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica do Salvador.
Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação. Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea.

Orientação: Profa. Dra. Maria Cristina Gomes da Conceição.

1. Afetividade familiar 2. Desenvolvimento humano 3. Escola pública - Salvador - Bahia 4. Rendimento escolar I. Título.

CDU 37.015.3(813.8)

TERMO DE APROVAÇÃO


Elmar Silva de Abreu

“O Afeto de Família: suas consequências na aprendizagem em uma escola pública em Salvador.”

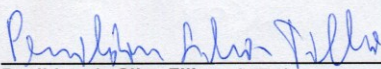
Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador.

Salvador, 21 de outubro de 2016.

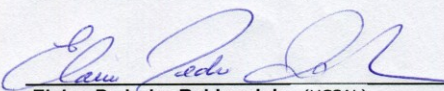
Banca Examinadora:




Maria Cristina Gomes da Conceição
Orientador(a) - (UCSAL)



Penildon da Silva Filho - (UFBA)



Elaine Pedreira Rabinovich - (UCSAL)



Patricia Carla Silva do Vale Zucoloto - (UCSAL)

Dedico esta dissertação a meu pai, Marcos, *in memoriam*, que me mostrou que vale perseverar nos momentos mais difíceis que possam parecer e entender que o que queremos, enxergando a distância, pode nos parecer muito difícil, mas o esforço, a humildade e o trabalho nos possibilita enxergar de mais perto e nos faz perceber a possibilidade de realizar e tornar real o que tanto se quer e que antes parecia até impossível. Dedico também a Helena, minha mãe, amiga e sempre companheira.

AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente a Deus, minha maior fonte de inspiração e proteção.

A todos que ofereceram disponibilidade de ouvir a ideia inicial da execução deste trabalho.

A todos que se interessaram e procuraram saber mais a respeito, os meus agradecimentos.

Agradeço a toda minha família, à minha mãe Helena, às minhas irmãs Eliana e Elaine, a Leda, minha esposa, aos meus filhos Gabriel e Gustavo por compreenderem que o menor tempo dedicado a eles foi em prol de uma realização, e incentivaram-me em todos os momentos.

À tia Vanda, que acreditou e muito me incentivou nesta jornada.

A João e a Consuelo, pela atenção e disponibilidade.

A Paulo George, com sua habilidade de mostrar sempre um caminho.

Ao grande amigo e irmão Otávio.

À Dona Ofélia, uma concreta lembrança de quem me ensinou a pegar no lápis e elogiar as minhas primeiras letras. Professora, administradora, mãe, esposa, exemplo inesquecível de pessoa, referência de educadora.

Agradeço ao professor Andraus, professor de desenho do Colégio da Polícia militar, pessoa eternamente inspirada e inspiradora.

À minha orientadora, professora Dra. Cristina Gomes, que muito me ofereceu trabalho, atenção, seriedade, responsabilidade, por depositar confiança, por mostrar de forma clara e objetiva os caminhos para a consecução de todas as fases deste trabalho, por sua capacidade, uma pessoa contagiante, agradeço por tê-la como orientadora e orgulho-me por ter com ela a oportunidade de ter trabalhado.

Aos professores que contribuíram ao longo do curso, Camilo Colani, Vanessa Reis, Izabel Lima, Petrini, Kátia Sá, Livia Fialho, Mary Castro, Elaine Rabinovich, Lúcia Moreira, Patrícia Zucolotto, Rafael Cerqueira e a todos outros professores que contribuíram de forma direta ou indireta na consecução deste trabalho.

Agradeço a todos os funcionários, ao corpo da secretaria da escola em que ocorreu a pesquisa, que possibilitou o acesso ao cadastro dos alunos e seus responsáveis, aos colegas professores, em particular aos professores da turma que foi executada a pesquisa aos professores Gilson, Magda, Américo, Silvio, Stone e Lindinéia.

Agradeço às mães que se colocaram à disposição para participação desta pesquisa ao tempo em que autorizaram seus filhos a participar da mesma e aos alunos que, com toda espontaneidade, participaram como pesquisados.

À gestão da escola que se colocou como facilitadora da execução da pesquisa composta pelo vice-diretor Audival Júnior e pela diretora Carluce Messias.

Agradeço ao Sr. Euzébio, pelos serviços gráficos oferecidos na UCSal sempre com muita boa vontade e presteza.

A todos os meus colegas que estiveram nesta trajetória, com as suas mais variadas pesquisas, com os seus mais variados saberes, que só vieram a enriquecer a minha experiência acadêmica e de vida.

Muito obrigado a todos.

*Jogaram a semente à terra,
daí um talinho verde brotou.
Protegeram do frio, da aridez, do calor.
E a regaram com muito amor.
E cresce a plantinha...
Numa trajetória tortinha.
Os dois olharam-se e perguntaram-se:
O que será desta plantinha?
E o tempo passou, o tronco engrossou,
Flores, frutos e sombra a árvore prestou.
E na essência da seiva das folhas o que se encontrou?
Foi o amor que aqueles dois a ela sempre prestou.*

Abreu (2013)

ABREU, Elmar Silva de. **Afeto de família**: suas consequências na aprendizagem em uma escola pública em Salvador. 2016. 172 fls. Dissertação (Mestrado) em Família na Sociedade Contemporânea. Universidade Católica do Salvador (UCSal), Salvador, BA.

RESUMO

O presente trabalho, *Afeto de família: suas consequências na aprendizagem em uma escola pública em Salvador*, buscou descrever os reflexos da percepção da afetividade familiar por parte dos alunos sobre os seus respectivos rendimentos escolares. O objetivo geral deste trabalho foi investigar de que forma a afetividade familiar pode influenciar nos rendimentos escolares dos alunos de uma turma da 5ª série do ano de 2016 da referida escola. Longe da pretensão de encontrar relações diretas entre tais elementos, buscou-se através de uma pesquisa exploratória de caráter qualitativo pela aplicação de uma entrevista semiestruturada e do teste Inventário de Percepção de Suporte Familiar (IPSF), levantar dados que possibilitaram tal descrição. De forma aleatória foi definida uma turma da 5ª série em uma escola pública em Salvador, sendo selecionados 5 alunos com os maiores rendimentos escolares e 5 alunos com os 5 menores rendimentos. Os alunos encontram-se na faixa dos 9 aos 12 anos. As mães dos referidos alunos foram convidadas a participarem da pesquisa, sendo que 3 não puderam participar posteriormente por informarem impossibilidades. A pesquisa então contou com 10 crianças e 7 mães. As famílias da referida pesquisa apresentam um nível socioeconômico equiparado, residindo em região circunvizinha da referida escola. A ancoragem teórica do referido trabalho é apresentada por conceitos seguindo como linha principal Piaget (1954) em sua *Relations Entre L'affectivité et L'intelligence Dans Le Développement Mental de L'enfant* – Relações entre a Afetividade e a Inteligência no Desenvolvimento Mental da Criança, e trabalhos afins por tratarem concomitantemente do desenvolvimento cognitivo e da afetividade que são os temas centrais da presente pesquisa. Piaget aponta que afetividade e cognição são elementos indissociáveis, a afetividade funciona com o combustível para a cognição. Ao concluir a pesquisa, em meio à diversidade de realidades familiares e individualidades de seus atores, percebeu-se ainda assim ocorrência dos reflexos das percepções de afetividade familiar por parte dos alunos sobre os seus respectivos rendimentos escolares.

Palavras-chave: Afetividade. Desenvolvimento. Escola. Familiar. Rendimento.

ABREU, Elmar Silva. **Family Affection**: its consequences on learning in a public school in Salvador. 2016. 172 p. Dissertation (Masters) in Family in Contemporary Society. Catholic University of Salvador (UCSal), Salvador, BA.

ABSTRACT

This work The family affection: Its consequences on learning in a public school in Salvador sought to describe the effects of the perception of family affection by the students on their school income. The aim of this study is to investigate how the family affection can influence in school income of students in a class of 5th series of the year 2016 of that school. Far from the claim to find direct relationships between these elements, it sought through an exploratory research of qualitative character by applying a semi-structured interview and Inventory test Familiar – Support Perception IPSF, collect data that allowed such a description. Randomly was defined a class of 5th grade in a public school in Salvador, being selected 5 students with the highest income and 5 school students with low incomes 5. Students are in the range of 9 to 12 years. The mothers of these students were invited to participate in the study, and 3 could not subsequently participate by informing impossibilities. The research then had 10 children and 7 mothers. The families of that research have an equivalent socioeconomic level, living in the surrounding area of that school. The theoretical anchor of that work is by following concepts as the main line Piaget (1954) in his Relations Between L'affectivi   et L'intelligence Dans Le Développement Mental Lenfant – Relations between affectivity and intelligence in the Mental Development of Children and related work concurrently treating cognitive development and affectivity that are the central themes of this research. Piaget suggests that affect and cognition are inseparable elements, affectivity works with fuel for cognition. By completing the survey, through the diversity of family realities and individuality of its actors, it was realized yet occurrence of reflections of perceptions of family affection by the students on their school income.

Keywords: Affection. Development. Family. School. Yield.

LISTA DE QUADROS

| | |
|---|-----|
| Quadro 1– Os estágios de desenvolvimento segundo Piaget..... | 21 |
| Quadro 2 - Perfil das mães e alunos entrevistados..... | 53 |
| Quadro 3 - Visão geral dos rendimentos escolares dos alunos entrevistados e escores do IPSF..... | 105 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|---|----|
| Tabela 1 - Estatísticas de ambos os sexos | 49 |
| Tabela 2 - Estatísticas do sexo masculino | 49 |
| Tabela 3 - Estatísticas do sexo masculino | 49 |

SUMÁRIO

| | |
|--|------------|
| 1 INTRODUÇÃO | 12 |
| 1.1 JUSTIFICATIVA | 13 |
| 1.2 PROBLEMA | 13 |
| 1.3 OBJETIVOS | 14 |
| 1.3.1 Objetivo geral | 14 |
| 1.3.2 Objetivos específicos | 14 |
| 1.4 QUESTÃO NORTEADORA | 14 |
| 2 MARCOS TEÓRICOS | 15 |
| 2.1 APRENDIZAGEM | 15 |
| 2.1.1 A aprendizagem e as bases neurológicas | 16 |
| 2.2 O MODELO PROPOSTO POR PIAGET | 18 |
| 2.3 O DESENVOLVIMENTO HUMANO | 20 |
| 2.3.1 O desenvolvimento humano sob a óptica piagetiana | 21 |
| 2.3.2 O desenvolvimento afeto-cognitivo na visão piagetiana | 23 |
| 3 O AFETO DE FAMÍLIA – A AFETIVIDADE NO AMBIENTE FAMILIAR | 26 |
| 4 COMO FAMÍLIA, ESCOLA E COMUNIDADE COMPARTILHAM SITUAÇÕES DE AFETO E COMO INTERFEREM NA APRENDIZAGEM | 38 |
| 5 CONTEXTO DA COMUNIDADE E DESCRIÇÃO DA ESCOLA | 43 |
| 6 METODOLOGIA | 46 |
| 6.1 INSTRUMENTOS METODOLÓGICOS | 47 |
| 6.1.1 Entrevistas | 47 |
| 6.1.2 O Inventário de Percepção de Suporte Familiar (IPSF) | 48 |
| 6.2 PROCEDIMENTOS | 50 |
| 6.3 POPULAÇÃO | 51 |
| 7 APRESENTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS | 53 |
| 7.1 ENTREVISTAS | 53 |
| 7.2 DADOS DO INVENTÁRIO DE PERCEPÇÃO DE SUPORTE FAMILIAR | 105 |
| 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 115 |
| REFERÊNCIAS | 123 |
| APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS | 126 |
| APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO APLICADO ÀS MÃES | 129 |
| ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO | 169 |
| ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO | 170 |
| ANEXO C – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO | 171 |

1 INTRODUÇÃO

A presente produção refere-se à pesquisa cujo tema é “Afeto de família: suas consequências na aprendizagem em uma escola pública em Salvador” e mostra uma pesquisa voltada a investigar a afetividade familiar e suas relações com o fenômeno da aprendizagem.

O pesquisador, na condição de professor de física do Ensino Médio da rede pública estadual de ensino há aproximadamente 16 anos, cuja disciplina busca explicar fenômenos que ocorrem na natureza, utilizando muitas vezes como ferramenta princípios básicos de matemática, e aí algumas muralhas são consideradas pela maior parte do contingente ao perceber que uma quantidade significativa de alunos não apresenta rendimento escolar satisfatório, não apenas em física, mas na maior parte das disciplinas oferecidas.

Neste momento, não cabe discutir as supostas causas de tal fenômeno, mas sabe-se que o leque de agentes nesse processo é variado, desde questões escolares como a capacitação dos professores às questões extraescolares, envolvendo, por exemplo, a realidade socioeconômica desses alunos e suas famílias.

Segundo Souza (2001), observando as questões associadas à aprendizagem, uma gama de fatores deve ser considerada, entre eles destacam-se: a formação e desempenho dos professores, a infraestrutura das escolas, a coerência dos currículos com as necessidades do alunado, enfim, todas as questões votadas à prática do ensino-aprendizagem.

O frequente é: pais ou responsáveis sentirem prazer em ver seus filhos desenvolverem-se e estarem prontos para compartilharem a sociedade de forma libertária e produtiva. Ainda o aspecto intergeracional, os cursos de vida assumidos ao longo de gerações, frente às diversas possibilidades, a educação apresenta-se como elemento primordial para acesso à liberdade, como preconiza Amartya Sen (2000).

A escola em foco localiza-se em região periférica de Salvador acompanhada de problemas relacionados ao elevado nível de violência, promovidas inclusive pelo tráfico, condições econômicas desfavoráveis, entre outras questões, conduzindo esses indivíduos a uma condição de elevado nível de vulnerabilidade social.

Tratar de afeto, segundo os conceitos nas diversas referências teóricas e associá-lo ao fenômeno da aprendizagem, é um tema que abrange a observação da

complexidade do ser humano em relação com o outro e com o contexto em que vive. Afinal, pela sociologia, psicologia, biologia, história e tantas quantas forem as áreas de conhecimento, encontram-se buscas para tal associação. Como se entende a relação entre a condição afetiva do adolescente e sua aprendizagem? O que vem a ser esta afetividade? De que maneira a família participa na construção desta afetividade?

Este trabalho, por ser uma investigação em que seres humanos são os elementos pesquisados, os cuidados para o desenvolvimento desta pesquisa foram respeitados, obedecendo às recomendações do Comitê de Ética em Pesquisas.

Busca-se descrever neste trabalho sinais da relação entre a aprendizagem e a afetividade da família e tem como objeto de estudo adolescentes que cursam a quinta série do ensino fundamental. O objetivo geral deste trabalho é investigar de que forma a afetividade familiar pode influenciar nos rendimentos escolares dos alunos de uma turma da 5ª série do ano de 2016 da referida escola. Com referência à aprendizagem dos alunos, a mesma foi verificada por meio de levantamento documental dos registros de rendimentos escolares¹ presentes na escola.

1.1 JUSTIFICATIVA

Justifica-se a elaboração deste trabalho no momento em que se pretende, através das investigações, discutir alguns dos elementos associados a uma atividade humana que é considerada elementar, pois, sem ela, nada do que a humanidade já construiu seria possível, que é a atividade da aprendizagem, e por oferecer contribuições para áreas da educação, da psicologia, da sociologia e áreas afins.

1.2 PROBLEMA

A escola em que a presente pesquisa foi desenvolvida localiza-se na região periférica de Salvador, na qual questões associadas à infraestrutura, violência, tráfico de drogas e outras, configuram aos que nas regiões circunvizinhas aí habitam

¹ O rendimento é medido através de avaliação processual (BOAS, 2008): Produções, comentários, apresentações e trabalhos em grupo, testes e provas. Visando verificar o grau de aprendizagem das atividades desenvolvidas em sala de aula. Foram consideradas ainda as limitações existentes na correspondência entre rendimento escolar e aprendizagem (LIMA; VIVIANE, 2015).

condições de vulnerabilidade. Por que alguns alunos, submetidos a condições socioeconômicas similares não conseguem um rendimento escolar satisfatório enquanto outros o conseguem?

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 Objetivo geral

O objetivo geral deste trabalho foi investigar de que forma a afetividade familiar pode influenciar nos rendimentos escolares dos alunos de uma turma da 5ª série do ano de 2016 da referida escola.

1.3.2 Objetivos específicos

Os objetivos específicos desta pesquisa foram:

- a) levantar as características socioeconômicas e educacionais das famílias dos alunos pesquisados;
- b) investigar as questões afetivas de maior relevância para as mães dos alunos;
- c) investigar o grau de importância que os pais atribuem à educação;
- d) investigar a percepção por parte dos alunos referente à afetividade familiar nas suas referidas famílias.

1.4 QUESTÃO NORTEADORA

De que forma a afetividade no ambiente familiar oferece recursos para os adolescentes superarem as suas dificuldades, atingindo rendimentos escolares satisfatórios?

2 MARCOS TEÓRICOS

A ancoragem teórica deste trabalho é apresentada por conceitos seguindo como linha principal Jean Piaget em sua *Relations Entre L'affectivité et L'intelligence Dans Le Développement Mental de L'enfant* (Relações entre a Afetividade e a Inteligência no Desenvolvimento Mental da Criança), e trabalhos afins por tratarem, concomitantemente, do desenvolvimento cognitivo e da afetividade que são os temas centrais da presente pesquisa.

2.1 APRENDIZAGEM

Aprende-se a cada momento da nossa existência, e por esta via de uma forma particular nos apropriamos do que ocorre em nosso ambiente buscando o sentido do que nos é apresentado. Também por aí percebe-se a complexidade do ser humano.

Apontar a aprendizagem como uma das mais importantes atividades da prática humana, afinal, por ela tem-se todo o desenvolvimento da humanidade em todos os seus setores, não é tarefa complexa e de difícil entendimento. Definir aprendizagem sim, constitui-se uma tarefa que exige certo esforço por parte de quem estiver tratando-a. Tal fenômeno, que necessita de condições satisfatórias nos diversos campos do ser, é tratado sob várias ópticas, desde as relacionais com o ambiente, social, até a biológica. Nesse momento, o assunto será tratado sobre as bases de alguns teóricos.

Tratando-se da aprendizagem formal, em especial a que ocorre no ambiente escolar, toma-se para fins desta pesquisa, o que se tem ao alcance, que é aproveitamento escolar como elemento indicativo do sucesso escolar e por aprendizagem.

Segundo Lefrançois (2015), aprendizagem é definida como toda mudança reativamente permanente no potencial de comportamento, que resulta da experiência, mas não é decorrente por exemplo de cansaço, maturação², drogas, lesões ou doenças. As mudanças comportamentais geradas dessas situações são resultados temporários, não sendo, portanto, exemplos de aprendizagem. A aprendizagem

² Lefrançois aponta a maturação referindo-se a mudanças biológicas como crescimento ou maturação sexual.

implica mudanças na capacidade para fazer algo, associado à oportunidade, pois o fato da maioria dessas mudanças permanecer latente, não as tornam irreais.

Os seres humanos são seres sociais, que necessitam de interação com os outros, cujas práticas socioculturais marcam mudanças significativas na capacidade de cada pessoa.

O advogado, filósofo e psicólogo Lev S. Vygotsky (1896-1934), estudou a psicologia infantil, suas aplicações pedagógicas e preconizou a existência de mecanismos pelos quais a cultura torna-se parte da natureza de cada pessoa. Tornou-se um dos primeiros defensores da associação da psicologia cognitiva com a neurologia e a fisiologia (COLE et al., 2007, p. 24).

Para Coon (2006), o aprendizado cognitivo é o aprendizado que envolve pensamento, conhecimento, compreensão e expectativa. As informações, as expectativas, as percepções, as imagens mentais integram a dinâmica do aprendizado cognitivo.

Para Vygotsky (1984 apud COLE et al., 2007), o aprendizado e o desenvolvimento estão inter-relacionados, e desde os seus primeiros anos de vida o indivíduo adquire experiências, que funcionam como alicerces para outras aprendizagens, denominando-se a “distância” entre esses alicerces e uma nova aprendizagem como Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), e daí novas experiências e novos saberes são construídos sendo o mediador elemento fundamental neste processo. Os membros familiares os professores os colegas de classe são alguns dos exemplos claros de mediadores para com o jovem aluno. Tais ambientes são de significativa importância para os jovens no tocante à aprendizagem.

Percebe-se a importância da escola como ambiente que favorece a vivência do indivíduo com novas situações através da mediação de professores, com tarefas previamente elaboradas e com outros alunos, condições que favorecem a aprendizagem de forma exponencial (VYGOTSKY, 1984 apud COLE et al., 2007).

2.1.1 A aprendizagem e as bases neurológicas

No plano da neurociência, Schultz (2007, p 438) aponta que o ato de aprender conduz o cérebro a uma série de mudanças físicas e químicas. Com os avanços tecnológicos, através de técnicas específicas, como a Ressonância Magnética Funcional (RMF), pesquisas possibilitaram registros referentes às atividades cerebrais

nas suas diferentes zonas correspondentes às mais variadas situações através de imagens e vídeos computadorizados.

Gómez (2004) afirma que o sistema nervoso é composto por células denominadas neurônios, sistema este que se divide em Sistema Nervoso Central (SNC), que contém o cérebro e Sistema Nervoso Periférico (SNP).

Em função do tema em curso que é o da aprendizagem, as discussões apresentadas serão referentes ao sistema nervoso central ao qual o cérebro está incluído.

Para Ekman (2004), em qualquer atividade do organismo humano, por menor que possa parecer, os neurônios estabelecem conexões com outros neurônios definindo verdadeiras “trilhas” na região do cérebro, conexões estas denominadas conexões sinápticas, em que cada “trilha” corresponde a uma experiência e ou aprendizagem vivida pelo indivíduo. Para ocorrer as conexões sinápticas os neurônios liberam substâncias químicas denominadas neurotransmissores, substâncias essas que se colocam entre os neurônios possibilitando assim tais conexões.

Ainda Ekman (2004) destaca o sistema límbico, que está localizado na região interior do cérebro. Aí tem-se o tálamo, que possui função de recepção sensorial, com exceção do olfato. O hipotálamo desempenha importantes funções psíquicas e psicomotoras e sabe-se que alguns estados de hiperexcitabilidade ou de depressão ocorrem em função de transtornos funcionais nos centros hipotalâmicos. O hipocampo transforma informação a partir da memória e por sinais elétricos as envia a regiões de armazenamento de longo prazo. Existe aí a comparação entre as informações armazenadas nas regiões de curto prazo com as de longo prazo que são as experiências vivenciadas pelo indivíduo. A formulação do sentido da informação ocorre nesse processo. A amígdala, que está colada ao hipocampo, é responsável pelas emoções, como, por exemplo, o medo. Aí os componentes emocionais das lembranças são armazenados.

Segundo Gómez (2004, p. 31), a estrutura psíquica dá sentido à percepção do ser, enquanto a organização cognitiva organiza toda a informação recebida de uma forma peculiar de acordo com as experiências vivenciadas pelo ser. Práticas culturais e sociais, bem como a condição de equilíbrio psíquico da pessoa relacionam-se com a aprendizagem.

Piaget (1972 apud BELSKY, 2010) com seu modelo biológico, preconizou que o homem é direcionado à busca do equilíbrio entre as suas necessidades biológicas

de sobrevivência e às situações de insucessos em tais buscas. Nesse processo o indivíduo organiza-se selecionando as suas condutas segundo as suas necessidades de adaptação, contendo as práticas de *assimilação* que são novos dados incorporados e *acomodação* que consiste na nova adaptação das suas estruturas mentais à nova gama de conhecimento.

2.2 O MODELO PROPOSTO POR PIAGET

Um primeiro resultado geral se impôs e se impõe, sempre com maior força: é o papel ativo e construtivo do sujeito pensante no ato do conhecimento, do sujeito pensante com relação à simples aquisição do simples requisito das propriedades do objeto. (PIAGET, 1954).

Para entendermos o modelo denominado por Piaget como epistemológico genético se faz necessária a apresentação de alguns de seus conceitos que são: *esquemas*, *assimilação*, *acomodação*, *equilibração* e os *estágios de desenvolvimento*.

Para Piaget (1963, p. 51), um *esquema* é uma estrutura mental, um conjunto fechado. É mais fácil reconhecer uma estrutura que dar uma definição geral deste conceito. A característica mais importante é a do fechamento. Considerando-se, por exemplo, uma sequência numérica de números inteiros: 1_2_3_4_5_6_7_8_... sabe-se que o conjunto dos números naturais atende a tal sequência. O fechamento não significa acabamento, assim considerando-se a seguinte sequência: 1_1, 5_2_2, 5_3_3, 5_... o conjunto dos números naturais deverá ser integrado ao conjunto dos números fracionários e retrata o que buscamos demonstrar, e assim ter-se-á um esquema modificado para adaptar-se a uma nova sequência a uma nova necessidade.

A *assimilação*, para Piaget, relaciona-se ao organismo, e à conservação da sua forma. Assim no exemplo dado, os números (objetos) 1_ 2_ 3_... são números facilmente assimilados no conjunto (esquema) dos números naturais, diante da sequência não ocorre a modificação ou criação de um novo esquema para tal assimilação.

Piaget (1954) descreve a assimilação como uma integração dos dados exteriores às estruturas, que são elaboradas pelo sujeito.

A *acomodação* relaciona-se à situação exterior, em função da qual o organismo se modifica. Aqui, neste caso, a alteração na estrutura anterior resultou em um novo esquema que se traduziu pela integração de um conjunto ao outro para posterior assimilação é um exemplo de acomodação.

Com relação à *equilibração*, Piaget (1954, p. 41) afirma que:

Nós só agimos quando estamos momentaneamente desequilibrados. Claparède demonstrou que o desequilíbrio se traduz por uma impressão afetiva *sui generis*, que é a consciência de uma necessidade. A conduta chega ao final quando a necessidade está satisfeita: o retorno ao equilíbrio é marcado, então por um sentimento de satisfação.

Equilibração é estabelecida através de um desequilíbrio momentâneo, em que busca-se assimilar o novo aos esquemas presentes e, caso os esquemas não atendam a esta nova situação, a este novo objeto, a alteração do esquema presente ou formação de um novo esquema será necessário para assim ocorrer a assimilação e uma nova condição de equilíbrio será atingida, temos aí a *equilibração*.

Recorremos mais uma vez à situação das operações numéricas, assim, quando se depara com uma divisão em que o resultado não é um número inteiro e só momentaneamente dispõe-se apenas deste conjunto, que é fechado à soma e à multiplicação, mas não acabado em todas as operações numéricas, um desequilíbrio ocorre, temos uma *desequilibração* e alterando-se o esquema, agora com o conjunto dos números fracionários pode-se assimilar a situação e novo equilíbrio será atingido. Assim em 7:2 não temos solução (*assimilação*) no conjunto dos números naturais, contudo com o novo conjunto dos números fracionários (*acomodação*) teremos 3,5 como solução (*assimilação e equilibração*).

Com referência aos *estágios de desenvolvimento* Wadsworth (1997) aponta que Piaget afirma em um sentido mais amplo, que as mudanças cognitivas e intelectuais resultam de um processo de desenvolvimento. Dividiu nesse sentido mais amplo o desenvolvimento em quatro estágios. As passagens entre os estágios são variações contínuas e não repentinas.

2.3 O DESENVOLVIMENTO HUMANO

Insistimos, novamente para concluir sobre a interação constante e dialética entre afetividade e inteligência, que se desenvolvem e se transformam solidariamente. (PIAGET, 1963, p. 74).

As discussões entre os teóricos sobre a díade desenvolvimento e aprendizagem são diversas. Por exemplo, segundo Cole (2008), Binet³ e outros defendem que o desenvolvimento é sempre um pré-requisito para a aprendizagem. Admitem que o desenvolvimento ocorre antes da aprendizagem e que condições associadas à maturação de algumas funções biológicas do indivíduo são necessárias para que ocorra a aprendizagem perseguida em tal momento da vida. Aí o aprendizado segue a trilha do desenvolvimento.

Cole (2008, p. 89) mostra outra posição defendida por James⁴, referente a tal debate, que aprendizado é desenvolvimento. O desenvolvimento é visto como um conjunto dos reflexos condicionados e é concebido como elaboração e substituição de respostas inatas.

Outra abordagem também mostrada por Cole (2008), Koffka⁵ indica que o desenvolvimento ocorre em dois processos diferentes e relacionados. A maturação, que depende do desenvolvimento do sistema nervoso, e o aprendizado, que é um dos processos de desenvolvimento. Nessa abordagem, o processo de aprendizado estimula e faz avançar a maturação.

Segundo Belsky (2010, p. 49), a teoria do desenvolvimento cognitivo de Piaget apresenta o progresso no tocante à capacidade intelectual de quatro estágios entre a infância e a adolescência do ser humano que são: *sensório motor*, *pré-operacional*, *operacional concreto* e *operacional formal*.

Destaca-se que a pesquisa será realizada com alunos na faixa etária em torno dos 11 anos, estando, portanto, entre os estágios operacional concreto e operacional formal, segundo Piaget.

³ Alfred Binet (1857-1911) pedagogo e psicólogo francês, ofereceu contribuições no campo da psicometria.

⁴ William James (1842-1910) psicólogo e filósofo americano, precursor da psicologia funcional.

⁵ Kurt Koffka (1886-1941) psicólogo da Gestalt, corrente da psicologia que indica que para entender as partes é necessário antes compreender o todo.

2.3.1 O desenvolvimento humano sob a óptica piagetiana

Com referência aos estágios de desenvolvimento, Piaget (1963 apud WADSWORTH, 1997) afirma em sentido mais amplo que as mudanças cognitivas e intelectuais resultam de um processo de desenvolvimento. Dividiu nesse sentido mais amplo o desenvolvimento em quatro estágios. As passagens entre os estágios são variações contínuas, e não repentinas. De um modo geral, Piaget assim apresentou os estágios do desenvolvimento cognitivo:

Quadro 1– Os estágios de desenvolvimento segundo Piaget

| Estágio | Faixa etária |
|----------------------|----------------------|
| Sensório-motor | 0 a 2 anos |
| Pré-operacional | 2 a 7 anos |
| Operacional concreto | 8 a 12 anos |
| Operacional formal | A partir dos 12 anos |

Fonte: Abreu (2016).

- a) Estágio sensório-motor (0-2 anos). O comportamento é predominantemente motor. A criança ainda não representa eventos internamente e não “pensa” conceituadamente; contudo, o desenvolvimento cognitivo é verificado à medida que os esquemas são construídos.
- b) Estágio pré-operacional (2-7 anos). É caracterizado pelo desenvolvimento da linguagem e outras formas de representação e pelo rápido desenvolvimento conceitual.
- c) Estágio operacional concreto (8-12 anos). A criança desenvolve a capacidade de aplicar o raciocínio lógico a problemas concretos no presente, porém ainda não abstrai.
- d) Estágio das operações formais (a partir dos 12 anos). As estruturas cognitivas da criança alcançam seu nível mais elevado de desenvolvimento, as crianças aí já abstraem e tornam-se aptas para aplicar todas as classes de problemas.

Piaget (1954), ainda descreve:

Sensório motor, de 0 (zero) a 2 (dois) anos: fase em que a manipulação de objetos tem a função de determinar a realidade. Este estágio termina com o desenvolvimento da linguagem.

Pré-operacional, de 2 (dois) a 7 (sete) anos: fase em que as percepções são capturadas por sua aparência imediata. Nessa fase as crianças acreditam ainda que os objetos inanimados possuem vida própria.

Operacional concreto, de 8 (oito) aos 12 (doze) anos: as crianças já possuem uma compreensão realista de mundo, mas não conseguem pensar de maneira abstrata.

Operacional formal, a partir dos 12 (doze) anos: o raciocínio apresenta-se hipotético, científico, flexível, plenamente adulto. O pleno potencial humano cognitivo é atingido.

Para Piaget (1954), a afetividade em todos esses estágios mostra-se presente conduzindo a pessoa a empenhar-se em suas práticas associadas ao desenvolvimento cognitivo, desde o puxar de um lençol por parte de um bebê para aproximar um brinquedo que está distante de suas mãos e consegue com este recurso pegá-lo até a percepção do adolescente da sua maior autonomia, da importância das questões relacionadas ao coletivo, novas estruturas mentais decorrem, a motivação conduzirá à autoestima, o estado afetivo é traduzido por uma satisfação.

Como mostra Belsky (2010, p. 49), Piaget acreditava que em cada um desses estágios a peculiaridade de entender o ambiente está presente, e Piaget classificava como estágios qualitativamente diferentes de desenvolvimento cognitivo, comparando as fases não pelo indivíduo saber mais ou menos, mas por entenderem o mundo de forma diferente. Entendia também que existia uma continuidade no desenvolvimento e o crescimento mental ocorre por meio da *assimilação* em que buscamos o entendimento do mundo segundo as nossas capacidades ou estruturas cognitivas existentes, os esquemas e à medida que novos conhecimentos são adquiridos, ocorre o *desequilíbrio*. Nesse momento novos esquemas são formados, o ser passa a compreender o mundo de outra forma ocorrendo a *acomodação*.

No presente trabalho, os alunos pesquisados encontram-se na faixa etária dos em torno dos 11 anos de idade, enquadrando-se na faixa considerada limítrofe entre a infância e a puberdade. Nesse momento a pessoa busca o seu enquadramento junto aos grupos sociais aos quais ela está contida. Muito comum é a inquietação nesta fase em que o indivíduo já com certo nível de maturidade não percebe ainda de forma

clara as suas tendências, buscando a identidade com pessoas idealizadas nos seus espaços sociais. Conflitos com pais e professores nesta fase não são infrequentes, momento em que, segundo Ferreira (2003), o indivíduo luta também na busca do seu papel produtivo. O afeto oferecido pela família e os suportes oferecidos por outros sistemas, como a escola e a comunidade, nos quais o adolescente esteja inserido são preponderantes para um desenvolvimento saudável.

Como bem aponta (NOACK, 2007), nessa idade o adolescente está sujeito à dinâmica de conflitos, o que nos picos da crise pode levar a estados mentais contraditórios, como a uma alta vulnerabilidade ou a propensão para grandes perspectivas imagináveis de futuro. Assim, as situações de crise na adolescência fariam parte natural do próprio desenvolvimento da pessoa, antes do qual não poderia surgir uma crise verdadeira, por questões de condições prévias físicas, intelectuais e sociais.

Segundo Ferreira (2003), os fatores intrapessoais, interpessoais e os valores culturais influenciam a formação da identidade do indivíduo. Os fatores intrapessoais estão associados às características inatas e aspectos da personalidade e os fatores interpessoais abarcam as identificações com outras pessoas e os aspectos culturais que correspondem aos valores sociais os quais a pessoa está contida nas esferas comunidade e globais.

Ainda para Ferreira (2003), quanto mais desenvolvida está a identidade do indivíduo, menos o indivíduo necessita do apoio de opiniões de outros para avaliar-se e percebe mais a distinção entre pessoas.

2.3.2 O desenvolvimento afeto-cognitivo na visão piagetiana

Jean Piaget, epistemólogo genético⁶, que através de seus trabalhos apresentou um modelo que buscou descrever o desenvolvimento cognitivo da pessoa e também mostrou o papel da afetividade durante este desenvolvimento.

Distante de quaisquer pretensões, diante da complexidade que exige tal questão, Piaget cuidadosamente apresenta o seu modelo epistemológico genético atentando para destacar o paralelismo entre o afetivo e o cognitivo ao longo do desenvolvimento.

⁶ Assim Piaget denominava-se; discurso em 1972, Prêmio Erasmo.

Piaget elaborou conceitos referentes ao desenvolvimento cognitivo do ser humano. A cada percepção de um objeto novo no ambiente ou maneira distinta de se perceber o objeto corresponde a uma mudança no ambiente, daí novas estruturas para o entendimento deste são formadas, temos a adaptação. De forma contínua ocorrem a organização e adaptação. Essas formas de organizar e adaptar acontecem de maneiras distintas ao longo dos quatro estágios apresentados por Piaget. Essas passagens entre os estágios são variações de caráter contínuo que ocorrem de forma gradativa e não abrupta de um estágio para outro.

Apresentamos o modelo elaborado por Piaget (1954, p. 56) referente aos *estágios de desenvolvimento* intelectual e afetivo que considera em um sentido mais detalhado as mudanças durante o desenvolvimento. Assim, Piaget dividiu em seis estágios sendo os três primeiros (I, II, III) referentes ao Desenvolvimento Intelectual, associado à Inteligência Sensório-Motora e ao Desenvolvimento Afetivo, os Sentimentos Intraindividuais. Os três estágios seguintes (IV, V, VI) referem-se ao Desenvolvimento Intelectual, à Inteligência Verbal e ao Desenvolvimento Afetivo, os sentimentos Interindividuais.

No estágio I, com caráter não socializado, a inteligência apresenta-se através dos reflexos como o sugar, o chorar e, no tocante à afetividade, emoções já são sinalizadas através do medo.

O estágio II, até os oito meses, caracteriza-se pelas primeiras aquisições em função da experiência, antes da inteligência sensório motora propriamente dita, aparecem aí os primeiros hábitos e percepções diferenciadas. Paralelamente, o afetivo mostra-se por afetos perceptivos como prazeres e dores ligados às percepções e o sentimento desagradável.

O estágio III, de 6 a 8 meses até a aquisição da linguagem por volta dos 2 anos. Piaget (1954, p. 88) aponta que a inteligência mostra-se sensório-motora no desenvolvimento afetivo das regulações elementares como ativação, reações e terminação com sentimento de sucesso ou fracasso. Por volta dos 6 meses, mais ou menos, a criança sorri para o adulto que entra no seu quarto, já em torno dos 8 ou 9 meses, seus sorrisos são discriminativos associados a familiares ou estranhos.

A linguagem abre a possibilidade de representações, o mundo simbólico ganha espaço. Amplia-se a diferenciação entre o eu e o não eu. A percepção de contato com o outro mostra-se em seus primeiros momentos, as primeiras formas de sentimentos interindividuais, o que proporciona então a descentralização da afetividade, limitada

até então em si mesmo. A afetividade intraindividual dá espaço à afetividade interindividual que passa a incidir sobre o outro exterior. As trocas com o outro, sorrisos, por exemplo, formas de sentimentos se desenvolverão.

O estágio IV, referente às operações pré-operacionais, de 2 a 7 anos que no seu desenvolvimento intelectual já possui a inteligência verbal como recurso, habilitando a interação social, as ações são interiorizadas por um pensamento elementar ainda não reversível. Com relação ao desenvolvimento afetivo, os sentimentos já apresentam caráter interindividuais, as trocas afetivas com pessoas mostram-se presentes. Passa a ocorrer uma reciprocidade de atitudes, que Piaget cuidadosamente sugere que entendamos como simpatia, não uma mera troca, mas uma valorização mútua. Surgem aí os primeiros sentimentos morais.

O estágio V que corresponde às operações concretas, dos 7 aos 11 anos operações elementares de classe e de relações percebe-se no plano intelectual. Com relação à afetividade, surgem os primeiros sentimentos morais autônomos, com intervenção da vontade, onde o justo e o injusto já são entendidos de uma forma autônoma, não pela mera obediência a uma regra.

O estágio VI, operações formais, começando dos 11 aos 12, mas só se realiza plenamente dos 14 aos 15 anos, no plano intelectual, a abstração já é uma prática, a lógica das proposições é liberada do conteúdo com referência à afetividade, os sentimentos ideológicos mostram-se presentes os sentimentos interindividuais envolvem ideais coletivos. A personalidade é elaborada paralelamente e a pessoa assume papel e objetivos.

A afetividade em todos esses estágios mostra-se presente, conduzindo a pessoa a empenhar-se em suas práticas associadas ao desenvolvimento cognitivo, desde o puxar de um lençol por parte de um bebê para aproximar um brinquedo que está distante de suas mãos e consegue com este recurso pegá-lo até a percepção do adolescente da sua maior autonomia, da importância das questões relacionadas ao coletivo, novas estruturas mentais decorrem, a motivação conduzirá a autoestima, o estado afetivo é traduzido por uma satisfação.

3 O AFETO DE FAMÍLIA – A AFETIVIDADE NO AMBIENTE FAMILIAR

O afeto de família que referimos neste trabalho, é toda afetividade presente no ambiente familiar, na percepção do jovem adolescente, associada a toda gama de cuidados, de mobilizações, sentimentos, emoções, vontades, assim, como aponta Piaget (1954, p. 39): “A afetividade é compreendida como os sentimentos propriamente ditos, e em particular, as emoções bem como as diversas tendências e em particular a vontade”.

Segundo Moreira (2012), a família vem sofrendo transformações continuamente, momento em que observamos que os seus atores buscam os seus papéis permanentemente. Assim, a mulher que desempenhava o papel de cuidadora, ocupando-se apenas das tarefas domésticas, assume atualmente maior espaço no mercado de trabalho, reduzindo assim o seu tempo para as tarefas domésticas que antes desempenhava. O pai, que antes ocupava o lugar de provedor de forma exclusiva, hoje busca encontrar-se em seu papel. Presenciando este contexto os filhos desenvolvem-se assumido hoje um contato com uma tecnologia que favorece a comunicação a qualquer hora para quaisquer pessoas em qualquer lugar em que estejam.

Nesse contexto, temos então uma família contemporânea. Família esta que vem assumindo as diversas configurações. Buscar-se-á mostrar a sua participação frente ao que foi apresentado.

O papel biológico, o desenvolvimento sensório-motor com o corpo da mãe, os primeiros exercícios de presença de elementos que se movimentam, que possuem movimento próprios, que emitem sons, que transmitem expressões já compõem o quadro dos primeiros meses de vida da criança.

Rabinovich (1991) mostra a importância da mãe ou cuidador ou cuidadora nos primeiros tempos de vida a criança.

O desenvolvimento da linguagem, a diferenciação do eu conforme aponta Piaget (1954), em relação ao outro que de formas progressivas são favorecidos por estímulos produzidos por quem cuidar e ou que conviver, que de forma expressiva inicia-se pela imitação, e depois pela capacidade de representar simbolicamente o seu ambiente inclusive por este recurso.

Piaget (1954, p. 167) afirma que já no nível sensório-motor o sucesso ou o fracasso de uma ação qualquer influencia a continuidade das ações do indivíduo, no sentido de que o sucesso reforça, aumenta a confiança, e o fracasso inquieta e angustia e diminui a confiança. Recursos de regulação assumem papel de importância frente a tal contexto, no tocante à energia desprendida para a conclusão da ação, que desenvolve-se continuamente. A atitude familiar neste contexto assume grau de importância.

Piaget (1954, p. 167), descrevendo o estágio IV, trata da autovalorização, mais do que a troca, a relação com o outro, mas de uma espécie de troca consigo mesmo em resposta à troca com o outro. A autovalorização se exprime pelos sentimentos de inferioridade e de superioridade. Tem-se aí um sentimento que ultrapassa as situações perceptivas atuais, dá lugar a um valor, uma avaliação durável, e se apreciar como inferior ou igual aos outros ou indiferente, sendo esses sentimentos mais ou menos duráveis e de uma grande importância na vida. A medida do reconhecimento por arte da família, até aos adultos compatibiliza-se com o exposto.

Piaget (1954, p. 170) ainda aponta que a cada momento nós temos a necessidade da apreciação dos outros. Ao menos em segundo plano, da estima e da aprovação de alguém. Representamos, mesmo quando ela não se manifesta efetivamente, mesmo quando a nossa ação não é pública.

Piaget (1954, p. 148) afirma que um objeto tem valor quando enriquece a própria ação e uma pessoa tem valor quando ela enriquece o campo da própria ação. Tal enriquecimento pode ser a interação de forças, podendo ser objetos ou pessoas fonte de energia para a própria ação, exercendo por exemplo pressões, exigências.

Com referência ao valor, que é elemento de caráter rico em subjetividades, a sua atribuição por parte de cada indivíduo é subjetiva, este apresenta destacada importância na definição de vontade apresentada por Piaget (1954), vontade que compõe uma das representações da afetividade.

Piaget, ao descrever o estágio V, destaca as ações, apontando que uma ação pode assumir nesse estágio o caráter de reversibilidade, ou seja, a possibilidade de assimilar que toda operação direta corresponde a uma inversa, um sentido duplo das ações. Apresenta também a vontade que é o elemento que intervém unicamente em caso de conflito de tendências (conflito entre paixão e um dever ou entre um interesse do indivíduo e um sentimento social e outros). Citando James, Piaget (1954, p. 235) parte da situação em que se apresenta para a pessoa uma tendência forte e uma

tendência fraca. A vontade se apresenta no ato em transformar uma tendência fraca em forte e forte em fraca. Vemos que tal prática está associada à perseverança e persistência, atitudes que podem ser disseminadas no ambiente familiar.

Kegan (1994, apud WADSWORTH, 1997, p. 178) expõe que as pessoas têm melhor desenvolvimento quando vivenciam continuamente em seus diversos ambientes, inclusive na família, uma ingênua mistura de apoio e desafio. Com a sobrecarga de desafios, exigências cognitivas muito altas sem adequado suporte estimulam o retraimento. Já os ambientes sobrecarregados de apoio sem correspondente desafio, são entediantes. Os dois extremos levam ao desestímulo e à fuga. O equilíbrio entre apoio e conflito leva a um engajamento vital, favorecendo o desenvolvimento e o amadurecimento psicológico.

No tocante aos valores morais, discorridos por Piaget (1954, p. 208), é mostrado que o sentimento de autonomia apresenta-se na forma que o sentimento do ser que precisa fazer não é uma simples obediência. A forma heterônoma, normalmente dos 2 aos 7 anos, precede a autônoma à medida que essa é caracterizada pela execução do que se precisa, somente pela obediência. A autonomia é estimulada através dos diálogos, provenientes de variadas questões nos ambientes, tendo o ambiente familiar importância destacada.

A bem verdade que, segundo Piaget (1994), nos princípios, o adulto é um Deus para a criança, a ordem dos pais basta para formar a consciência de dever.

La Taille et al. (1992, p. 57) destaca a importância da ação dos adultos, dos pais e dos professores no desenvolvimento moral das crianças.

Segundo Piaget (1954, p. 208), a forma autônoma assume a sua plenitude no estágio VI, concluído por volta dos 14 aos 15 anos, momento em que a criança no ato do fazer decide sentir e por si mesma o que é preciso fazer e o que não deve fazer, independentemente de uma simples subordinação. Muito comum nessa fase ocorrerem os conflitos entre os adolescentes e seus pais.

Ainda no estágio VI, sentimentos correlativos aos ideais coletivos manifestam-se, e são tais sentimentos que permitem ao adolescente participar da afetividade coletiva do adulto, da consciência coletiva sob seu aspecto emocional como intelectual.

Nesse momento as relações apresentam elementos de conservação, as mesmas não apresentam volatilidade referente ao reconhecimento de uma ação.

Gomes (2015) aponta os bens relacionais, que são não materiais, decorrentes das relações entre as pessoas em um meio social incluindo familiares distantes, de cooperação e não possuem uma mensuração direta. Os bens relacionais figuram como elementos de significativa importância para a vida das pessoas.

Piaget destaca que as relações entre afetividade e inteligência são naturalmente individuais, não tendo ele a pretensão de estabelecer padrões entre os indivíduos, destacando inclusive o papel do meio familiar nesta diferenciação.

Vale ressaltar que, quando nos referimos à família, estamos considerando os movimentos decorrentes da dinâmica social que a abrange e suas diversas configurações na contemporaneidade.

A afetividade na visão de Piaget (1954, p. 37) possui um papel acelerador ou perturbador para as operações da inteligência. Sabe-se por exemplo que um aluno motivado apresenta um rendimento considerável frente a um aluno que possui por exemplo um sentimento de inferioridade. Assim, minado de sua própria confiança, este terá seu desempenho cognitivo visivelmente comprometido. Verdadeiros bloqueios são criados, podendo então impedir, pelo menos provisoriamente, que o mesmo venha a compreender alguma regra matemática, por exemplo.

A família pode favorecer ou não ao desenvolvimento desse sentimento de autoconfiança, levando esta criança a possuir sentimento de inferioridade ou não diante de determinados contextos, sendo os mesmos implicantes na tarefa da aprendizagem e por dizer no desenvolvimento intelectual.

Piaget (1954, p. 167) afirma que no nível sensório-motor o sucesso ou o fracasso de uma ação qualquer influencia a continuidade das ações do indivíduo, no sentido de que o sucesso reforça, eleva a confiança, e o fracasso inquieta, angustia e reduz a confiança. Recursos de regulação assumem papel de importância frente a tal contexto no tocante à energia despendida para a conclusão da ação, que desenvolvem-se continuamente. O persistir ou desistir estão aí associados. A atitude familiar neste contexto assume grau de importância.

Piaget (1954, p. 167), descrevendo o estágio IV, trata da autovalorização, mais do que a troca, a relação com o outro, mas de uma espécie de troca consigo mesmo em resposta à troca com o outro. A autovalorização se exprime pelos sentimentos de inferioridade e de superioridade. Tem-se aí um sentimento que ultrapassa as situações perceptivas atuais, dá lugar a um valor, uma avaliação durável, e se apreciar como inferior ou igual aos outros ou indiferente, sendo esses sentimentos mais ou

menos duráveis e de uma grande importância na vida. A medida do reconhecimento por arte da família é marca desta autovalorização, desta autoestima.

Piaget (1954, p. 170) ainda aponta que a cada momento nós temos a necessidade da apreciação dos outros. Ao menos em segundo plano, da estima e da aprovação de alguém. Apresenta-se como significativo elemento de percepção de afetividade. Representa-se, mesmo quando não se manifesta efetivamente, mesmo quando a nossa ação não é pública.

Piaget (1954, p. 148) afirma que um objeto tem valor quando enriquece a própria ação e uma pessoa tem valor quando ela enriquece o campo da própria ação. Tal enriquecimento pode ser a interação de forças, podendo ser objetos ou pessoas incluindo o ambiente familiar, fonte de energia para a própria ação, exercendo por exemplo pressões e exigências.

Com referência ao valor, que é elemento de caráter rico em subjetividades, a sua atribuição por parte de cada indivíduo é subjetiva, este apresenta destacada importância na definição de vontade apresentada por Piaget (1954), vontade que compõe uma das representações da afetividade.

Piaget (1954), descrevendo o estágio V, mostra a reversibilidade e destaca as ações, apontando que uma ação pode assumir nesse estágio o caráter de reverso, ou seja, a possibilidade de assimilar que toda operação direta corresponde a uma inversa, um sentido duplo das ações. Apresenta também a vontade que é o elemento que intervém unicamente em caso de conflito de tendências (conflito entre paixão e um dever ou entre um interesse do indivíduo e um sentimento social e outros).

A autonomia é apresentada por Piaget (1954, p. 208) descrevendo os valores morais em que é mostrado que o sentimento de autonomia apresenta-se na forma que o sentimento do que se precisa fazer não é uma simples obediência. A forma heterônoma, normalmente dos 2 aos 7 anos, precede a autônoma à medida que essa é caracterizada pela execução do que se precisa somente pela obediência. A autonomia é estimulada através dos diálogos, provenientes de variadas questões nos ambientes, tendo o ambiente familiar importância destacada.

Com isto, além do caráter indissociável entre afetividade e cognição apresentado por Piaget (1954, p. 74), a afetividade conduz a pessoa ao sentimento de autoconfiança, autoestima, reduzindo a possibilidade do sentimento de inferioridade na afetividade, as emoções não ocorrem sem o componente cognitivo,

ou seja, a afetividade praticada tenderá a ser construída como afirma Piaget (1963) seja ela positiva ou negativa.

A afetividade oferecida nos ambientes da criança tem papel destacado no desenvolvimento cognitivo da pessoa em desenvolvimento. Como preconiza Piaget (1954), não há desenvolvimento cognitivo sem afetividade e vice-versa. A afetividade no ambiente familiar, que é objeto desta investigação, tem papel importante neste desenvolvimento. Outros fatores apresentam-se frente a tal relação, entre eles a escola, contudo, através de um recorte visando a atender aos objetivos deste trabalho, ênfase maior será dada ao contexto familiar.

Menezes (2012) alude Freud ao afirmar o natural ato da amamentação, em que fortes impressões já constituirão o ser no tocante ao convívio com o prazer e como o ser enfrentará as mais variadas situações em sua vida incluindo as frustrações. Esta experiência de afeto (mãe e bebê), já se apresenta como importante base para a construção afetiva na vida da pessoa.

Freud (1916) descreve o afeto, como a percepção da qualidade da quantidade das pulsões do indivíduo.

Ainda Freud (1920) afirma que pelas pulsões, temos a natureza humana inapta a conseguir satisfazer os seus desejos em sua plenitude, daí a energia entre o consciente e o inconsciente tem como base uma idealização ou uma afetividade. Momento em que a idealização tem suas bases no inconsciente e a afetividade no consciente, e, ainda assim, a afetividade sofre influências do inconsciente pelo recalque, que possui como função a busca da anulação do afeto.

O afeto ainda está associado às bases iniciais de construção do indivíduo associados aos mais variados significados adquiridos por sua existência.

Aproximamos ainda a afetividade, quando Freud na apresentação do complexo de Édipo, mostra a bivalência do amor e o ódio, fase do desenvolvimento da criança em que disputa com progenitor do mesmo sexo o amor do progenitor de sexo oposto.

Dizemos ainda que o afeto é sim uma das manifestações da existência do amor. Este afeto está associado às sensações percebidas pelos indivíduos sejam positivas (prazerosas) ou negativas (não prazerosas). Ainda embasando tal fenômeno há os princípios do prazer e da realidade, em que Freud (1920) mostra que coadunam de forma contínua entre o inconsciente e o consciente do indivíduo em que, é favorável ao indivíduo, a situação de equilíbrio entre esses.

Assim afirma Freud (1911):

A educação pode ser descrita, sem hesitação, como um incentivo à superação do princípio do prazer, à substituição dele pelo princípio da realidade; ela pretende ajudar no processo de desenvolvimento que afeta o Eu, recorre para isso a prêmios de amor oferecidos pelo educador, e por isso falha se a criança mimada pensa que de todo modo possui esse amor e que em nenhuma circunstância o perde.

O amor referido por Freud na situação acima, é afeto consubstanciado pelo acolhimento por parte do educador, compondo recursos para a vivência do princípio da realidade, que é a necessidade da educação para o jovem. Contudo, o excesso do mimo, passando inclusive pela convivência familiar, pode gerar consequências não favoráveis quando do cessar de tais tratamentos traduzidos por afeto no desenrolar da vida do indivíduo.

O afeto de família para com os filhos que esta pesquisa investigou é o sentimento de pertencimento, que é, segundo Silva (no prelo), o sentimento que conforta o ser ao saber que faz parte de uma família que através de seus mitos, crenças, premissas, valores e relacionamentos, possui uma identidade que lhe é peculiar, o sentimento de cuidado recebido, da atenção recebida, do respeito da responsabilidade para com estes adolescentes vindo dos seus pais ou responsáveis, da mobilização por parte dos pais ou responsáveis para oferecer-lhes uma condição melhor que a vivida, enfim é toda a gama de cuidados oferecidos aos filhos e o que estes movimentos significam para estes.

Segundo Moreira (2012), com as mudanças que vêm ocorrendo na sociedade contemporânea, sobretudo com a maior participação da mulher no mercado de trabalho, o pai já não possui somente aquele papel de provedor para a família. Este agora busca um novo papel, e em alguns casos, participando mais na atenção dos filhos. Contudo, as mães assumem ainda um maior número de tarefas referentes aos cuidados com os filhos. A percepção por parte das crianças, neste momento de mudanças sociais, é também importante observar.

Tratando-se do ambiente familiar, segundo Mosmann (2011), a qualidade das relações conjugais transbordam para a percepção dos filhos influenciando no desenvolvimento desses.

Solís (2002) retrata que as relações entre mães e filhos e pais e filhos quando se apresentam de forma recíproca, equitativa, as crianças tendem a apresentar melhor desenvolvimento e melhor rendimento na escola.

Ainda segundo pesquisa realizada por Mosmann (2011), casais que apresentam uma relação deficitária, com constantes conflitos e desacordos não chegando a uma solução, perpassando até por vias de agressão, gera aos filhos a sensação de insegurança no tocante à continuidade do lar, também comprometendo o seu desenrolar o seu desenvolvimento, nos seus diversos sistemas sociais incluindo a escola.

Para La Taille et al. (1992, p. 65), sob as bases piagetianas, temos o afeto como nada de misterioso e mostrado que afetividade é comumente interpretada como uma energia, algo que impulsiona as ações. Existe uma relação entre as bases morais da pessoa e a afetividade na construção da percepção do afeto e o desenvolvimento sob a óptica de Piaget.

Para Piaget, o desenvolvimento da inteligência permite cada vez mais maior número de objetos ou situações que vem gerar motivação na pessoa, e ao longo desse desenvolvimento a base continua a mesma: a afetividade é a mola propulsora das razões e a razão sob o seu serviço.

Para La Taille et al. (1992), a percepção de justiça para o adolescente, na visão de Piaget, é o suporte para o sentimento de afetividade. O que não é justo não parece como afetivo, justiça esta que é engendrada pelos conceitos morais apresentados pelos pais nas fases iniciais do desenvolvimento. Fases iniciais que a criança assume um comportamento de cumprir porque foi uma regra apontada, não estando ainda madura por perceber que as normas estão para o bom convívio social. Nesta maturação da criança, nota Piaget que a criança adquire a habilidade de colocar-se no lugar do outro e questionamentos referentes às normas são comuns nesta fase. Coerção e cooperação são formas de conduzir esta criança ao longo do seu desenvolvimento, destacando Piaget que a coerção não estimula o desenvolvimento da criança visto que o exercício do questionamento e do diálogo quando pouco ou não praticado, conduz a um desenvolvimento não compatível com as necessidades que terá este ser quando integrante dos diversos grupos sociais. Já as práticas colaborativas apresentam a possibilidade de a criança participar ativamente no entendimento das normas, das regras no momento em que essas questionam e

encontram receptividade nesses questionamentos, favorecendo assim ao desenvolvimento do ser.

Por esses caminhos o ser desenvolve-se, assumindo a percepção da sua participação na sociedade, entendendo que o justo está associado ao bem-estar coletivo e o porquê de cumprir regras e leis, tendo daí a motivação alimentada pelo desejo da coletividade, coletividade a qual pertence como elemento ativo. As suas ações não são meramente obedecer a normas para não sofrer sanções e sim balizadas pela percepção do que é justo.

Por essas premissas, Piaget mostra que o que não é justo para a pessoa não contém afetividade para a mesma. Na prática, temos o exemplo do menino que sempre era solicitado por sua mãe para uma coisa e o outro irmão não. Por sua mãe declaradamente aceitar a condição ao irmão de “preguiçoso”, sobrecarregava-o. O garoto que era sempre solicitado a tal tarefa percebia uma prática injusta, percebia falta de afetividade para com ele.

Para La Taille et al. (1992), a óptica de Vygotsky revela ao elemento linguagem através dos signos a canalização do desenvolvimento do ser, seja interpsicologicamente, o ser e a realidade sociocultural e intrapsicologicamente, no tocante às funções associadas à consciência as experiências que são internalizadas, destacando aí o papel do significado que se apresenta construído, acabado, padronizado e o sentido do aspecto afetivo percebido pela pessoa, que é peculiar a cada um, trazendo componentes emocionais referentes à sua realidade sócio-histórica.

Por este ponto temos o aspecto cognitivo associado ao aspecto afetivo pelo componente linguagem, que contém a palavra em seu sentido que é peculiar para cada pessoa, nas suas formas possíveis de representação. Um exemplo: A palavra carro tem um significado afetivo para uma pessoa que está indo a uma concessionária comprar um, distinto para outra que sofrera um sério acidente automobilístico.

Como aponta Menezes (2012), o afeto desde os primeiros momentos de vida do indivíduo é experienciado por atos primórdios da existência da pessoa como o ato de mamar. O suplicar pelo atendimento de um desejo que é o da mama ou do mamar do bebê já podemos associar à condição de atendimento afetivo do ser e seus primeiros momentos de existência.

O afeto, na concepção de Henri Wallon, é descrito pelos sinais emocionais. Emoções como a alegria, o medo a surpresa, etc. Tais emoções podem assumir significados positivos ou negativos

Afetos positivos e afetos negativos mostram-se como a intensidade e a frequência com que as pessoas vivenciam emoções, segundo Lyubomirsky et al. (2005 apud ZANON, 2013). Indivíduos com altas frequências de afeto positivo experienciam episódios intensos e frequentes de prazer. Eles se consideram alegres, entusiasmados e confiantes. Ao passo que sujeitos com altos níveis de afeto negativo experienciam, frequentemente, episódios intensos de desprazer. De forma geral, essas pessoas percebem-se como tristes, desanimadas e preocupadas, segundo Watson (2005 apud ZANON, 2013).

Podemos ainda considerar o exemplo do exercício dos pais em mostrar limites a seus filhos. Na percepção do filho, tal transmissão pode denotar um afeto negativo, contudo, para os pais, tal prática é um afeto positivo, pois visa a educá-los.

Segundo Mahoney (2005), Henry Wallon afirma que a afetividade está presente e tem um papel em todos os estágios da vida do ser. Por volta dos 11 anos em diante, a criança busca organizar e visualizar o mundo em categorias. Isto favorece a autopercepção e atividades cognitivas que demandem categorização e classificação, possibilitando a consecução desta fase. Considerar também o que a criança já sabe, o que traz de sua realidade e o que aprende na escola é benéfico para o seu desenvolvimento. Esta fase é caracterizada pela exploração de si mesma, buscando colocar-se frente ao ambiente contrapondo-se muitas vezes aos adultos. A oposição nesta fase é uma constante, que possibilita maior percepção das diferenças entre ideias, crenças, o que favorece a construção do eu inclusive no campo produtivo.

Segundo Mahoney (2005), em todas as fases do desenvolvimento é necessária a determinação de limites para facilitar o convívio com os outros e tal prática também é afetividade.

Ainda para Mahoney (2005), o afeto apresenta-se como uma necessidade premente do indivíduo ao longo do seu desenvolvimento e estendido por toda vida. Por aí são acompanhadas as percepções de cuidado, de confiança e de pertencimento, originando então um dos pilares para um desenvolvimento integral saudável do indivíduo.

Quanto ao nível de dependência por cuidados do ser humano nos seus primeiros momentos da vida, Rabinovich (1991) escreve que Gould (1987) aponta o

ser humano como o mais dependente dos genitores nos primeiros momentos de vida a tempos posteriores. Afirma que o ser humano nasce com um quarto do tamanho total do seu cérebro já desenvolvido devido à limitação da pélvis da mãe, e com o cérebro nesta condição, o nível de dependência é considerável não tendo autonomia por exemplo para a sua locomoção nesta fase da vida. O equilíbrio postural nesta fase é inexistente, ao passo que tantos outros seres, segundos após o nascimento, apresentam considerável autonomia. Contudo, existe uma base preexistente que possibilita o seu desenvolvimento.

Segundo Menezes (2012), sob a óptica freudiana, este doar do cuidado físico, de fácil percepção é também acompanhado do doar afetivo, quando de toda a relação entre mãe e filho no ato natural do mamar. Nesse momento, pela concepção freudiana, o ser tem as suas primeiras experiências de prazer e frustração, configurando já o seu lastro psíquico.

Assim afirma Jacob et al. (1999, p. 153):

[...] o rendimento escolar rebaixado nas crianças do grupo com atraso escolar pareceu relacionado a sentimentos de fracasso e a uma autoimagem depreciativa, quadro que muito relaciona-se a condições afetivas empobrecidas e até violações dos direitos humanos.

Ainda segundo Jacob et al. (1999), pesquisas indicam que dificuldades associadas ao funcionamento afetivo e adaptativo compõem a procura por atendimento terapêutico em função do atraso escolar. As experiências depressivas afetam a energia produtiva tratando-se das funções cognitivas, mecanismo que parece manter-se a um nível elevado de exigência externa. Assim, poderia se pensar que o fracasso escolar mantém este círculo vicioso, de certa forma consumindo os recursos para responder a ele.

Destacar o ambiente familiar, em suas mais diversas configurações, como o primeiro ambiente de interação do indivíduo, buscando distância da banalização corrente por muitos, uma atenção diferenciada deve ser dada a este primeiro ambiente que quando transmite desde seus primeiros momentos de existência o sentimento de acolhimento, cuidado, atenção, confiança, disponibilidade entre outros que constroem a condição afetiva do ser, também é objeto de observação deste trabalho.

Como afirma Kreppne (2000, apud DESSEN; POLÔNIA, 2007 p. 24):

A formação dos vínculos afetivos não é imutável, pelo contrário, ela vai se diferenciando e progredindo mediante as modificações do próprio desenvolvimento da pessoa, as demandas sociais e as transformações sofridas pelo grupo sócio-cultural.

Dessen e Polônia (2007) afirmam que, além de a família adaptar-se às fases contínuas do desenvolvimento dos seus integrantes, incube-se também da manutenção de condições psicológicas favoráveis para esse desenvolvimento.

Para Cole (2007), na óptica vygotskiana a maturação do indivíduo está associada à exposição do indivíduo a novos ambientes, novas possibilidades de interação, novos conhecimentos. Temos o ambiente influenciando o desenvolvimento do indivíduo e também destacada a importância do protagonismo dos mediadores que aí figuram, que são os pais, professores e os próprios colegas de escola.

Considerando ainda as observações de Cole (2007), Vygotsky considerava que com a oferta do ambiente escolar para a criança, esta se beneficiará por uma matriz de interação consideravelmente maior que a matriz familiar. Ocorrerão aí relações além das com os professores, que serão com os seus colegas que trazem em sua bagagem as experiências familiares correspondentes. É uma matriz que contém significativo leque de combinações. O significado afetivo por esses ambientes para o indivíduo é uma constante, sendo elemento também de destacada importância a ser investigado neste trabalho.

4 COMO FAMÍLIA, ESCOLA E COMUNIDADE COMPARTILHAM SITUAÇÕES DE AFETO E COMO INTERFEREM NA APRENDIZAGEM

A família é o primeiro ambiente a acolher o homem dando-lhe nos seus primeiros momentos proteção, presente em todas as sociedades e é um dos primeiros ambientes de socialização do indivíduo, mediando os padrões, modelos e influências culturais (AMAZONAS; DAMASCENO; TERTO et al., 2003; KREPPNER, 1992, 2000, apud DESSEN; APOLÔNIA, 2007, p. 21-32).

Considera-se que não existem mais delimitações claras de fronteiras entre família e escola no modelo atual de educação. Sobre este fato, Montandon afirma que:

No passado, as fronteiras entre as famílias e a escola eram fixadas pela instituição escolar e pelos mestres. Os profissionais da educação consideravam que os pais não tinham nenhuma autoridade em matéria de ensino e nenhum lugar na escola. Esperava-se que os pais apoiassem os docentes ou trouxessem contribuições pontuais, mas eles não deveriam colocar questões em matéria de pedagogia e, menos ainda, fazer críticas. (MONTANDON, 1994, p. 189).

Na sociedade contemporânea, a família é convidada a estar presente no espaço escolar, e é incentivada a fazer isso.

Para Belsky (2010, p 37), a condição socioeconômica (CSE) é um termo que se refere à educação e à renda, e viver na pobreza desencadeia uma série de dificuldades desde nascer com menos saúde até por questões econômicas obrigar-se a residir em bairros mais violentos.

Sen (2000), em sua teoria do desenvolvimento⁷, aponta que estando a pessoa inserida em uma condição socioeconômica adequada, mediada por costumes e normas, dentro de um entorno demográfico, apresentam-se maiores oportunidades na educação.

Solís (2002) aponta que a organização do ambiente familiar é fundamental para o desenvolvimento da pessoa e destaca o amor contínuo para tal consecução, pois

⁷ Martya Sen (2000) em sua obra "Teoria do desenvolvimento" faz referência às condições necessárias ao desenvolvimento humano que são: As liberdades políticas, os serviços econômicos, as oportunidades sociais, as garantias de transparências e seguridade protetora. Cada um destes direitos e oportunidades contribuem para o desenvolvimento e capacidade geral da pessoa e complementam-se mutuamente.

com ele são abertas as possibilidades de os jovens alcançarem novos horizontes. Nesse sentido, entende-se este amor contínuo como afetividade.

A escola, ao assumir também o papel de educar o indivíduo nesta instituição, persegue objetivos e metas produzidos pela sociedade representados pela escola, com o objetivo de promover a aprendizagem e propiciar o desenvolvimento das funções psicológicas superiores: memória seletiva, criatividade, associação e ideias, organização e sequência de conhecimentos dentre outras (OLIVEIRA, 2000 apud DESSEN et al., 2007, p. 21-32).

Solís (2002) afirma que foi observado que o rendimento escolar das crianças incluindo a faixa dos 12 anos estava relacionado com o comportamento adequado em sala de aula. O mau comportamento apresenta uma relação inversa com o rendimento escolar e tal comportamento traduz a competência social da criança resultado também da qualidade da relação no ambiente familiar.

A escola e a família são elementos que transmitem e constroem o conhecimento implementado pela cultura, transformando as formas de funcionamento psicológico do indivíduo (DESSEN; APOLONIA, 2007).

A aprendizagem é fator preponderante para o desenvolvimento do ser e para isto ocorrer a saúde mental é imprescindível, considerando toda a gama de aspectos psicológicos. Uma violação da prática dos direitos humanos para com o indivíduo, coloca como muito improvável a consecução da aprendizagem, pois com isto aspectos de ordem psicológica por certo são afetados. Os fenômenos direitos humanos, saúde mental e aprendizagem estão neste trabalho considerados nos ambientes família e escola.

Solís (2002) aponta que são vários os fatores que podem influenciar o rendimento escolar, dentre esses a etnia, a estrutura familiar, o número de irmãos, o número de pessoas que integram a família, a educação dos pais, as transições familiares ou a ruptura da dinâmica familiar devido à separação dos pais, migrações, o nível econômico da família e as características da escola.

Segundo Mosman (2011), em pesquisa realizada em literatura internacional, os casais que possuem nível socioeducacional menor apresentam uma frequência maior de conflito-agressão⁸ em relação aos casais de maior nível.

⁸ Refere-se à maneira como os casais resolvem seus desentendimentos, entre elas, o diálogo, as brigas, as discussões intensas e as agressões.

Os casais que possuem menos ingressos à educação apresentaram tendência a resolver seus conflitos com menos diálogo, ocorrendo mais discussões e agressões entre eles, ao passo que os outros dialogam mais na busca de um entendimento.

Mosman (2011, p. 61) cita a hipótese de Spillover, que consiste em mostrar o transbordamento da conjugalidade para a parentalidade. Esse conceito é baseado na ideia de que um relacionamento conjugal com altos níveis de conflito e baixo nível de satisfação levaria os pais a serem mais agressivos com os filhos, adotando práticas educativas mais punitivas e tendo menos proximidade afetiva.

Conforme aponta Sen (2000), a falta de liberdade econômica pode alimentar a falta de liberdade social – acesso à educação por exemplo, assim como a falta de liberdade social pode alimentar a falta de liberdade econômica.

Os hábitos alimentares praticados no ambiente familiar também chamam atenção. Solís (2002) aponta que entre 1999 e 2006 os níveis de desnutrição no México reduziram-se consideravelmente. No entanto, problemas relacionados à má nutrição, com crianças na faixa do sobrepeso, mostram-se com maior frequência. Sabe-se que tal problema está associado a hábitos alimentares não saudáveis praticados no ambiente familiar, gerando em sua grande parte várias doenças e tais questões também comprometem o desenvolvimento e o rendimento escolar da pessoa.

Destaca-se que com as mudanças ocorridas ao longo das últimas décadas em que a família não é mais vista como uma unidade produtiva e em função das novas formas de organização dos meios produtivos, o tom da individualidade nos grupos familiares ganhou mais destaque. O patriarcalismo vem perdendo sua força, as mulheres ganharam maior importância produtiva na sociedade, novas configurações e papéis de integrantes familiares estão vigendo. Os filhos estão submetidos a todas essas mudanças e esta transitoriedade influencia nas formas de afetividade oferecidas e o desenvolvimento destas crianças. Pais, professores e alunos estão diante agora de novas realidades de uma nova dinâmica.

Diante desse novo contexto, Solís (2002) em sua pesquisa encontrou um percentual significativo de alunos em situação de reprovação escolar que são filhos de mães em estado de depressão moderado ou severo. Em sua pesquisa, em universo de 2.362.080⁹ (dois milhões trezentos e sessenta e dois mil e oitenta alunos

⁹ Fonte de pesquisa: Encuesta Nacional sobre Niveles de Vida de los Hogares (ENNVIH-1) aplicada em 2002.

repetentes na faixa dos 7 aos 12 anos de idade, uma porcentagem de 9,47% figuram nesta condição. Tal fator exerce influência marcante no ambiente familiar assumindo importância na percepção da afetividade familiar por parte da criança.

Para Salami e Sarmiento (2011), a educação é um direito universal e necessário para o desenvolvimento dos indivíduos na sociedade as ações de ordem educativas e ou psicopedagógicas precisam abraçar não apenas os aspectos cognitivos, mas envolver também as dimensões afetivo-emocionais, socioculturais, éticas e morais.

Os esforços necessários para a atividade educativa considerando as individualidades, as particularidades de cada indivíduo, os diversos graus de dificuldades para o aprendizado, a atenção à prática dos direitos humanos é preponderante para o sucesso escolar do indivíduo estendendo para a própria vida (SALAMI; SARMENTO, 2011).

Considerando a aprendizagem um fenômeno que exige condições psicológicas favoráveis, percebe-se que a prática do respeito às diferenças de toda ordem favorece as condições necessárias para este fenômeno tão necessário para a vida humana que é a aprendizagem seja atingida.

Falar em respeito à diversidade não é considerar como aceitável as condições de miséria e desrespeito às práticas dos direitos humanos que muitos são praticados em intervalos de segundos pelo nosso planeta.

Tais práticas são fundamentais por onde a pessoa transitar, sobretudo na família e na escola os ambientes de maior tempo de permanência dos nossos jovens. Tais ambientes são preponderantes para a aprendizagem. A família e a escola figuram como elementos importantes para o desenvolvimento dos jovens; contudo, outros recursos mostram-se também presentes.

Gomes (2015) aponta que recursos imateriais que não possuem uma mensuração direta, não material, mas descrito como produto das relações entre as pessoas em um meio social de cooperação seja entre vizinhos, seja em uma comunidade ou entre familiares mais distantes mostram-se também presentes. São os denominados bens relacionais. Os bens relacionais figuram como elementos de significativa importância para a vida das pessoas.

Por qualquer que seja o ambiente considerado, a mediação na prática do ensino aprendizagem é fundamental para o desenvolvimento do indivíduo. Assim apontam as teorias de Vygotsky e Feuerstein (SALAMI; SARMENTO, 2011).

Como afirma Solís (2002), a promoção da assertividade por parte dos pais às crianças favorece ao desenvolvimento da autoconfiança da criança, estimulando a socialização dessa criança e conseqüentemente um comportamento proveitoso em sala e aula, o que favorece ao aprendizado.

A relação entre o homem e o mundo não é uma relação direta e sim uma relação mediada por condições que favorecem o procedimento da aprendizagem humana, por certo o cidadão necessita de atenção, de cuidados, de boa relação pessoal envolvendo o respeito às diferenças das suas capacidades contidos nas práticas dos direitos humanos. Na mediação o educador deve desafiar as pessoas a busca e construção de significados onde a cooperação e a interação devem nortear todo o processo (VYGOTSKY, 1991 apud SALAMI; SARMENTO, 2011).

Nem mesmo as limitações de ordem cultural, condições genéticas, maturidade emocional ou condição socioeconômica comprometem de forma definitiva a possibilidade do desenvolvimento cognitivo do sujeito. As mediações por membros da família ou de profissionais capacitados, entre eles os educadores, podem trabalhar tais limitações possibilitando o sujeito a alcançar melhores limites das suas potencialidades (FEUERSTEIN, 1980 apud SALAMI; SARMENTO, 2011).

Espera-se que a referida pesquisa possibilite a visibilidade do entrelaçamento entre violência e afeto nos ambientes familiar, de comunidade e escolar e suas interferências na aprendizagem.

5 CONTEXTO DA COMUNIDADE E DESCRIÇÃO DA ESCOLA

Não deixando de considerar a realidade do ambiente em que a população pesquisada encontra-se, atenção também será dada a tal fator no desenrolar da pesquisa. Conforme afirma Belsky (2010), condições socioeconômicas geralmente influenciam no desenvolvimento.

A pesquisa foi desenvolvida em uma escola pública estadual localizada na Fazenda Cassanges, Estrada do Cia região periférica do município de Salvador.

Segundo o IBGE (2012), figurando entre uma das 193 escolas estaduais que oferecem o ensino fundamental e uma das 149 escolas que oferecem o ensino médio no município de Salvador, a escola foi fundada em dezembro de 1998 e está em operação há 17 anos. Na época da sua fundação, tanto a área interna como a área externa da escola eram circundadas por uma abrangente área verde com grandes árvores; contudo, a ocupação desordenada promovida inclusive por invasões, mudou o aspecto ao redor da escola.

A escola possui um espaço físico amplo e bem conservado e um ambiente convidativo e acolhedor onde a natureza ainda se faz muito presente. A escola enfrenta algumas dificuldades, entre elas destaca-se o fato de a mesma estar inserida em um contexto social e econômico em que a maior parte das escolas de periferia do Brasil estão submetidas, que é a carência de serviços e infraestrutura do entorno; precariedade urbana; violência e criminalidade, muitas vezes até motivadas pelo comércio ilícito ou uso indevido de drogas; além de outros riscos e vulnerabilidades sociais.

O acesso à escola é feito através de sua entrada principal que atende aos alunos que moram na região da Fazenda Cassange e adjacências. De automóvel é a única possibilidade de acesso que possui como via principal a estrada do CIA/Aeroporto.

O outro acesso utilizado pela maioria dos alunos é através de uma ponte localizada no fundo da escola que atende aos alunos residentes no bairro de São Cristóvão e adjacências. Esta ponte está conectada às escadarias em uma encosta do bairro e frequentemente estão com pouca ou nenhuma iluminação devido à depredação por parte de vândalos, o que favorece a ocorrência de assaltos. O ponto de ônibus mais próximo da escola dista a aproximadamente entre um e dois

quilômetros da escola. Tais fatores levam a escola a ser considerada uma escola de difícil acesso.

A ponte está sobre o rio Ipitanga, que já ofereceu a pesca de várias espécies de peixes e camarões, e hoje, em função da ocupação desordenada da região e a falta de práticas compatíveis com o cuidado com o meio ambiente, o rio encontra-se poluído e sem possibilidade de pesca.

Os problemas relativos a uma comunidade de condições socioeconômicas neste ambiente potencializaram-se e a violência e o tráfico estão presentes no atual contexto. A escola é reconhecida pela comunidade como uma instituição parceira, e a mesma mobiliza-se buscando desenvolver projetos associados à empregabilidade, valorização da cultura local, meio ambiente dentre outros.

Vale ressaltar que a escola localiza-se em uma Área de Proteção Ambiental (APA), em que ainda existe uma flora relativa à Mata Atlântica e poucos animais silvestres. Em épocas de chuva, ocasionalmente o rio atinge níveis que impossibilitam o acesso à escola, por atingir nível superior à ponte, com isto as aulas são suspensas até a situação se normalizar.

A escola possui 1.872 alunos matriculados, 32 funcionários, desses 4 atuam na merenda escolar, 6 atuam na portaria da escola, 2 atuam nos corredores, 6 na secretaria e 6 em serviços gerais, 57 professores, 1 secretária e gestão composta por 3 vice-diretores e um diretor. A escola, funciona nos três turnos e atende a alunos do ensino fundamental II (6º ao 9º ano) e ao Ensino Médio (1º ao 3º ano), com alunos em sua maioria adolescentes com idades entre 10 a 18 anos, provenientes principalmente do bairro onde está situado o Colégio ou nas proximidades, sendo um grupo carente e um local com pouca infraestrutura e serviços.

Os perfis socioeconômico e sociocultural dessas famílias estão em sua grande maioria entre as classes C e D e também a maioria reside nas proximidades da escola.

O desempenho escolar da maioria dos alunos está em um nível mediano.

Destacamos também que o relacionamento entre alunos professores, funcionários e a gestão da escola é considerado satisfatório por esses atores.

A escola tem conhecimento da situação familiar da maioria de seus alunos uma vez que quando seus pais ou responsáveis são convocados para reuniões a grande maioria atendem a tais convites e muitos vivem problemas de ordem familiar. Muitos desses alunos apresentam baixo rendimento escolar, histórico de violência e pobreza.

Apesar disso, percebe-se a predominância de um bom relacionamento entre esses alunos, entre eles e professores e funcionários da escola.

A escola vem esforçando-se para disseminar uma cultura de respeito e aceitação das diferenças. A escola adota em seu currículo escolar a Pedagogia de Projetos buscando a cada ano novos temas de diversas realidades e temáticas a serem trabalhadas ao longo das unidades de forma lúdica, servindo também como atividade atrativa, avaliativa e recreativa. Além disso, o Colégio possui um histórico de alunos com bom desenvolvimento cognitivo e com talentos para desempenharem trabalhos lúdicos, práticos e em grupos o que favorece ao desenvolvimento de projetos. Como atividades extraclasse destacam-se pela participação dos alunos: passeios, palestras de convidados, festas comemorativas e gincanas.

O colégio possui 15 salas de aula equipadas com quadro branco, sala de informática, biblioteca, laboratório de ciências, quadra esportiva, material esportivo, televisores em cada sala de aula com leitores de pen drive, dois data show, livros e vídeos didáticos.

Ressalta-se que muitos desses recursos são pouco utilizados devido à falta de manutenção, principalmente dos televisores com leitores de pen drive ou pouco manuseio por parte de alguns professores devido ao escasso conhecimento desses equipamentos ou suas práticas pedagógicas não adotarem tais recursos.

A escola também possui um grêmio, que vem aumentando o seu nível de articulação, sendo ativo nas reivindicações das necessidades da escola, um conselho escolar formado por professores, alunos e pais ou responsáveis. Até o momento não está formada uma associação de pais e mestres que poderia configurar uma parceria com a escola.

Os pais ou responsáveis pelos alunos apresentam em sua maioria disposição quando são convocadas as reuniões com professores quando chamados a comparecer à escola em eventuais necessidades.

Na escola, apesar de ser relativamente nova, com 17 anos de existência, ocorreram e continuam a ocorrer mudanças decorrentes inclusive da agressão ambiental e violência crescente na comunidade. Ainda assim percebe-se a motivação por parte da maioria da comunidade escolar, incluindo parte considerável dos alunos, por acreditar que a educação oferece reais possibilidades de modificar a atual condição, tornando mais favorável o desenvolvimento desses jovens e por consequência da própria comunidade.

6 METODOLOGIA

A referida pesquisa é de natureza qualitativa e exploratória. Qualitativa por compatibilizar-se com a descrição de Boaventura (2012), pois oferece dados ricos em pormenores descritivos relativamente a pessoas, locais e conversas necessários na investigação da percepção da afetividade familiar por parte dos jovens pesquisados.

Granger (1982 apud MINAYO, 1993), aponta que a realidade social é qualitativa e os dados são apresentados como qualidades em dois níveis: um vivido absoluto, único e incapaz de ser alcançado pela ciência, e outro enquanto experiência vivida em nível de forma, sobretudo da linguagem.

Segundo Minayo (1993), o método qualitativo, que utiliza como matéria, a fala, a linguagem expressa sob suas várias formas, busca focar principalmente o social e seus atores que nele contrastam é muito apropriado. Percebemos o exposto adequado à pesquisa em questão.

Ainda afirma Mynaio (1993, p. 239):

Um bom método será sempre aquele, que permitindo uma construção correta dos dados, ajude a refletir sobre a dinâmica da teoria. Portanto, além de apropriado ao objeto da investigação e de oferecer elementos teóricos para a análise, o método tem que ser operacionalmente exeqüível.

A pesquisa é exploratória, pois como afirma Gil (2002, apud BOAVENTURA, 2012), “a pesquisa exploratória visa proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses”.

É exploratória ainda por utilizar um levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas que têm participação no problema visando a explorar o máximo de informações possíveis referentes à afetividade de família, elemento que se compatibiliza com a riqueza, com a complexidade humana, busca esta que explorará as mais variadas formas de expressão.

Granger (1982 apud MINAYO, 1993) afirma que um verdadeiro modelo qualitativo descreve, compreende e explica, trabalhando exatamente nesta ordem.

O material coletado das entrevistas também compõe o elenco dos dados levantados e, para Minayo (1993), o material primordial da investigação qualitativa é

a palavra que expressa a fala cotidiana, na prática da análise do discurso, seja nas relações afetivas e técnicas, seja nos discursos intelectuais, burocráticos e políticos.

6.1 INSTRUMENTOS METODOLÓGICOS

Revisão bibliográfica de artigos e livros correlatos ao tema da referida pesquisa, levantamento documental, aplicação de entrevistas semiestruturadas e aplicação do teste IPSF (Inventário de Percepção de Suporte Familiar) integram os instrumentos metodológicos para as investigações da referida pesquisa.

6.1.1 Entrevistas

Referente à entrevista, apontam Lakatos e Marconi (2007):

A entrevista é marcada pelo encontro entre duas pessoas a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de um determinado assunto, mediante uma conversação. É um recurso utilizado na investigação social, para coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social. As entrevistas semiestruturadas e não estruturadas terão o objetivo de enriquecer tais informações.

Foram aplicadas entrevistas semiestruturadas com as mães e com os alunos selecionados obedecendo a uma divisão em categorias a saber.

Com relação às categorias investigadas, buscou-se verificar as condições gerais no ambiente familiar, as situações de interação entre o aluno e os pais, identificando rastros associados à autoestima, autonomia, afetividade familiar e situações particulares que ocorreram durante as entrevistas.

Categorias das mães: Dados demográficos e comunidade (Família, casa, bairro, migração e redes comunitárias), Informação e participação nas políticas sociais, Vulnerabilidades, Conjugalidade, Parentalidade, Valor da educação, Sobre o dinheiro, Temas culturais e afeto familiar.

Categorias dos alunos: Dados demográficos, comunidade (atividades extra-ambientais familiar e escolar). Valor da Educação (Tempo e tarefas escolares, relação com a escola), Vulnerabilidades, Parentalidade (relação com os pais, entendimento do que é certo e do que é errado e de justiça, futuro e autoestima).

O referido questionário foi cedido pela pesquisa financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e o Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS): O lugar estratégico da família para a integração de ações e políticas de proteção e desenvolvimento social na região metropolitana de Salvador/BA (GOMES, 2014).

6.1.2 O Inventário de Percepção de Suporte Familiar (IPSF)

O IPSF é um instrumento que visa a levantar o grau de percepção por parte do entrevistado referente ao suporte de família que lhe é oferecido.

Como afirma Baptista (2009), após cuidadosa clarificação do construto, levantamento, desenvolvimento e aprimoramento da parte teórica, análise dos resultados em algumas regiões do Brasil, a fim de garantir a maior diversidade de dados, heterogeneidade cultural e análise baseada em métodos estatísticos específicos o IPSF não tem a pretensão de esgotar as possibilidades de avaliação do construto; contudo, mostra-se como um instrumento que possibilita o estímulo de avaliações futuras.

O teste é composto de 3 fatores denominados *afetivo-consistentes*, que contêm 21 itens apresentando perguntas que versam sobre a expressão de afetividade entre os membros da família (verbal e não verbal), o interesse, a proximidade, o acolhimento, a comunicação, a interação, o respeito, a empatia, a clareza nas regras intrafamiliares, a consistência de comportamentos e as verbalizações e as habilidades na resolução de problemas. O fator *adaptação familiar* é composto por 13 itens, composto por perguntas referentes a sentimentos e comportamentos negativos em relação à família, tais como raiva, isolamento, incompreensão, exclusão, não pertencimento, vergonha, irritação, relações agressivas (brigas e gritos), além de percepção de que os familiares competem entre si, são interesseiros e se culpam nos conflitos em vez de tentarem inter-relações mais proativas. Essa dimensão será pontuada inversamente, quanto maior a pontuação, mais adaptado o indivíduo estará em sua família. O fator *autonomia* é composto por 8 itens e possui questões que podem assinalar reações de confiança, liberdade e privacidade entre os membros.

A correção do teste é feita atribuindo-se 0, 1, ou 2 pontos para as respostas “quase nunca ou nunca”, “às vezes” e “quase sempre ou sempre”. A atribuição da

pontuação para a dimensão *adaptação familiar* é inversa, assim a escala pode variar de um mínimo de 0 a um máximo de 84 pontos.

Temos assim as questões que caracterizam cada fator:

Afetivo Consistente

Itens – 2, 3, 4, 5, 9, 11, 15, 17, 22, 23, 24, 25, 26, 28, 29, 30, 31, 35, 37, 41, 42

Adaptação

Itens – 1, 6, 7, 8, 13, 16, 20, 21, 27, 32, 3, 36, 39

Autonomia

Itens – 10, 12, 14, 18, 19, 34, 38, 40

Apresentamos abaixo as estatísticas de pontuação total nas três dimensões, independente do grupo de sexo:

Tabela 1 - Estatísticas de ambos os sexos

| | Afetivo-Consistente | Adaptação Familiar | Autonomia Familiar | Total |
|-------------|----------------------------|---------------------------|---------------------------|--------------|
| Baixo | 0-21 | 0-18 | 0-9 | 0-53 |
| Médio-Baixo | 23-28 | 19-21 | 10-12 | 54-63 |
| Médio-Alto | 29-33 | 22-23 | 13-14 | 64-70 |
| Alto | 34-42 | 24-26 | 15-16 | 71-84 |

Apresentamos abaixo as estatísticas de pontuação total nas três dimensões no grupo masculino:

Tabela 2 - Estatísticas do sexo masculino

| | Afetivo-Consistente | Adaptação Familiar | Autonomia Familiar | Total |
|-------------|----------------------------|---------------------------|---------------------------|--------------|
| Baixo | 0-21 | 0-18 | 0-9 | 0-53 |
| Médio-Baixo | 22-27 | 19-22 | 10-12 | 54-63 |
| Médio-Alto | 28-33 | 23-24 | 13-14 | 64-70 |
| Alto | 34-42 | 25-26 | 15-16 | 71-84 |

Apresentamos abaixo as estatísticas de pontuação total nas três dimensões no grupo feminino:

Tabela 3 - Estatísticas do sexo feminino

| | Afetivo-Consistente | Adaptação Familiar | Autonomia Familiar | Total |
|-------------|----------------------------|---------------------------|---------------------------|--------------|
| Baixo | 0-22 | 0-18 | 0-9 | 0-53 |
| Médio-Baixo | 23-28 | 19-21 | 10-12 | 54-63 |
| Médio-Alto | 29-33 | 22-23 | 13-14 | 64-70 |
| Alto | 34-42 | 24-26 | 15-16 | 71-84 |

6.2 PROCEDIMENTOS

A população objetivo foi composta por alunos da 5ª série de uma escola estadual na cidade de Salvador.

O método de seleção através de levantamento documental de registros da escola, foram selecionados 10 alunos de uma turma escolhida aleatoriamente da 5ª série do ano letivo de 2016 na escola em que o pesquisador dá aulas.

Desses 10 alunos, foram escolhidos 5 com maiores rendimentos escolares e 5 com os menores rendimentos escolares. Dez alunos e 7 mães participaram das entrevistas.

A medição do rendimento adotada na escola é através de avaliação processual, que, segundo Boas (2008), é estabelecida por produções, comentários, apresentações e trabalhos em grupo, testes e provas, visando a verificar o grau de aprendizagem das atividades desenvolvidas em sala de aula.

Como afirma Luckesi (2015), as práticas avaliativas não são totalizantes na indicação da aferição da aprendizagem do alunado, contudo, é um dos recursos ao alcance da realidade da educação brasileira.

Foram aplicadas entrevistas com roteiro de perguntas abertas (parentalidade, afetividade, vulnerabilidades) às mães dos alunos pesquisados, com o intuito de obtermos uma visão mais abrangente das referidas relações e sistemas sociais correspondentes (família e escola) observando a existência ou não de relação com as condições de afetividade desses alunos.

Graças às entrevistas aplicadas, pudemos ter uma visibilidade mais próxima da realidade dos alunos e das mães entrevistadas, no momento em que esses, através do contato direto com o pesquisador entrevistador, expressaram as suas vivências que continham suas falas, emoções, sentimentos, instrumento que muito enriqueceu as possibilidades de investigação.

Com o objetivo de eliminarmos as possíveis influências da variável professores, a pesquisa foi desenvolvida em alunos da mesma turma.

As mães dos alunos selecionados para a pesquisa foram contatadas através da escola, por telefone a respeito da pesquisa e nesta ocasião as mesmas foram convidadas a uma reunião que ocorreu no ambiente escolar em que foram explanados pelo pesquisador os passos da referida pesquisa. Nessa ocasião as mesmas foram solicitadas a assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Os alunos selecionados e devidamente autorizados pelas mães foram também informados da realização da pesquisa e solicitados a assinarem os TCLE.

Inicialmente foram aplicadas as entrevistas às mães, seguidamente aos alunos e posteriormente aplicado o IPSF, os quais foram conduzidos pelo pesquisador, que é psicólogo.

As entrevistas e a aplicação do IPSF ocorreram no período de 30/05/2016 a 21/07/2016.

As abordagens referentes aos testes e às entrevistas com os alunos ocorreram em horários que os mesmos não estiveram em aula com a finalidade de não decorrer quaisquer prejuízos a esses.

Às mães e aos alunos foram aplicadas as entrevistas semiestruturadas, individuais, inicialmente no ambiente em sala previamente reservada e organizada. A execução de cada entrevista não apresentou tempo superior a 1 (uma) hora. Em data posterior às entrevistas, aos alunos, foi também aplicado o IPSF individualmente, cuja duração não superou 30 minutos por aluno.

As entrevistas foram gravadas após a autorização dos entrevistados com a finalidade da total transcrição destas e as mesmas ocorreram em sala da escola previamente reservada, conforme já descrito.

Como afirma Minayo (1993), a pesquisa de natureza qualitativa visa a identificar as mais variadas nuances que o pesquisado venha a oferecer, com isto, a atenção também foi dirigida às informações espontâneas que os entrevistados vieram a fornecer.

6.3 POPULAÇÃO

Foram escolhidos 10 alunos da 5ª série de uma escola pública na cidade de Salvador, no Estado da Bahia, e suas respectivas mães.

Através de levantamento documental de registros da escola, foram selecionados 10(dez) alunos de uma turma escolhida aleatoriamente da 5ª série do ano letivo de 2016.

Destes 10 (dez) alunos, foram escolhidos 5(cinco) com maiores rendimentos escolares e 5(cinco) com os menores rendimentos escolares.

Esses alunos estão concluindo a fase operacional concreto, de 8 a 12 anos de idade, já possuindo uma compreensão realista de mundo, têm domínio da linguagem,

já adquiriram na etapa anterior a possibilidade de identificar seus pais e o afeto que recebem com maior realismo, que facilitou a análise dos resultados.

7 APRESENTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Apresentaremos os dados e suas correspondentes interpretações decorrentes das entrevistas e do IPSF.

7.1 ENTREVISTAS

A entrevistas foram realizadas em sala reservada na escola, envolvendo 7 mães e 10 alunos. Três mães estiveram impossibilitadas de participar das entrevistas devido a razões particulares (horário de trabalho, etc.).

Por ser uma pesquisa de caráter qualitativo, e em função da necessidade da atenção às falas dos entrevistados, foi adotada a análise de discurso como metodologia para a interpretação dos referidos dados.

No quadro abaixo é apresentado o perfil das mães entrevistadas.

Quadro 2 - Perfil das mães e alunos entrevistados

| Aluno (a) | Idade | Cor/Raça | Sexo | Mãe | Idade | Cor/Raça | Número de Filhos | Escolaridade | Ocupação | Renda Familiar (sal. Mínimos) |
|-----------|-------|----------|------|-----|-------|----------|------------------|------------------------|--------------|-------------------------------|
| A1 | 11 | Negro | M | M1 | 33 | Negra | 2 | Médio completo | Trabalha | entre 2 e 3 |
| A2 | 9 | Parda | F | M2 | 46 | Negra | 1 | Médio completo | Trabalha | entre 1 e 2 |
| A3 | 12 | Parda | F | M3 | 37 | Parda | 3 | Fundamental incompleto | Trabalha | entre 1 e 2 |
| A4 | 11 | Negra | F | M4 | 43 | Parda | 1 | Médio completo | Trabalha | entre 1 e 2 |
| A5 | 10 | Negro | M | M5 | 38 | Parda | 2 | Médio completo | Não trabalha | menor que 1 |
| A6 | 11 | Negro | M | * | * | * | * | * | * | * |
| A7 | 11 | Negra | F | * | * | * | * | * | * | * |
| A8 | 11 | Pardo | M | * | * | * | * | * | * | * |
| A9 | 12 | Negro | M | M9 | 38 | Parda | 1 | Fundamental incompleto | Trabalha | entre 1 e 2 |
| A10 | 11 | Negro | M | M10 | 32 | Parda | 1 | Médio incompleto | Não trabalha | entre 1 e 2 |

*mães não entrevistadas.

Fonte: Estimacões próprias.

Os alunos pesquisados estão na faixa etária dos 9 aos 12 anos de idade, destes 70% declaram-se negros e 30% pardos. Todas as mães dos alunos pesquisados assinaram o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) e os alunos o TALE (Termo de Assentimento Livre e Esclarecido) referentes à pesquisa. Posteriormente, 3 não mostraram disponibilidade para participar da entrevista. As mães entrevistadas estão na faixa etária dos 32 aos 46 anos de idade. Destas, 28% declaram-se negras e 72% pardas. A renda familiar estende-se entre aproximadamente a 1 e 3 salários mínimos. O maior nível de escolaridade entra as mães pesquisadas é o médio completo e o menor o fundamental incompleto. Das mães entrevistadas, 2 não trabalham e 5 afirmam estar trabalhando.

Os alunos entrevistados estão dispostos segundo a ordem decrescente de seus aproveitamentos. Assim, A1 corresponde ao aluno com maior rendimento e A10 ao aluno com menor rendimento e, ainda, A1, A2, A3, A4 e A5 correspondem aos alunos com os cinco maiores rendimentos escolares e A6, A7, A8, A9 e A10, correspondem aos cinco menores rendimentos.

A correspondência entre mães e alunos é conforme disposição na tabela, assim M1, mãe do aluno A1. M2, mãe do aluno A2, e assim sucessivamente.

Com relação às categorias investigadas, buscou-se verificar as condições gerais no ambiente familiar, as situações de interação entre o aluno e os pais.

Categorias das mães: Dados demográficos e comunidade (família, casa, bairro, migração e redes comunitárias), Informação e participação nas políticas sociais, Vulnerabilidades, Conjugalidade, Parentalidade, Valor da educação, Sobre o Dinheiro, Temas Culturais e Afeto familiar.

Categorias dos alunos: Dados demográficos, comunidade (atividades extra-ambientes familiar e escolar). Valor da Educação (tempo e tarefas escolares, relação com a escola), Vulnerabilidades, Parentalidade (relação com os pais, entendimento do que é certo e do que é errado e de justiça, futuro e autoestima).

DEMOGRÁFICO / COMUNIDADE

M1 e A1

M1, 33 anos, de cor negra, casada, mora com marido e dois filhos, uma menina de 5 anos e A1 de 11 anos, pais vivos, relata ter bom relacionamento com eles, tem 5 irmãos, destacando que um deles é dependente do álcool. Avós falecidos. Mora em uma casa composta por uma sala, um banheiro, dois quartos, uma cozinha, uma varanda e um quintal. Mora na localidade circunvizinha à escola há 16 anos, revelando gostar do bairro que mora. Moravam anteriormente no bairro da Suburbana, mudaram-se, segundo ela, devido à violência. Relata ter um bom relacionamento com os vizinhos dizendo que “os vizinhos são maravilhosos”. Relata que A1 tem contato com outras crianças na frente de sua casa sempre sob a observação ou dela ou do marido. Os filhos brincam nos finais de semana também em duas casas de crianças vizinhas. Relata que seu filho quando brinca na rua gosta de jogar futebol e pega-pega. Relata que recorre ao marido quando da tomada de alguma decisão importante.

O momento difícil na vida é relatado de forma emotiva que é o vício do álcool do marido:

“É ótimo pai, não tem o que falar dele, contudo não gosto quando ele bebe.”

Frequenta mensalmente uma Igreja Batista acompanhada somente pelos filhos, sente que tal prática ajuda, coisas boas são oferecidas e ela e os filhos gostam.

A1, menino de 11 anos, na entrevista mostrou-se bastante atento e desinibido, considera-se negro, revela gostar também do bairro que mora e que nos finais de semana brinca muito na frente de casa, o pai sugere cuidado, ele vai sozinho brincar, contudo percebe que os pais o supervisionam, o local das brincadeiras é próximo à casa, gosta bastante de futebol. Diz que, além dos vizinhos, brinca também com os primos quando os visita ou quando é visitado por eles. Revela depois de um tempo durante a entrevista que sua família poderia ser melhor se seu pai não “bebesse”.

M2 e A2

M2, 46 anos, solteira declara-se negra, mora com a filha, mãe viva e pai falecido, boa relação com os pais, possui 12 irmãos, todos vivos, tem contato com eles frequentemente através dos meios eletrônicos. A casa em que mora possui 2 pavimentos, na parte superior 2 quartos, 1 banheiro. Na parte inferior uma área bem ampla, quarto, banheiro, sala, cozinha, hall e área de serviço. A sua casa não possui quintal. A casa é própria. Mora no bairro há 11 anos, morava antes em outro município. Gosta da vizinhança. Percebe que os vizinhos são cooperativos apesar de nunca ter precisado pedir algo. Gosta do bairro em que mora. Quanto à circulação de crianças, tem uma menina que almoça na casa dela eventualmente. **A2**, sua filha, fica na casa de uma amiga que é vizinha durante a semana enquanto ela está no trabalho. Quando **A2** sai da escola, vai para a casa desta vizinha, que tem uma mãe. **A2** chama a mãe da amiga de “mainha”. Quando **M2** retorna do trabalho, encontra a filha e vão para casa. Eventualmente isto ocorre também aos sábados. Também tem uma vizinha que **A2** chama de avó que tem dois netos, e alguns finais de semana elas vão lá. Segundo **M2**, **A2** brinca também na rua, mas sempre com alguém olhando. Quando precisa tomar uma decisão importante, **M2** recorre à irmã mais velha, ou às irmãs que moram no interior ou a essa amiga que **A2** chama de avó.

Quando questionada se já passou por algum momento difícil, revelou que sim, com o pai de A2, com quem que viveu uns cinco anos, até à de agressão por parte dele. M2 declara:

“Eu não dormia, ia trabalhar tribulada e foi muito difícil, mas como sou pulso firme, tive que dar queixa dele pra ele sair de lá de casa, já tinha A2.”

A2 participa da catequese na igreja católica todos os sábados das 14:00 às 16:00 horas. Quando pode também assiste a palestras, orientações aos pais em situações de necessidade, diz gostar muito. É católica.

A2, uma menina de 9 anos, durante a entrevista mostrou-se bastante ativa, comunicativa, declara-se parda, mora com a mãe e visita o pai, que é separado da mãe, eventualmente. Acrescenta que pratica balé oferecido na igreja e gosta muito de brincar de bicicleta sempre sob a supervisão de alguém. Diz passar as tardes nos dias de semana na casa da vizinha amiga da mãe. Esta vizinha tem uma mãe que ela chama de “mainha”. Diz gostar do bairro que mora.

M3 e A3

M3 informou que tinha pouco tempo disponível para a entrevista, pois iria ainda ao trabalho. M3, 37 anos, mora em região circunvizinha à escola, casada, considera-se parda, mora com marido e três filhos, A3, 12 anos e mais 2 rapazes de 22 e 15 anos. Pais vivos e 8 irmãos. Tem contato com os irmãos através dos meios eletrônicos, em abril todos reúnem-se na cidade onde os pais vivem para comemorarem o aniversário dos pais. Declara não ser muito boa a relação com os pais, a mãe a agredia até sangrar, o pai não impedia. Avós falecidos. A casa que mora é própria com 3 quartos, cozinha, banheiro, quintal e a cobertura. Mora neste bairro há 10 anos. Acha que em vista dos bairros perigosos, é tranquilo, contudo, não gostaria de continuar morando, queria ir para o interior plantar e cuidar de animais. Ela e o marido são de uma cidade distante. Declara que a relação com os vizinhos é uma relação boa, todos são da minha religião são todos adventistas, os meninos também têm boa amizade. M3 declara que as crianças circulam bastante, os vizinhos são também adventistas. Almoçam juntos, dormem, enfim são muito colegas. A família de M3 é adventista há 15 anos. Segundo M3, A3 gosta muito de brincar na rua, declara:

“A3 gosta de brincar muito também, parece um moleque macho, joga bola com os meninos (risos), o que mais gosta ultimamente, infelizmente é a tecnologia, só que eu tirei dela, ficava vendo coisa de cabelo, receita, controlo a internet só à noite quando chego.”

Para tomar uma decisão importante recorre ao marido. Com referência à situação difícil vivenciada, declara:

“Já passei momento muito difícil, já passei fome, já morei muito de favor na casa dos outros quando minha mãe me mandou pra casa dessa mulher que comentei, pediu para eu ficar e fazer companhia às filhas dela, fui praticamente escravizada eu fugi desta casa, não tinha experiência nenhuma não sei como cheguei na casa de um irmão que morava no Doron.”

Frequenta de forma regular a Igreja Adventista.

A3, menina de com 12 anos mora nas circunvizinhanças da escola considera-se parda, revela morar com padrasto, mãe e dois irmãos mais velhos. Revela participar nos feriados de acampamento promovido pela igreja adventista. Tem muitos amigos e são vizinhos morando nas circunvizinhanças. Também diz gostar do bairro que mora.

M4 e A4

M4, 43 anos, mãe de A4, reside nas circunvizinhanças da escola, casada, declara-se parda, mora com o esposo e filha possui 10 irmãos, sendo 6 homens e 4 mulheres. Só a mãe viva, tinha boa relação com o pai e tem boa relação com a mãe. Tem contato com a mãe através dos meios eletrônicos e avós falecidos. A casa em que mora é própria está com a sala em reforma, 3 quartos, sala, cozinha, banheiro, um corredor e uma pequena área na frente. Mora no bairro há 15 anos, gosta do bairro e pretende continuar morando. Morava anteriormente em um bairro distante de onde mora atualmente. Considera a relação com os vizinhos boa, e quando necessário ajudam-se, assim declara:

“Quando na necessidade ajudamo-nos, não aquela coisa de estar na porta toda hora.”

Crianças brincam em sua casa com sua filha, e a mesma também brinca na casa de vizinhos, mas nas casas dos conhecidos. Quando em alguma necessidade dos pais saírem e não levarem a filha, esta fica na casa da avó materna que mora perto. A4 brinca a rua, mas sempre sob a supervisão dos pais. Quando se depara frente a uma decisão importante, dependendo do que seja, recorre à mãe. Quando questionada sobre a experiência de ter passado algum momento difícil na vida, imediatamente revelou não, após alguns instantes fez referência a internamento da filha que adoeceu quando tinha 6 anos. Já participou da ação social promovida pela igreja adventista, e revela a satisfação de ter ajudado, apesar de ter sabido em noticiário que donativos foram desviados para desabrigados no Sul do país, em Santa Catarina. Atualmente não participa de atividades da comunidade, é batista e frequenta os cultos eventualmente.

A4, menina 11 anos, mora nas circunvizinhanças da escola, considera-se negra, mora com pai e mãe. Ocasionalmente, brinca na frente de casa sob a observação dos pais. Revela que vai à casa de colega para brincar e a colega vai também à sua casa.

M5 e A5

M5, 38 anos, reside nas circunvizinhanças da escola, casada, considera-se parda, mora com marido e dois filhos, pai falecido e mãe viva, 7 irmãos, todos reúnem-se no interior eventualmente. O pai faleceu há 10 anos tinha uma boa relação com o pai e tem uma boa relação com a mãe. Avós falecidos. A casa que mora é própria, possui que tem 2 pavimentos é composta por sala, cozinha, banheiro, 2 quartos no pavimento superior e é próxima da escola. Gosta do bairro em que mora, dizendo que não tem muito movimento, e acha o local um pouco violento. Mora neste local há 10 anos. Considera a relação com a vizinhança boa. Revela não deixar A5 ir para a casa de outros meninos e não deixa também meninos brincarem em sua casa. Quando A5 brinca na rua com outras crianças é sob a sua supervisão. A casa está construída juntamente com outras 2 casas e um grande terreno que é murado. Crianças de fora não circulam, não acessam esta área para brincarem com A5. Quando A5 brinca na rua, revela saber a brincadeira do filho, joga futebol com outras crianças. Quando vai tomar alguma decisão importante, recorre à mãe. Com relação à participação de grupos na comunidade, M5 participa das missas da igreja católica em alguns domingos, revela que tal prática ajuda a manter o equilíbrio.

A5, menino com 10 anos de idade mora com pai, mãe e irmão de 4 anos, considera-se negro. Normalmente às sextas, joga futebol na rua com as outras crianças, com a supervisão dos pais, gosta também de conversar com os colegas do futebol. Declara gostar do bairro em que mora.

A6

A6, menino de 11 anos, mora nas circunvizinhanças da escola, considera-se negro, mora com pai, mãe e gêmeos de 8 anos. Joga bola na frente de casa, contudo queixa-se que tem que parar frequentemente devido ao movimento dos carros. Brinca muito com os vizinhos. Revela também gostar muito de conversar com os colegas da comunidade. Revela gostar do bairro em que mora.

A7

A7, menina de 11 anos reside nas circunvizinhanças da escola, declara-se negra, mora com a mãe, 2 irmãos por parte de mãe e avó. A casa possui quarto, sala, banheiro, cozinha e corredor. A avó, nos dias de semana, dorme fora, cuida de uma idosa. Gosta de brincar de bicicleta e, às vezes, quando em férias, visita o pai que mora em outro município. Os seus pais são separados. Tem poucos colegas na comunidade, brinca na rua quando os primos vão em sua casa. Gosta de brincar de “baleado”.

A8

A8, menino de 11 anos, mora nas proximidades da escola, considera-se pardo, mora com pai, mãe, irmão, primo e duas primas. Às sextas feiras frequenta a igreja pentecostal com a mãe, diz que tem um colega que conversa com ele quando ele vai comprar o pão, próximo à sua casa. Sua casa tem 2 pavimentos; no andar superior, 3 quartos e 1 banheiro, no térreo, sala cozinha e banheiro. A casa está localizada em um sítio, existem outras 2 casas nesse sítio, que são de um tio e uma tia. As crianças de fora não têm acesso ao sítio para brincar. A8 brinca apenas com seus primos e o irmão. Declara gostar do lugar que mora.

M9 e A9

M9, 38 anos, mãe de A9 declara-se parda, encontra-se grávida, no 8º mês de gestação, mora com o filho e o marido que é padrasto de A9. Possui pai e mãe vivos,

só a mãe mora perto, 11 irmãos vivos e falecido. Raramente tem contato com os irmãos e o pai. Avós falecidos. A casa é composta de sala, quarto, cozinha, banheiro e uma pequena área na frente. A casa é alugada, mora no bairro há aproximadamente um ano, gosta do bairro e considera tranquilo. Já morou em outro município. Já residiu em outra casa no mesmo bairro. Diz que onde morava a relação com os vizinhos era muito boa, e por ter pouco tempo onde mora, ainda não conhece as pessoas. Crianças não vão à sua casa brincar com seu filho, contudo, ele sai bastante. M9 revela:

“A9 já tem alguns camaradas para brincar, joga e gosta muito de dominó, o padrasto, acha ele estressante, não brinca muito com ele, o pai biológico não tem contato com ele, quando tinha 1 ano e três meses o pai saiu de casa.”

Quando precisa de algum conselho, recorre à sogra do filho mais velho (21 anos), uma senhora de 61 anos. Declara que a situação difícil na sua vida foi criar os filhos sozinha, os dois primeiros o pai faleceu e o parentes não colaboraram e ela teve que conduzir a criação dos filhos sozinha. Após alguns anos frequentando uma igreja, conheceu o pai de A9, e um ano e meio depois do nascimento de A9, ele saiu de casa. Segundo M9, ela espera que este companheiro a acompanhe na criação do filho que está para nascer. Já frequentou uma igreja em que conheceu pai de A9. Atualmente não frequenta nenhum grupo na comunidade e não frequenta nenhuma religião.

M10 e A10

M10, 32 anos, sexo feminino, solteira, considera-se de cor parda, nasceu em Salvador, mora no bairro de São Cristóvão. Reside com o filho A10 em sua casa própria, no terreno cedido pelo pai que também tem uma casa no mesmo terreno. Na casa dos pais moram três sobrinhos que o pai e mãe criam. Para ela, a sua família é o seu filho, sobrinhos e pais e a relação com os pais é boa. Tinha dois irmãos que faleceram e os seus avós também estão mortos. A casa em que mora tem seis cômodos, a sala, cozinha, dois quartos, banheiro e uma área externa. Fora da casa “tem um grande terreno que é comum à casa de meus pais”.

Nasceu no bairro onde mora até hoje e pretende continuar morando porque gosta do bairro. Tomava banho em um rio que era chamado de: “ribeiro dos homens, pois só os homens lá tomavam banho, naquele tempo não tinha a maldade que se tem hoje”. “A água era transparente, acabaram com o rio”.

Tem uma relação boa com a vizinhança e quando não sabe ensinar a tarefa escolar para o filho, são os vizinhos que ensinam. Um colabora com o outro. O filho da prima que mora ao lado, e que é apegado ao filho, vai brincar de bola, sempre fica acompanhando-o e quando ele sai fala com ela. O filho frequenta a casa da vizinha e avó. Quando o filho brinca na rua, ela sabe onde ele está e que brinca com pedras, latas, tampinhas de Itaipava, monta estádio e os jogadores, ele conhece de jogadores, brinca sozinho e os adultos não brincam com ele.

Quando precisa tomar alguma decisão pede conselho a sua mãe. Em sua trajetória de vida já passou por vários momentos difíceis, como a morte do irmão, que se envolveu com o tráfico de drogas, já falecido há onze anos e com a irmã, que morreu de câncer há cinco anos, aos 34 anos. O sobrinho se envolveu com gente errada foi preso e com muito esforço conseguiu uma advogada, agora ele foi solto.

“Você sabe como advogado é, trabalha com dinheiro, em cima de dinheiro”.

M10 e A10 não participam nem de grupos ou de associações, porque na rua não tem e acha distante, a mãe é testemunha de Jeová e participa. O grupo que a mãe frequenta ajudou bastante a família “em função de tantos problemas que vivemos entre ele o problema de saúde da minha mãe”. O grupo ajuda bastante a mãe, teve ajuda para extrair o dente que estava com bactérias e nisso descobriu que ela tinha diabetes. Não frequenta nenhuma igreja e não tem religião.

A10, 11 anos, estudante da 5ª série, sexo masculino, se considera negro. Para ele, todos moram juntos. Gosta do local onde mora, gosta de brincar com os primos que são no 4 no total e que moram em casas que estão dentro do muro em que ele mora também.

Análise

Percebemos uma similaridade no quadro socioeconômico das famílias correspondentes aos alunos pesquisados, nas habitações, na localização das habitações com exceção de A8, há uns 15 quilômetros de distância. Em algumas estruturas, temos uma área que é demarcada contendo outras casas é o caso A, A10 e Az de vermos também que dentre os entrevistados, todos afirmam gostar de onde moram, nenhuma família entrevistada apresenta apenas o pai como cuidador, mas

em duas apenas a mãe é cuidadora. Dos alunos entrevistados, A3 e A9 possuem padrastos. Nenhuma das crianças pesquisadas possui madrasta.

VALOR DA EDUCAÇÃO

(Tempo e tarefas escolares, relação com a escola)

M1 e A1

M1 interrompeu os estudos por causa da gravidez e se arrepende de não ter voltado a estudar, mas a oportunidade vai chegar, não fez nenhum curso profissionalizante. A mãe incentivou nos estudos e o pai nunca esteve presente na criação. Os filhos estudam pela manhã e “sempre foram ótimos alunos, todos os professores quando falo em A1, os olhos brilham de todos os professores”. A escola é perto e os filhos “vai e volta com os colegas que moram aqui perto”. Os filhos gostam de frequentar a escola e de fazer as atividades, não dão trabalho e “ainda assim eu busco acompanhá-los, penso muito no futuro deles, costumo ajudá-los em suas tarefas”, conta histórias e quando a escola chama ela vai às reuniões frequentemente ou para queixas ou eventos, o meu marido auxilia poucas vezes. Conversa com eles sobre a escola, sendo que gosta da escola, pois a parceria escola e família tem uma harmonia. Incentiva nos estudos como forma de vencer os preconceitos e viu que os estudos têm importância. Quando necessário, estabelece uma comunicação com os professores. Não tem conhecimento de atividades promovidas pela escola na comunidade. Todos os membros da família têm os documentos necessários.

A1, passa a manhã na escola e à tarde e noite em casa, não é comum ficar em outros lugares. Quando está em casa gosta de brincar com a irmã, jogar games, assistir televisão, quando brinca na rua, joga bola, brinca de pega-pega e esconde-esconde. Estuda em casa dentro do quarto, sendo que os pais o ajudam na tarefa escolar quando preciso. Quando os pais o ajudam é entre 12:00 e 12:10 quando ele começa a estudar e “tem um certo barulho pois passa alguns ônibus, mas não chega a atrapalhar”. Logo após o almoço e o banho, faz a tarefa escolar em 30 minutos, “é rápido, não é muito dever assim”. Gosta de estudar e na escola “gosta de muitas coisas, gosta das brincadeiras com os colegas e conversas no intervalo”. O que mais gosta na escola são as aulas de ciências e matemática, conseqüentemente são as disciplinas que mais gosta também, a disciplina de português é a que menos gosta e

para ele os professores são bons. Em relação à segurança na escola, poderia ser melhor, o acesso é aberto.

M2 e A2

M2 concluiu o ensino médio, o pai não tinha instrução em relação ao ensino só que o pai era pedreiro e sempre dizia que os filhos deveriam estudar, a mãe era dona de casa. Precisou interromper estudos por causa da gravidez de **A2**. Ainda não retomou os estudos, mas quer fazer faculdade de enfermagem, gastronomia ou radiologia e se tivesse tentado já estaria formada. A filha que está ainda estudando é Louise no turno da manhã. Nenhum filho repedi de ano e nunca tiveram acompanhamento pedagógico. O vizinho é quem leva e traz da escola a filha e ela gosta de frequentar e realizar as atividades da escola. Acha que a escola é boa e tem influência no desenvolvimento e na formação da filha, só que necessita de um controle para acesso às quadras. A filha gosta muito e por isto acabou gostando, pois não queria colocá-la. Não gostou de alguns “homens sem camisa nas imediações da ponte que dá acesso à escola”. Ajuda nas atividades da escola, percebe a importância dos estudos, espera o melhor quando a filha diz que quer ser veterinária e diz que se a filha quer tornar seus sonhos uma realidade precisa estudar; enfatiza que os pais sempre diziam isso para ela. Sempre frequenta a escola ou vai às reuniões escolares ou qualquer outro evento, ou mesmo quando tem alguma queixa. Faz o acompanhamento diário das atividades escolares, só que é o filho da dona da casa que toma conta da sua filha enquanto ela sai para trabalhar é quem auxilia na rotina escolar. Quando necessário, estabelece comunicação com os professores. Não tem conhecimento de atividades promovidas pela escola na comunidade. Todos os membros da família têm os documentos necessários.

A2 fica em casa à noite e pela manhã na escola, durante a tarde na casa da vizinha até a mãe chegar do trabalho, considera como se a vizinha fosse da família, ela e todos os outros membros dessa casa, a moça, a mãe dela, o neto, a irmão, o cunhado, o sobrinho e o genro e também o pai da moça. Chama esses vizinhos de mainha e painho porque convive desde pequena com essa família. Na casa da vizinha ela brinca com o neto da vizinha que brinca no campo, e é chamado de leãozinho, tem 3 anos. Como fica com a vizinha, estuda depois do almoço na cozinha uma hora em média, enquanto o neto da vizinha dorme, pois a mãe dele trabalha e só volta à noite e ele fica com essa avó. Quando está em casa, o pai (na casa do pai) ou a mãe ajudam

na tarefa escolar e na casa da vizinha é o sobrinho que mora junto que a ajuda se a vizinha tiver alguma dúvida. Gosta da escola, só que poderia melhorar com um laboratório, cobertura na quadra e portão com grade para não entrar cobras, e o que mais gosta na escola é a quadra, as aulas de educação física. Gosta dos professores porque cada dia trazem coisas novas. A disciplina que menos gosta é história e a que mais gosta é matemática.

M3 e A3

M3 estudou até a 7ª série, a mãe colocou na escola só que aos doze anos mandou morar em Salvador com uma família. Não conseguiu conciliar os estudos durante o período que viveu com essa família e se arrepende por não ter estudado e não retomou os estudos e não procurou fazer qualquer curso. Os filhos estão estudando e os de 15 e 21 anos dão trabalho, não gostam de estudar, fazem bico, trabalhos temporários. A escola fica perto de casa. Gosta da escola e A3 também gosta muito de estudar, frequenta e faz as atividades. A escola ajuda na educação das crianças e as exigências mudaram a atitude da família diante dos estudos e nesse tempo em que estão na escola é muito bom saber onde eles estão. A mãe também participa na escola em relação às reuniões, eventos ou queixas dos filhos. Não auxilia muito os filhos, conhece os assuntos pouco e quando tem dificuldades pede ajuda à vizinha. “A menina gosta muito de estudar.” Quando necessário, estabelece comunicação com os professores. Não tem conhecimento de atividades promovidas pela escola na comunidade. Todos os membros da família têm os documentos necessários.

A3 estuda pela manhã e fica à tarde e à noite em casa. Fica na creche três vezes na semana, vai à igreja, tem aulas de violão e informática. Gosta de brincar quando está em casa e com as crianças vizinhas, assistir desenhos no computador, mexer no WhatsApp só que uma hora quando a mãe está em casa. Costuma estudar no sofá, estuda rápido, 30 minutos e a mãe a ajuda nas tarefas, ela é paciente. Gosta da escola, só que poderia melhorar o acesso de pessoas estranhas à área da quadra, pois quando está na escola gosta de participar das aulas de educação física na quadra e é o que mais gosta na escola. Gosta dos professores porque ensinam bem. A disciplina que menos gosta é história e a que mais gosta é ciências e educação física.

M4 e A4

M4 estudou até o ensino médio, quando a filha nasceu. Foi incentivada pela família a estudar só que com o nascimento da filha precisou interromper os estudos, se arrepende, mas não pode continuar. Estuda inglês, informática e em casa junto com a filha. A escola em que a filha estuda é perto de casa e ela ou o pai a levam para a escola. Na maioria das vezes, a filha demonstra prazer em frequentar a escola e realizar as atividades, mas às vezes não. Conversa com a filha sobre a escola e acredita na parceria entre escola e família. Diariamente instrui a filha e a incentiva nos estudos, auxiliando nas tarefas, juntamente com o pai. Nas reuniões, está sempre presente ou o pai, eventos ou quando tem alguma queixa. Sempre opina e, quando necessário, vai até a escola conversar com o diretor e professor, não deixa só para a escola, acompanha muito. Não tem conhecimento de atividades promovidas pela escola na comunidade.

A4 estuda pela manhã, fica em casa pela tarde e à noite, é raro ficar fora de casa ou fora da escola. Quando está em casa, gosta de conversar com os pais e o pai agora conserta computadores em casa e ela está se interessando. Brinca com bonecas, joga, cuida do canal do YouTube, mostra as bonecas. É acostumada a estudar no quarto, na sala e, quando precisa, os pais ajudam no computador. Reserva uma hora para os estudos. Gosta da escola e a biblioteca e a parte aberta, sendo o que mais gosta da escola, só que poderia ser aproveitado esse espaço para construir algo. No intervalo vai à biblioteca ler algum livro, é o que mais gosta de fazer quando está na escola. Gosta dos professores porque ensinam bem. A disciplina que menos gosta é a de artes e a que mais gosta é a de inglês.

M5 e A5

M5 estudou até o ensino médio, teve incentivo da mãe para estudar, já o pai perguntava: "Para que estudar?" Começou a trabalhar, quando nasceu o filho parou de trabalhar só que às vezes dá vontade de voltar, quando vê faltando as coisas, a vontade aumenta. Não retomou os estudos e nem fez nenhum curso. O filho de 11 anos estuda pela manhã e o de 4 anos à tarde. A escola é perto de casa e ela mora em uma área murada com três casas, uma é da mãe e a outra da irmã. Os filhos gostam de frequentar a escola e de realizar as atividades, também gosta da escola e acha que ajuda bastante, as exigências ao acompanhamento da família ajudam, só que ela já via essa importância. Quando sabe ajuda nas tarefas, caso contrário pede

para que tirem a dúvida com o professor, se preocupa, pensa no futuro dos filhos e acha que o estudo é importante para se ter uma vida melhor, A5 pensa em ser bombeiro e o pai diz que ele deveria ser engenheiro. Participa das reuniões, evento, acha importante e se houver alguma queixa também vai na escola. Às vezes, estabelece comunicação com os professores. Não tem conhecimento de atividades promovidas pela escola na comunidade. Todos os membros da família têm os documentos necessários.

A5 estuda pela manhã das 7 às 12:00 e passa o restante do dia em casa. Só fica fora de casa ou da escola nos finais de semana, acompanhado pelos pais. Quando está em casa, gosta de varrer a casa, assistir filmes de aventura. Acostumado a estudar no quarto, a mãe que já foi professora, às vezes o pai, o ajudam nas tarefas da escola, pela tarde, das 14:00 às 15:00. Gosta da escola, mas precisa melhorar a “organização do lanche, os meninos ficam bagunçando”, quando está na escola gosta de brincar no intervalo no pátio, é o que mais gosta da escola, além dos professores que ensinam coisas diferentes. A disciplina que menos gosta é de português e que mais gosta é a de educação física.

A6

A6 estuda pela manhã e passa as tardes e noites em casa. Quando sai de casa é nos finais de semana para casa do tio no mesmo bairro, irmão do pai. Brinca na rua com outras crianças sob a supervisão dos pais, a rua é movimentada com carros. Quando está em casa, gosta de brincar com os irmãos, jogar bola de gude e outras brincadeiras. Quando estuda em casa é na sala no sofá, a TV fica desligada e os irmãos estudam no horário que querem e é ele quem toma conta dos irmãos. Não tem quem o ajude nas tarefas escolares. Estuda depois do almoço, das 13:30 às 14:30. Gosta da escola, mais “poderia melhorar se tivesse mais espaço na escola”, sendo o que mais gosta de fazer na escola é assistir às aulas de português e do intervalo, quando brinca e conversa com os colegas. Os professores é o que ele mais gosta na escola e o de português é o que ele mais gosta porque ele faz muito dever. A disciplina que menos gosta é a de matemática e a que mais gosta é a de português.

A7

A7 passa 5 horas por dia na escola e todo tempo extraescola fica em casa. Sai muito pouco de casa e quando sai é nos finais de semana para dar uma volta de

bicicleta na presença da mãe. Em casa, o que mais gosta de fazer é comer, coisas que se pode comer inclusive nas horas vagas fazer “misturebas”, sucos e depois tenta beber, além de acessar o YouTube, onde tem o canal Bel para meninas. Estuda muito pouco em casa, não tem quem a ajude, gosta de ler, mas não costuma pegar livro, fala sobre o livro *O Diário da Princesa*, mas ainda não o começou a ler. A mãe, quando chega, já chega gritando e quando ela faz uma leitura é no corredor pequeno que tem na casa, onde fica uma cama e é bem isolada. Às vezes, a mãe pega para acompanhar a tarefa escolar, mas não consegue ensinar, à noite a mãe vai para escola e aí não tem tempo. E a mãe justifica também que agora tem muitas disciplinas, muito mais que na outra escola. Gosta da escola e diz que não precisa melhorar “assim tá bom porque os alunos não valorizam, por que reformar se os alunos fazem ficar péssimo de novo”. O que mais gosta de fazer na escola é brincar e conversar com os colegas, gosta dos professores, “quando o professor não é legal não tem quem me faça, o professor pega no pé dos alunos, aí fica todo mundo quieto e tem silêncio na sala”, sendo que o que mais gosta da escola é da professora de matemática. A disciplina que menos gosta é “a artes porque quando o professor entra na sala ele já entra com o piloto na mão”, e a que mais gosta é a de matemática.

A8

A8 estuda pela manhã e passa em casa as tardes e as noites e aos sábados vai aos cultos da igreja. É muito raro sair de casa, pois mora em um sítio e tem um irmão, primo e duas primas e eles brincam muito. Gosta de jogar no notebook quando está em casa. Quando está em casa, estuda na sala porque tem mais cadeira, ele e os primos, todos estudam no mesmo horário e chegam juntos no mesmo carro. A tia é quem o olha e a mãe liga para saber se já esquentou a comida e o pai também às vezes pergunta. A mãe ajuda nas tarefas escolares quando ela está em casa, trabalha um dia sim e dia não, a irmão de 14 anos também ajuda. Reserva aproximadamente 1 hora por dia para os estudos. Gosta da escola e o que mais gosta de fazer quando está nela é estudar matemática. O que mais gosta na escola é o pátio e a aula de educação física. Gosta “dos professores porque eles são legais”. A disciplina que menos gosta é artes, e a que mais gosta é de meio ambiente.

M9 e A9

M9 estudou até a 4ª série pensa em voltar, mas a escola mais próxima disse que ela tem que começar do zero. Parou de estudar porque tinha que estudar e

trabalhar e ocorreu a gravidez. Arrepende-se por não ter prosseguido nos estudos, mas pretende voltar. Retomou os estudos no ano passado, mas não conseguiu continuar e este ano não está estudando e nem fazendo nenhum curso. Os filhos estudam, um pela manhã e outro à noite, os filhos vão para escola sozinhos e têm vizinhos que estudam na mesma escola. Os filhos “enrolam” de em vez em quando para realizar as atividades. Gosta da escola e diz que ajuda muito no desenvolvimento dos alunos, conversa com eles sobre a escola, mas não os ajuda nas atividades porque não sabe e acaba não os acompanhando, “ele vai para casa do coleguinha estudar”, só que os incentiva a estudar e diz a eles “vocês terão as suas coisas, façam gosto, me façam gosto, que eu vou te dar, vou fazer um esforcinho para dar o que agora me pedem”. Às vezes participa das reuniões ou quando tem alguma queixa, só não quando está trabalhando. As exigências da escola mudaram um pouco a atitude da família em relação ao acompanhamento dos estudos da criança. Não tem comunicação com os professores. Não tem conhecimento de atividades promovidas pela escola na comunidade. Todos os membros da família têm os documentos necessários.

A9

A9 pela manhã está na escola e passa o maior tempo em casa e só sai quando a mãe deixa, inclusive à noite. Também fica à tarde e à noite fora da escola ou de casa. Quando está em casa, gosta de assistir TV e só estuda na sala de aula, não é acostumado estudar em casa e não tem quem o ajude. Quando estuda em casa é à tarde. Gosta da escola e o que mais gosta de fazer quando está nela é conversar com os colegas e ficar na área da escola. O pátio é o que mais gosta da escola. Gosta dos professores porque são bons. A disciplina que menos gosta é de artes e a que mais gosta é educação física.

M10 e A10

M10 não concluiu o ensino médio, parou de estudar quando o filho nasceu e se arrependeu por não ter prosseguido, pretende voltar agora que resolveu a situação do sobrinho. Ainda não retomou os estudos e nunca procurou fazer um curso. O filho estuda, porém, fala dos sobrinhos que não estudam. O filho nunca repetiu de ano, a escola que estuda fica perto de casa. “A10 não gosta muito de estudar eu tenho que ficar no pé ele me enrola muito e eu com todos esses problemas não pude

acompanhá-lo.” Acha que a escola “colabora bastante com o desenvolvimento dele”. Tem pouca paciência para ensinar o filho e também não sabe muito, às vezes pede à vizinha para ajudá-lo, mesmo assim o incentiva bastante nos estudos. Este ano não teve muita participação nas reuniões devido ao problema do sobrinho. Às vezes, vai à escola quando tem alguma queixa ou evento. Não tem muita comunicação com os professores, “muito difícil”. Existe uma parceria entre a escola e a família “sem dúvida”. O acompanhamento da família em relação ao filho já era feito mesmo antes das exigências do benefício. Não tem conhecimento de atividades promovidas pela escola na comunidade. Todos os membros da família têm os documentos necessários.

A10 pelas manhãs nos dias da semana passa na escola e as tarde e noites em casa. Passa pouco tempo fora de casa ou fora da escola, são poucas as vezes que sai e quando está em casa gosta de brincar e estudar muito pouco. Às vezes, a vizinha ajuda nas tarefas da escola e não tem um horário regular para estudar quando está em casa. Gosta da escola, de conversar e de brincar com os colegas no intervalo quando está nela. O que mais gosta na escola é da área, acha que os professores “são legais”. A disciplina que menos gosta é a de matemática e a que mais gosta é a de educação física.

Análise

Nas mães entrevistadas o nível educacional varia entre fundamental incompleto e médio completo. Todas revelam o desejo de voltar a estudar; contudo, nenhuma mostrou um prazo para isto acontecer nem estratégia para tal. Todas reconhecem o valor da educação e acreditam na possibilidade de um futuro melhor para os filhos construída pela educação. A interrupção dos estudos por parte das mães ocorreu pela ocorrência do nascimento dos filhos e a necessidade de cuidados para com eles. A maior parte das crianças adota um horário e um local específico para os estudos extraclasse. Assim o fazem A1, A2, A3, A4, A5, A6. A7 declara estudar muito pouco em casa e não possui quem a ajude nas dúvidas em casa, e ainda revela:

“Minha mãe quando chega em casa já chega gritando.”

Percepção por parte de A7 da pouca disponibilidade oferecida por sua mãe, fato que corresponde à percepção afetiva da garota. Como bem aponta Piaget (1954, p. 277), é necessário o adolescente participar da afetividade coletiva do adulto da consciência coletiva sob seu aspecto emocional, assim como seu aspecto intelectual.

Encontramos uma inconsistência nas respostas de M3 e A3, quanto à colaboração por parte de M3 a A3 na realização das tarefas escolares.

A8 estuda com os primos em horário e local definido, contudo não conta de forma regular com a ajuda de familiares. A sua mãe, quando o ajuda, é em dias alternados, pois não está em casa todos os dias. Para Piaget (1954), o intermediador tem sua importância na consecução da acomodação e da assimilação para a criança. Mesmo com caráter fragmentado, dias alternados, ainda assim nota-se por parte de A8 já a estruturação dos valores ou interesses associados a respeito de uma orientação prestada pela mãe, de dedicar-se às tarefas diariamente em determinado horário, que é uma estrutura afetiva. Como aponta Piaget (1954), nesta fase a criança acata as normas, as determinações prestadas pelos adultos sem questioná-las. Apesar de a mãe não estar todos os dias, a criança assume as normas e determinações.

M5 reconhece a importância dos estudos por parte do seu filho e diz:

“Meus filhos me enrolam de vez em quando para realizar as atividades escolares”

M5 mostra não conseguir acompanhar a contento as atividades de A5, que mostra ainda uma alta heteronomia, que, segundo Piaget (1954), revela certa dependência em relação às suas ações, voltadas às ordens expressas por M5. Essa dependência tende a diminuir à medida que a percepção do jovem no tocante à autenticidade da razão da execução das normas, dirigida gradativamente ao espírito de coletividade, no ambiente familiar, a interação do diálogo favorece a autonomia.

M9 reconhece que não consegue acompanhar a execução das tarefas escolares dos seus filhos, mesmo sabendo que a escola vem recomendando que o pais acompanhem tais atividades. A9 revela que não estuda em casa, só na sala de aula e diz que não tem quem o ajude. Piaget (1954, p. 167) aborda o problema da autovalorização, e em específico a troca consigo mesmo, e não a troca com o outro. Os sentimentos de inferioridade, Piaget (1954) referencia Claparède quando o jovem

mostra a aceitação da inferioridade, com constante exagero, desculpando-se a si mesmo por seus fracassos, o que denota pouca autovalorização.

M10 não tem muito contato com as atividades escolares do filho e declara que A10 não gosta de estudar. A10 revela que não tem horário para estudar quando está em casa. Situação que apresenta forte similaridade com a anterior, sendo ainda revelada pela situação de crise vivida pelo sobrinho que se envolveu em situação policial, demandando muito de M10. Piaget (1954) bem coloca que as funções ditas superiores são regidas pela vontade, consubstanciadas pelos valores que são construídos de uma forma heterônoma a uma forma autônoma, na não apenas pela obediência, mas na conscientização do sentimento do coletivo. Percebe-se A10 em fase que demanda cuidados ainda referentes à heteronomia, ou seja, forte dependência dos pais para a execução das tarefas básicas. Ou seja, as regras não se mostram ainda de forma clara para A10.

PARENTALIDADE

(Relação com os pais, Entendimento do que é certo e do que é errado e de justiça, futuro e autoestima)

M1 e A1

M1 aos 22 anos teve o seu primeiro filho, a vida mudou muito, modo de pensar e nunca gostou de festas. Considera-se uma boa mãe, e afirma:

“Mãe é compreender, saber escutar seu filho, é abraçar, ser mãe é tudo pra mim,”

Um pai ou uma mãe ideal para ela é o exemplo, é um espelho para os filhos, ensinando as coisas certas. Não foi totalmente o que ela aprendeu, a mãe batia muito nela, só que ela dá umas “porradinhas” uma vez ou outra nos filhos. A relação com o filho considera boa. Ela se senta e conversa com o filho e quando este tenta esconder algo ela afirma que descobre tudo; só pelo olhar dele ela percebe. Declara que, como toda criança, o filho mente, é traquina, conversa em sala de aula. Demonstra sentir amor e afeto para com o filho. O segundo filho chega a pedir a ela para parar de abraçar e beijar:

“Minha mãe, pare com isto, fico com vergonha.”

Ele a abraça e beija direto, e o pai também faz isso. Afirma ainda que, por incrível que pareça, os filhos são mais “coligados” ao pai, ele se senta e conversa, acha que é mais consciente do que ela própria. Quando bebe pega no pé, mas não agride. Em relação ao futuro do filho, ela incentiva e fala para ele que tudo que faz é um empréstimo, todo material que dá para o filho é um empréstimo. Ele pergunta: Como vou pagar tudo isto? Ela responde, “Vou precisar de um bom médico, de um bom carro para me levar pro hospital. Conseguirá tudo isto estudando e se formando.” Com relação à profissão, o filho fala em ser policial, mas ela não gosta muito da ideia, está trabalhando para mudar esta ideia. O filho só sai de casa sob sua supervisão e vai à casa de dois colegas que são selecionados por ela. Ele brinca com os meninos que vão à sua casa ou quando sai para brincar. Se estiver algo errado, ela sente, mesmo quando ele não diz. Ele gosta de assistir a filmes infantis, o filme *Caratê Kid* e fica na internet, em média uma hora por dia. Gosta de jogar muito game, assistir TV, celular, gosta de astronautas, assunto sobre os cometas, os meteoros, quando conversam sobre estas coisas ele chega em casa e vai logo para a internet. Quando erra, castigo, coloco no quarto só sai para tomar banho e comer. “Sou tolerante, mas quando abusa chego junto.” As pessoas com quem ele mais fica são o pai, irmã e cunhada. Fica a partir da tarde em casa e pela manhã trabalha, chega em casa às 14:30, aos sábados não trabalha. Quando está em casa o que mais faz é limpar a casa só que não gosta, o que mais gosta de fazer em casa é assistir um monte filmes com os filhos, jogar dominó e dama. Acompanha as tarefas escolares, o pai é bem menos. Nas férias, leva para o cinema, mas não sai muito devido aos gastos, onde vai leva os filhos. Passa mais tempo com os filhos devido ao horário de trabalho. Quando sai para trabalhar o marido ou a cunhada, que é vizinha, toma conta. Tem álbuns de fotografias dos filhos, quando tem aniversário nem sempre fez festa, às vezes vão à praia, devido aos custos. É difícil de os filhos adoecerem, mas quando adoecem ela é quem cuida, dá banho, comida, marca médico ou leva. Ajuda os filhos quando não conseguem resolver as tarefas, chamam logo por ela. Muita coisa ele tem preguiça para resolver conhece muito ele. Perigo? Orienta sempre ele. Durante a semana janta com os filhos e no final de semana fazem todas as refeições juntos. Já passaram momentos bons em família, na praia, em passeios, cachoeiras. Passou por momentos difíceis, a família era muito humilde, sofreu *bullying* pela pobreza, eram

cinco irmãos, a mãe que criou, o pai não estava presente. O filho sofreu *bullying* por ser negro e magrinho, mas conversou com ele a respeito. A escola influencia bastante, ele entende que tem que estudar para vencer os preconceitos e ter uma vida digna.

A1 nunca fica sozinho em casa, quando os pais precisam sair ele e a irmã ficam com a tia. Se estiver fazendo algo que não consegue terminar sozinho, pois ficou difícil, pede ajuda primeiro à mãe. Em casa lava os pratos e é o pai quem mais o cobra e é também o pai quem o ajuda com essa tarefa. Aos feriados ou no domingo vai à praia ou à casa da avó materna, no bairro do Lobato. Nas férias, passeia em Salvador e se diverte. Michael Jackson é um ídolo para ele. Na família o que mais gosta é o divertimento que ela proporciona. Tem mais contato com a mãe e o pai e também são as pessoas que mais admira, eles se abraçam e se beijam, ele diria para cada pessoa da família que os ama. Quando é chamado para uma conversa, é a mãe que conversa mais, mas com a irmã não conversa muito por ser nova. A mãe elogia e o incentiva nas coisas que faz e se precisa tomar alguma decisão é a sua mãe quem ele mais procura. Para ele, estudar é fazer coisas certas, e se fizer as coisas certas não vai fazer tudo errado, a mãe e o pai o ensinam a ser uma pessoa boa e o que é certo e errado; além dos pais, os avós também ensinam. Para ele, fazer coisas erradas é ser ladrão e roubar. Se fizer algo certo os pais “elogiam”, e se errar “ficam bravos”. Conversa com os pais sem restrições. Quando fala em justiça, para ele “é ser uma pessoa certa fazer o que é bom, se tudo o que é bom é melhor para a humanidade”? Nunca percebeu se foi injustiçado. De 0 a 10, deu a nota 9 ao pai, à mãe e à irmã, considerando que eles são justos. Com relação ao futuro, ainda não decidiu qual profissão seguirá, mas já se imaginou adulto. Os olhos é o que ele mais gosta nele.

M2 e A2

M2 aos 37 anos teve o seu primeiro filho e se considera uma boa mãe e para ela ser mãe é tudo. Pensou muito em ser ou não ser mãe, depois optou em ser, mas quis só um, as pessoas cobravam e diziam que quem tem um não tem nenhum, só que às vezes você tem cem, mas não tem ninguém, mas optou em ter um. Quando se tornou mãe ficou mais responsável ainda, a vida mudou muito, para ela uma mãe ideal, ela queria ser, só que suspende o castigo, não queria ser assim. Tem uma relação boa com A2, e acha que a filha é inquieta, orienta como é a vida, só quer estudar, mas não faz nada, é muito interessada com os deveres, não deixa ir para a rua, na rua tem muita criança solta. Demonstra que sente amor e afeto através do

abraço, beijo e também castigo quando abusa, às vezes, um tabefe, chora e reclama, “ai, minha mãe você me bateu”, às vezes conversa com ela, que os irmãos foram criados e que a família era fraca, o pai não tinha instrução nenhuma de ensino, mas dizia para respeitar o próximo, até um cachorro que passasse na rua era pra ser respeitado. Pensa no futuro da filha, que pensa em ser gerente de uma loja de sapatos de um shopping em Salvador, conversa muito, ela “pinta o 7” nesta loja de sapatos de um shopping em Salvador, disse que quer ser professora, médica e vendedora de sapatos em São Paulo, o gerente disse para ela não ser vendedora, pois vendedora não ganha dinheiro, mas ela disse “quero sim” ser vendedora. A filha diz “Ah, não quero ser mais médica não, quero ser professora”, agora quer ser veterinária. Gosta de assistir ao desenho da Barbie na internet, pede para ter Face, só que ainda não está na idade, assiste Chaves, no domingo Sílvio, dá muita risada com o Sílvio Santos, Celso Portiolle e Eliana. Constantemente aconselha a filha e confia na amiga que é vizinha para ficar se precisar, e quando está trabalhando, a filha chama a vizinha de avó. Fica em casa à noite e o restante do dia trabalha. Em casa o que ela mais faz é arrumar as coisas, assistir TV e ajudar a filha nas tarefas, mas o que mais gosta de fazer é brincar com a filha, jogar e assistir TV juntas. Nas férias escolares viaja com a filha e mesmo trabalhando é que está mais presente na vida da filha. Tem muitas fotos desde bebê da filha e gastou quase 300 reais só de foto no ano passado. Comemora os aniversários da filha desde o primeiro ano de nascimento. É difícil a filha adoecer, mas quando está assim ela cuida. Durante a semana jantam juntas e no final de semana fazem todas as refeições. Quando saem a passeio vão ao cinema, viajam, etc. Todos os momentos com a filha marcaram muito, e o seu pior momento foi quando sofreu tentativas de agressão do ex-marido. Monitora a filha por telefone e sempre está na observância. Sempre é ela que marca para a filha ir ao médico. Para ela, a escola influencia na sua relação e ajuda nos conhecimentos.

A2 sempre fica em casa com alguém, quando está fazendo a tarefa, se a mãe estiver em casa ela a ajuda se estiver na casa da vizinha é o pai da criança com quem ela está é quem a ajuda. Em casa, a mãe pede para ajudar com os pratos. Quando tem um feriado, viaja para a casa da avó, no interior, vai ao shopping, sai para passear, também nas férias além dessas saídas faz excursões, Rio, Fortaleza, etc. O pai e a mãe são os seus ídolos. Acha que a família é “legal” porque se comunica, o jeito como fazem amizade, qualquer coisa fazem uma brincadeira, fizeram uma festa surpresa da mãe, madrinha, a família toda fez uma festa surpresa, conversamos muito. Admira

muito a união da família. Tem mais contato com a mãe e é quem, mas admira e recorre e quem menos admira é a prima, que só coloca a culpa nela é mal-humorada, mora em Irará. Todos se abraçam e se beijam. Quando é chamada para conversar é a mãe que chama. Tem um irmão, mas não mora junto. Ela diria para cada membro da família que ama e que sente que também é amada. Às vezes, acontece alguma briguinha, normal, percebe este afeto, pois quando alguma coisa ocorre com ela todo mundo vem acolher. E mostra também isto para eles. A mãe incentiva e elogia nas coisas que faz. Para ela as coisas certas são não xingar, não maltratar, não bater, mas às vezes tem que fazer só uma coisinha desta errada para se defender. O menino que meteu *bullying*, falou que ela era gorda, que tinha quatro olhos (por causa dos óculos), ficou muito brava e depois de quase dois meses de abuso foi pra cima dele, foi sem querer, mas foi pra cima dele e resolveu a situação. Foi na escola. Nunca mais abusou e virou amigo. A família ensinou a reagir de vez em quando. Quando os pais sabem que faz a coisa certa, revela que os pais ficam muito felizes. Ele fala tipo assim (referindo-se ao pai) eu passei na prova aí ele fala “Oh, filha, muito bem, você vai ganhar um presente... Continue assim, viu?” Quando faz alguma coisa errada fica de castigo, por exemplo, sem celular por um mês. Tomou um bolo em cada mão do pai, uma vez que pegou escondido um negócio de uma menina, ela só tinha poucos anos, mas entendeu porque e foi com meu o pai na casa da menina levar o negócio na casa da menina. Os pais explicam o que é certo e o que é errado, além da madrinha, todos explicam. Todos se abraçam e se beijam. Conversa com o pai pelo zap e com a mãe pessoalmente, sobre muitas coisas, inclusive sobre o que é certo e o que é errado. Entende que justiça é quando você faz uma coisa errada aí você tem que mudar essa coisa errada. Você tem que pedir desculpas dessas coisas. Já sofreu injustiça quando o menino que meteu o livro na cabeça dela, dias depois ele nem olhou e até hoje, mas foi o último ano de aula lá, chamou a mãe e a mãe foi até a escola e lá ele pediu desculpas. Considera o pai, a mãe e o irmão nota 10. No futuro, quando estiver adulta pensa em ser veterinária, mas se não der, médica e nos tempos livres bailarina. O que mais gosta dela é o sorriso.

M3 e A3

M3 aos 15 anos teve o primeiro filho, não foi uma gravidez planejada, parou os estudos, passou fome, morava na casa do irmão, já trabalhava, foi a única que teve filho antes dos 18 anos, não teve ajuda da família, mas o pai da criança ajudou. Muita

coisa mudou, aumentou a responsabilidade. Diz não ter sido preparada para ser mãe e para ser uma mãe melhor teria que ter uma mãe melhor, mas não teve uma mãe melhor, então não pode passar o que não recebeu, não teve carinho de pai e de mãe, não teve infância, dos 9 aos 10 anos já trabalhava na casa dos outros, almejava ter uma mãe ou um pai de verdade para ser diferente hoje, a base no lar é muito importante para o futuro da pessoa. A mãe ideal seria, para ela, carinhosa, amorosa; quando o filho passa do limite, deve ser exemplar, mas sem agredir, conversando com carinho. Se errar, filhos têm que reconhecer, pedir perdão, para ter um relacionamento bom. Não teve uma mãe ideal, já sentiu muita raiva da mãe, já escreveu uma carta e tomou remédio para se matar, tinha 10 anos, hoje não tem mágoa dela, procura entender o lado dela, pensa assim se a mãe tivesse tido uma mãe também carinhosa, também amorosa que fizesse por ela, então estaria cheia de amor, mas ela não teve, “se você não teve nada então você não vai passar nada”, ela procura entender assim. Existe um vazio dentro dela, porque também queria ser uma mãe diferente, não espanca os filhos, tudo o que pode dar ela dar, até o que não teve, conversa com eles a vida que teve o sofrimento que teve, mas infelizmente os jovens as cabeças são diferentes, se tivesse uma boa educação teria muita coisa para passar para os filhos, a família seria diferente, porque vê famílias diferentes. Ela hoje é um pouco mais calma, agora quando precisa bater, coloca de castigo, discute a questão com justiça, mas quando diz para fazer algo, eles vão e fazem. A mãe dela já foi agredida pela avó e ela já foi agredida pela mãe, hoje não adota tal prática. Tem uma relação boa com os filhos, A3 é uma menina boa, mas quando quer uma coisa e não consegue insiste muito. Demonstra muito amor e afeto com os filhos abraça-os e beija muito pouco, mesmo não tendo sido criada assim. Pensa muito no futuro deles, os incentiva e explica o que é certo e o que é errado. A TV é raramente ligada, a internet controlada, só quando está em casa. Quando todos saem A3 fica em casa sozinha. Durante a semana trabalha, mas almoça em casa e nos finais de semana fica integralmente, passa oito horas por dia fora de casa, quando está em casa o que mais faz e gosta de fazer é cuidar das coisas, além de descansar. Acompanha A3 nas tarefas e ajuda no que sabe, a filha gosta muito de estudar e se tem alguma dificuldade recorre à vizinha. Nas férias escolares, viajam para ilha ou para Castro Alves. Faz atividades com os filhos, religiosas, acampam entre outras. Fica mais com os filhos devido à carga de trabalho do marido. Quando sai para trabalhar e ocorre alguma necessidade, a filha fica na casa dos vizinhos que são de confiança. Tem poucas fotos dos filhos.

Difícilmente os filhos adoecem, mas quando ocorre ela cuida. Ajuda os filhos em qualquer situação de perigo. Às vezes, come junto com os filhos. Participam dos acampamentos da igreja. Quando passam dos limites, bate e põe de castigo. O pior momento que passou foi quando veio para cidade aos 12 anos. Acompanha A3, sempre marca e leva ao médico. A escola ajuda na educação dos filhos, até nesse tempo, saber onde estar é muito bom, gosta da escola.

A3 às vezes fica em casa sozinha, algumas tardes, mas não é muito comum, quando não consegue terminar a alguma tarefa que está difícil pede ajuda a mãe, faz algumas tarefas de casa, como arrumar os pratos e limpar a poeira da sala. Quando tem feriado acampa com todos da igreja, aos sábados vão ao culto da igreja, aos domingos pela manhã também. Aos domingos, às vezes fazem churrasco na cobertura da casa, e os vizinhos que são também adventistas participam. Nas férias brinca sai da rotina, sai nas férias, o padrasto sai menos porque está trabalhando. Viajam para ver a família do padrasto que é na ilha ou no interior da mãe que é em Castro Alves. A mãe é seu ídolo, os super-heróis os vingadores. Na família o que é, mais legal é quando a gente fica junto e quando sai. Tem mais contato com a mãe e também é a que mais admira. Abraçam-se e se beijam muito pouco. Quem chama mais para conversar é a mãe, ela conversa com os irmãos. Diria para a família que ama todos eles. Quando precisa tomar alguma decisão recorre à mãe. A mãe o elogia e incentiva, às vezes. Para ele, as coisas certas são amar ao próximo, tirar boas notas na escola, a família unida e as erradas quando as pessoas se matam, quando as famílias se desunem, quando as crianças não estudam, quando faz alguma coisa certa recebe os parabéns e abraço, o padrasto diz parabéns e se faz algo errado, o padrasto reclama, o que é isso A3, toma um tapa e chora. Não bate muito, faz mais falar quando não obedece aí toma um tapa, chamam para conversar. A mãe e o padrasto, explicam o que é certo e o que é errado, tipo brigar com o irmão, não fazer o dever, em relação aos outros colegas explica o que é certo em relação às outras pessoas. É mais a mãe que explica o que é certo e o que é errado. Gosta de conversar com o genético pelo zap, ele mora muito longe. Justiça para ela quando a pessoa fica do lado dos que ama. Nunca sofreu nenhuma injustiça. O pai e a mãe dá nota 10, os irmãos nota 8. Pensa no futuro em fazer gastronomia e ser modelo, os pais falam como você quer ser gastronômica se pega tudo errado?

M4 e A4

M4 tempos atrás não se avaliava muito bem como mãe, só que adquiriu experiência, e hoje ser mãe para ela é tudo. Deus deu uma filha abençoada e espera que ela reconheça o amor a ela dispensado. Uma mãe ideal para ela, é a mãe que zela que cuida, que respeita, que amar, que é companheira, que é amiga. Assim afirma M4:

Quando tenho que chegar junto e dizer por que estou castigando, sempre converso com ela sobre isso, quando castigo digo porque, a diferença entre surra e tapa existem, depois pergunto se ela sabe porque ela está recebendo a punição.

A mãe ideal para M4 não existe. Para ela não existe mãe perfeita. Afirma que quando passou a ser mãe, mudou muita coisa em sua vida. Considera que algumas coisas foram boas e seria mãe de novo com certeza. Diz demonstrar afeto e entende que é uma forma de carinho. Abraça, beija, conversa, pede desculpas quando exagera, vai até a filha abraça e a filha chega a dizer:

“ Não mãe, também tenho culpa, eu lhe irritei.”

Agora sempre falou com ela que ela deve admitir o erro mesmo que esprema sangue, mas admita se errou. Quando é adulto apanha na vida. Aconselha constantemente e se tivesse que pedir para alguém para ficar com a filha seria a avó. Não fica muito tempo fora de casa e, quando sai, normalmente é o marido que está em casa. Quando está em casa o que mais faz são as coisas de casa, acompanha as tarefas da escola da filha, depois estudam juntas inglês, informática, brincam um pouquinho e depois vão dormir, hoje é autônoma, está o tempo todo em casa, está presente. E o que mais gosta de fazer em casa é artesanato. Nas férias escolares da filha passeiam e vão ao cinema. Passa tempo integral em casa. O marido está desempregado, conserta computadores em casa. Raramente a filha fica com avó da parte da mãe que mora perto quando não tem com quem fique. Tem muitas fotos e nos aniversários faz festinha, passeia, faz churrasco. Quando a filha fica doente, se precisar dá banho, cuida. Quando quebra algo ou precisa defendê-la de algum perigo sempre ajuda. Algumas vezes comem juntas, outras vezes separadas. O melhor momento foi quando reclamou com a filha, ela chorou e veio pedir desculpas, as duas

pediram-se desculpas, sentiu que as coisas foram resolvidas e ela disse ainda bem que tenho a senhora. O pior momento foi quando a filha esteve bastante doente, sempre teve problema de saúde, já teve que interná-la, quando tinha 6 anos para uma cirurgia, garganta e nariz. Nunca precisou vigiá-la, mas zela, cuida, leva-a a escola ou o pai e trazem também em função da situação de hoje em dia. Sempre quem marca o médico é ela. A escola não favorece de forma direta, mas procura orientar nas disciplinas, sempre opina, quando ver que é necessário, vai até a escola fala com diretora e professor, não deixa só para a escola, ela acompanha muito.

A4 raramente fica em casa sozinha, quando tem alguma tarefa que fica difícil, pede ajuda quem estiver mais perto ou o pai ou a mãe, mais é a mãe quem chega logo. A mãe sempre pede ajuda com os pratos, arruma, etc. Nos feriados ou domingo, às vezes fazem churrasco, assistem filmes, fica andando de bicicleta, sempre com a mãe e o pai. Nas férias vai para praia, shopping, piscina que ama, chama as colegas. Considera a mãe como a super-heroína. O que acha mais legal na família é que vive sempre unida, às vezes tem uma briga ou outra, mas isto é normal, ela ajuda e sente que aliviou, conversam e se ouvem. Tem mais contato com a mãe. Mas admira os dois, o pai e a mãe. Quem menos admira é o primo, filho do tio, se meteu com coisas erradas, não fez coisas boas se não fosse pelo pai, acha que o tio não estaria nem mais vivo. Sempre abraça e beija os pais, só os pais que a orienta. Os pais gostam de conversar, ela gosta de puxar assunto e eles gostam, puxa também muito assunto com o pai, o que está acontecendo na vida né. Se tivesse que dizer algo para a família e dizer para a mãe, que a ama apesar do que já fez e desculpa-se por tudo, para o pai para a avó e para o tio Ed que é muito engraçado. Quando precisa tomar alguma decisão recorre à mãe e a mãe elogia e incentiva. Para ela fazer coisas certas é tomar decisão, tem dois caminhos, escolher o melhor. E fazer coisas erradas é o excesso de risco, os pais explicam. Quando os pais sabem que fez algo certo, algo bacana, eles ficam felizes, demonstram dando um sorriso, A4 se sente bem. Quando faz algo errado, os pais falam isto é feio, não faça mais isso e os castigos são aplicados, tira o computador, celular, TV, e depois liberam, de vez em quando uns tapinhas, a mãe batia com um pedaço de pau, ele teve que esconder pelo seu próprio bem, o pai dá uns tapinhas no braço, às vezes belisca. Os pais conversam sobre o que é certo e o que é errado. Já sofreu injustiça quando um menino estava na porta mexendo na maçaneta, aí reclamaram e a mãe do menino disse que foi ela. Até hoje ela tem raiva disso, a mãe só saiu com ela e quando chegou disse que não era para ela ter ficado

ali e foram embora. Deu nota 9 para mãe e o pai. Para o futuro, já pensou em ser enfermeira, depois pediatra, mas tá cedo para pensar nisso. Gosta de si como é.

M5 e A5

M5 considera-se uma boa mãe e também privilegiada, tem os filhos com saúde. E as obrigações para ela é cuidar, educar tem como direitos ser respeitada, ser amada, ser recompensada. Uma mãe ideal para ela deveria ser quem cuida, quem dar carinho, ser dura na hora certa e tem que ter a hora de puxar. Depois que se tornou mãe a vida não mudou muito não, pois já olhava os filhos dos outros, agora os filhos são seus. Acha que mudou para melhor, deu para concluir o magistério. Trabalhou em uma creche por 10 anos. Tem uma relação que considera boa com o filho, ele percebe o amor dela e ela percebe o amor dele pela maneira que trata ela e diz que quando for trabalhar vai dar tudo para ela. Demonstra afeto beijando, abraçando, o pai também faz isso. Quando o filho erra dá uns “catiripapos”, aí chora, chora por tudo, é ciumento, cobra muito dela, gosta do irmão, brincam e brigam. Para o futuro do filho pensa que ele estude até quando der para estudar, quer ser bombeiro, ser advogado, o pai sugere que seja engenheiro, para ele estudar é uma luta, mas ele estuda. Se preocupa com as amizades do filho, que são poucas, ele fica pouco na internet e acompanha os acessos, não deixa no Face, nem no zap. O filho assiste a programas esportivos, mais nos finais de semana. Para o filho estudar é uma luta, pega alguma coisa para fazer, mas é muito distraído, recomenda que ele leia em casa e ele não ler, acha ele muito inteligente. Fica integralmente em casa e fica pouco tempo fora de casa, só quando sai para comprar algo. Acompanha as tarefas escolares e quando não sabe ele tira a dúvida com o professor. A5 pede ajuda a mãe mais que ao pai, quando ela está em casa ele a chama umas duzentas vezes, “o menino fala demais, oxe”. Nas férias escolares, saem, ficam em casa, vai para praia, shopping. Nas horas vagas brinca com filhos, gosta de jogar dominó, baralho, brincar na internet, “quando perde, fica zangado”. Ela é quem passa mais tempo com o filho e o marido faz bicos. Tem poucas fotos dos filhos e comemorou o aniversário do filho até os 5 anos devido aos gastos, agora saem para passear. Quando o filho adocece, tudo é com ela, antes ficava muito doente das amígdalas, tratou e não precisou fazer a cirurgia. Ajuda o filho em qualquer coisa, perigo, quando quebra algo, “tudo me chama”. Às vezes comemos juntos. Aos domingos o pai leva o filho para ver o futebol no bairro. O melhor momento é agora, o filho está crescendo e ela está gostando muito

deste momento. O momento mais difícil foi quando o filho saiu da escola e tinha um menino parente da diretora e ameaçava ele, uma vez bateu nele. O filho queria que o ano terminasse logo, ela foi à escola e conversou com a diretora.

A5 não é comum ficar sozinho em casa, só se a mãe sair. Quando a tarefa está difícil solicita ajuda para a mãe. Gosta de varrer a casa. Nos feriados sai com o pai para olhar o pai jogar bola, ele é zagueiro. Nas férias vai para o interior com seus pais. O seu ídolo é Jacke, um aventureiro que busca salvar o mundo. Ele acha mais legal na família o amor e as pessoas com quem mais tem contato é com a mãe e o irmão. O pai é a pessoa que mais admira, apesar de trabalhar muito e ficar pouco tempo com ele, quem menos admira é o irmão, por brigar muito, e a mãe fica mais do lado dele, recebe tapas da mãe e do pai quando abusa. O irmão também recebe tapas. Abraçam-se e se beijam. A mãe é quem mais o chama para conversar e ele conversa muito com o irmão que tem 4 anos. Ele diria para a família, que ama a mãe, ao pai que é legal e divertido, ao irmão que é legal e divertido. Quando precisa tomar decisão recorre a mãe que o elogia e incentiva, quando faz coisas certas. Para ele fazer as coisas certas é ser educado, ser respeitador, a mãe e pai ensinaram e as coisas erradas é fazer o que não deve, o que não deve ser feito, a madrinha também orienta. Os pais ensinam o que é certo e o que errado, quando faz alguma coisa certa a reação dos pais é recompensar por mais tempo no computador e quando faz algo errado toma uns tapas, não chora. Gosta de conversar mais com a mãe, mas os dois explicam o que é para ele fazer e o que não é. Para ele justiça é quando as coisas que acontecem são certas. Deu nota 9 para o pai, nota 7 para a mãe, e 4 para o irmão. Pensa em ser no futuro um trabalhador, pensa em ser advogado, sabe o que faz? Quando tem uma pessoa presa ajuda a soltar, os pais incentivam. Gosta muito de música, pagode, os pais também gostam.

A6 nem sempre fica só em casa, quando os pais saem para trabalhar, fica com a chave da casa e toma conta dos irmãos, quando fica sozinho é pelas tardes. Quando não consegue terminar alguma tarefa que está difícil, pede ajuda à prima, que mora ao lado; quando os pais estão em casa, pede à mãe. Não faz nada em casa a mãe deixa tudo pronto. Nos feriados a família sai pouco, quando saem vão para a casa do tio, irmão do pai, que fica no bairro. Nas férias ficam em casa ou vão para a casa do tio. Seu ídolo é o Super Man, que pode voar e é forte. O mais legal na família é quando todos estão juntos, sente-se feliz. Tem mais contato com o irmão e admira mais a

mãe, a sua roupa e o rosto. Só quem abraça e o beija é o pai e não é comum conversar, só quando acontece alguma coisa errada, se a mãe chama por alguma razão, fica brava na maioria das vezes. Conversa com os irmãos. Para ele fazer as coisas certas é respeitar a mãe e o pai, e erradas é não respeitar pai e mãe. Os pais explicam o que é certo e errado e o que é certo, é pegar determinada coisa só quando mandarem. Ele concorda porque são os pais. Quando faz algo certo os pais não comentam nada e se faz algo errado, não batem nele, mas explicam o que deve ser feito. A mãe também explica o que é certo ou errado. Não gosta de conversar com os pais quando faz alguma coisa errada. Ele não tem ideia do que é justiça, mas responde a situação dos copos¹⁰. Deu nota 10 para o pai, mãe e irmão “são melhores que eu, eles contam tudo para minha mãe, eu não”. O que gosta mais nele é a maneira de ser, já é bom como é.

A7 na maior parte do dia fica em casa sozinha, o irmão mais novo fica na casa de uma mulher que cuida dele, amiga da mãe, a mãe chega por volta das 4 horas e o irmão mais velho tem aula à tarde. Quando alguma tarefa fica difícil, pede ajuda à madrinha, que mora no lado. Tem dificuldade com a disciplina de matemática, destaca raiz quadrada. A mãe designa algumas tarefas de casa, por exemplo, limpar o xixi da cadelinha. A única coisa que não pode fazer é sair de casa. No feriado só sai para a casa da madrinha. E não tira o pé de lá a não ser para casa. No final de semana brinca de bicicleta, na frente da casa com a mãe olhando. Não tem com quem brincar. Brinca com o irmão mais velho, só quando ele dá uma de criancinha, aí eles brincam mais. Chama a mãe para sair, mas ela não gosta e aí não saem. Foi ao jardim zoológico quando era pequena. Nas férias viaja para o interior onde mora o pai e gosta muito do pai. Não tem ídolo. Não sabe, não acha nada em relação à família. Gosta de sair com o pai apesar dos gostos serem diferentes quando o vê nas férias. Tem mais contato com o pai, apesar de a mãe ter mais tempo com ela. Admira mais o pai, mesmo apesar de o pai ter dito, quando ela estava na barriga da mãe, ele dizia que não era filha dele, aí quando já nascida, já pequena, ele queria registrar, mas o tio não deixou, ele foi embora, não o conhece, não sabe nem o nome dele. Não interessa, sabe porque amor e carinho mesmo do pai de criação não falta, esse pai ela não considera o de criação,

¹⁰ Problema apresentado por Piaget para verificar a percepção de justiça por parte da criança (quebra de um copo intencionalmente e de dez com intenção, com base no conceito do que é justo, deve-se atribuir punição à qual das crianças?).

considera o que não é de sangue porque pai é quem cria. Só abraça o pai quando o vê nas férias, a mãe não gosta de abraço. O pai conversa mais com ela pelo celular (mora em outra cidade). Tem um irmão mais velho que briga muito e brinca pouco, só quando ele quer dar uma de criancinha que brinca um pouco, quando o irmão de 1 ano está em casa ela brinca muito com ele. Se tivesse que dizer algo a alguém da família, diria à tia que dê ordens aos filhos que são muito desobedientes. Quando quer tomar alguma decisão pede conselho à mãe. O momento mais difícil foi quando a mãe se separou e a morte do tio. A mãe elogia e a incentiva de forma fria. Para ela fazer as coisas certas é fazer o que mãe pede e as pessoas da família. Fez referência a um livro de Testemunha de Jeová, o grande instrutor, aprende que tem que ajudar a mãe, devido à desobediência Adão e Eva morreram, e as coisas erradas são mentir, xingar, desobedecer. Quando faz algo certo não é elogiada, mas quando faz as coisas erradas a mãe pega no pé. Ela nem agradece quando faço algo para ela, não pede nem fala obrigado. A mãe grita muito com ela; contudo, ela frequenta a igreja testemunha de Jeová e assiste às vezes as pregações, diz que a religião explica o que é certo e o que é errado. Tem uma instrutora da religião que eventualmente vai à sua casa fazer algumas leituras e refletem depois. Os pais não conversam, não têm paciência só fazem gritar. Justiça para ela é não fazer nada com as próprias mãos, justo é ter um país mais limpo, tudo sujo nas ruas cheio de lixo, ela sempre quis jogar um monte de pratos para cima, não acha justo fazer isto. Para ela sofre injustiça porque não tem ninguém para ajudá-la. Deu nota 10 para os pais, diz que apesar de a mãe não ter paciência, reconhece que ela trabalha muito, deu 9 para o irmão mais novo e 5 para o mais velho. É bastante comunicativa e gosta de conversar.

A8 Não fica sozinho, tem uma tia que mora dentro do sítio, em uma casa ao lado, sempre tem alguém com ele. Quando está fazendo uma tarefa e fica difícil pede ajuda à mãe, ela tem boa vontade em ajudar. Em casa, varre a área de fora, junta as folhas secas para queimar depois. Nos feriados, dorme até mais tarde, brinca e almoça junto, saem, brincam até a noite com os primos. Nas férias escolares, vai à praia, faz churrasco no sítio, no Natal iluminam a árvore, montam as mesas debaixo das árvores. Um ídolo é o tio, irmão da mãe que mora na casa tia. O que acha mais legal na família é quando no Natal é feita uma grande mesa, com três mesas, cadeiras e todo mundo come. Tem mais contato com a mãe e admira os pais, mas a avó mora distante. O pai é quem mais o chama para conversar. Brinca e conversa com o irmão

mais novo, de 9 anos. Se tivesse que dizer algo para cada pessoa da família diria “mãe eu te amo, pai eu te amo”, irmão não sabe e tio “eu te amo”. Quando quer tomar uma decisão, recorre à mãe. Momento difícil na vida foi falecimento da tia e do tio. A mãe o elogia e o incentiva. Para ele fazer as coisas certas é quando não desperdiça comida e quando faz as tarefas e as coisas erradas é desperdiçar comida, não estudar e não efetuar as tarefas do sítio, quando isto acontece ele é chamado a atenção. A mãe e o pai conversam a respeito. Quando faz alguma coisa certa os pais ficam felizes e a errada a mãe conversa com o pai e o pai conversa com ele. Ele concorda com o posicionamento do pai. O pai e o tio são os que mais explicam o que é certo e o que é errado. Gosta de conversar com os pais qualquer assunto. Para ele, fazer justiça é coisa justa, quando a mãe não deixa jogar com o notebook, ele acha que não é justo. Acha que foi injustiçado quando a mãe deixou de ir à praia depois que mãe se irritou com o primo e ninguém foi. Deu nota 8 para o pai, 9 para mãe e 7 para o irmão. No futuro, quer ser piloto de corrida, dizem para ele que precisa estudar para ser o que quer no futuro.

M9 e A9

M9 teve filho aos 18 anos, a gravidez não foi planejada. Para ela, ser mãe é a pessoa criar, não deixar o filho no meio dos errados, estar sempre olhando e uma mãe ideal é a que tem responsabilidade e dedicação. Ela se avalia como uma boa mãe, pelos filhos não usar drogas, serem honestos e quando a mãe é uma boa mãe, Deus não deixa. Depois que se tornou mãe mudou muito a vida, quando passou a ser mãe, teve que largar muitas coisas para dar exemplo. O filho não conhece o pai biológico, mais gosta muito de um companheiro que ela já teve, considera-o como pai e o vê com certa regularidade, “hoje mesmo vai vê-lo no shopping”, não conversa com o padrasto. A sua relação com o filho é mais ou menos, tem momento que parece que ele não é certo não, ele a estressa muito, o outro filho é mais chegado. Brinca com fósforo na garrafa de vidro, tampa, ela fala para ele não andar com pessoas erradas e por causa de uns todos pagam. Não conversa muito, sente amor por ele, mas não abraça muito, ele a beija e, às vezes, ela o beija, quando vem do colégio ele a beija. Quando pensa no futuro do filho, fala para ele estudar para ser alguém na vida, o filho fala em ser engenheiro e pensa em fazer curso de engenharia, então ela fala para não andar com pessoas erradas. Por causa de uns todos pagam. Ela se preocupa com as amizades dele e, às vezes, ele dá uma escapulida, sempre fala com ele para ter

cuidado. O filho assiste pouco a TV, não tem computador em casa e o celular quebrou porque ele estava muito rebelde. Repreende o filho quando sai da linha, não é muito de bater, coloca de castigo. Quando precisa sair o filho fica só, sempre ficou só. Atualmente fica integralmente em casa. O que mais faz em casa é arrumar as coisas e cozinha, e o que mais gosta de fazer é descansar. Não acompanha as tarefas escolares, quando tem alguma atividade ele vai para casa do amiguinho. Nas férias escolares o filho se encontra mais com o ex-companheiro que considera como pai, brinca na rua e ela fica mais em casa. Não fazem nenhuma atividade, ela diz que o filho é muito estressante, apesar de revelar que sente falta dele quando ele não está em casa. Ela passa mais tempo com o filho, ele não é chegado muito ao atual companheiro. O melhor momento foi a chegada de A9, pois é quem tem até hoje e é a única pessoa que está com ela no dia a dia e o mais difícil é criar os filhos sem pai, só um que o pai está com ela, revela não ter tido apoio de ninguém. Ela dá conselho para não andar com pessoas erradas. Ela é quem marca o médico. Acha que a educação escolar ajuda, mostra as coisas certas.

A9 fica todas as tardes sozinho, exceto fins de semana, quando está fazendo algo que fica difícil pede ajuda a mãe quando ela está em casa. Em casa lava os pratos e guarda quando a mãe pede. Nos feriados às vezes sai com a mãe ou com o ex-companheiro da mãe. Seu ídolo é Jean-Claude van Damme. Na sua família poderia melhorar a falsidade da tia (irmão da mãe) com a mãe, e ele já conversou com a mãe. Tem mais contato com a mãe e é a pessoa que ele mais admira e quem menos admira é a prima, filha da tia que fala dela. Abraça e beija a mãe e é a mãe que explica o que é certo e o que é errado. Ela diria para a mãe que a ama, é ela que ensina as coisas certas e nada diria ao padrasto atual e ao ex-padrasto também que o ama. Quando precisa tomar decisão recorre à mãe. A mãe o elogia. Só a mãe conversa com ele, ela explica as coisas certas e erradas o padrasto não conversa com ele. Para ele fazer coisa certa é obedecer à mãe, obedecer aos professores, ter educação, e errada é xingar os outros. Quando faz algo certo, a mãe o elogia, e se fizer alguma coisa errada, fica de castigo e toma uma surra. O ex-padrasto também ensina o que é certo ou errado, mas mora em outro bairro. Para ele, justiça é quando alguém faz algo errado aí a justiça vem. Da nota 10 para o padrasto, ex-companheiro da mãe e para a mãe. No futuro pensa em ser engenheiro.

M10 e A10

M10 se considera nota 9 de zero a 10, sendo que para ela ser mãe é cuidar, amar, pegar no pé, não querer nem que uma mosca pouse. A mãe até comenta que é exagerada nos cuidados, mas é o único filho que tem e tudo que possa ter é para ele, agora dentro das possibilidades, assim pode dar hoje e amanhã não sabe se pode dar. Hoje ela tem medo de tudo, ele morre de medo de assalto, ela tem o maior medo de andar de ônibus, morre de medo de sair com ele de ônibus. Busca protegê-lo o máximo possível. A mãe ideal para ela tem que ter paciência com o filho. Depois que se tornou mãe mudou a vida, ia para festa, para lavagem de Itapoã, hoje tem medo de tudo. A relação com A10 é boa, ela chega junto, quando tem que bater, ela bate, ele é muito apegada a ela, se desse mole, ele só quer dormir grudado com ela, não tem muita paciência com ele, e o protege o máximo que pode. Demonstra afeto e amor através do abraço e ele a abraça muito, fica olhando as espinhas no rosto, gosta desses abraços e beijos, qual é a mãe que não gosta? Esse amor, esse afeto mostra, não está vendo o que estou fazendo com você. Elogia “só que tem pouca paciência, ele mesmo fala: ô minha mãe, a senhora não tem paciência comigo”, ela responde: A10, não tenho paciência com criança nenhuma. Pensa no futuro do filho que diz que está doido pra crescer logo para comprar o carro. Fala com ele, tem que trabalhar, tem que estudar, não se misturar com gente errada, não pode fazer coisa errada, ele responde: “minha mãe, não vou fazer isso não, não vou fazer isso não”. “Eh, mãe, vou comprar um carro para sair depois que crescer, arranjar uma namorada e tchau”. Deve fazer uma faculdade para atuar em uma profissão. Não se preocupa com as amigas do filho, pois são todos direitinhos, as outras mães também são cuidadosas, ela conhece os meninos. Assiste pouquíssima TV, o negócio dele é só jogo, dorme entre 11:00 e 11:30 e acorda às 06:00, com sono. A relação com o avô é muito boa, o chamego do pai é com A10. Orienta e aconselha. Se precisasse para alguém tomar conta dele, seriam os pais. Passa o tempo integral em casa, o que mais faz em casa é cuidar da casa, alguns trabalhos escolares do A10, esses trabalhos escolares é o que ela mais gosta de fazer. Acompanha as tarefas escolares, só que às vezes o engana, dizendo que não tem tarefa, quando sabe, o ajuda; quando não sabe, a amiga que é vizinha às vezes ajuda. Nas férias escolares ficam em casa, vão ao shopping, gostam muito do bar do avô, ficam muito tempo juntos. Desenvolve pouca atividade com o filho, ele fica muito com o avô. O filho fica mais tempo com o avô, ele é o chamego do avô. Se tivesse trabalhando, quem ficaria com o filho seriam seus pais.

Tem poucas fotos e quando fez nove anos o aniversário e o bolo foi do Bahia com os jogadores. Se quebrar alguma coisa raramente ajuda, não tem paciência. Não comem juntos, normalmente ele come primeiro, depois ela. Passeia com o filho quando vai ao shopping e ao cinema. Dá castigo e quando abusa dá uns tapas. O melhor momento foi ter vivido o aniversário dele, quando produziu o Bahia e foi surpresa dos 9 anos ele amou tudo do Bahia e quando ganhou a chuteira do Bahia, de um jogador, lembra da alegria dele e o momento difícil foi quando a irmã faleceu e quando um amigo faleceu em uma vigem de carro, situações distintas. O filho comenta, quando vê algum carro com som alto ligado, lembra-se desse amigo que gostava de som alto. Ele demorou muito para superar. Ocorreu há uns três anos. Os pais dela estão sempre com o filho, apesar de este ano ter sido um ano difícil devido à situação do sobrinho. Ela é que marca o médico. A escola contribui par a formação do filho, ajudando na educação.

A10 não fica sozinho em casa, a mãe sai pouco. Quando precisa terminar alguma tarefa difícil procura a mãe. Quando está em casa ajuda o avô no bar de propriedade do avô, o mesmo tem sequelas de um AVC, sofrido há muitos anos, o mesmo precisa de ajuda para andar. Nos feriados ficam em casa e nas férias escolares também, além de ficar no bar do avô, vão ao shopping, não com frequência devido aos custos. Tem mais contato com o avô. Admira mais a mãe, eles se abraçam e beijam-se. A mãe o chama para conversar (os pais são separados). Se precisar dizer algo para família, diz à mãe que a ama. Quando quer tomar alguma decisão recorre à mãe. Às vezes, a mãe o elogia. Para ele fazer coisas certas é não mentir e as coisas erradas é mentir, desobedecer. Quando faz algo certo às vezes é elogiado e quando faz algo errado toma reclamação e apanha. Às vezes, a mãe conversa, só que tem pouca paciência, além da mãe, o avó e a avó explicam o que é certo e o que é errado. Conversa com a mãe, mas quando faz algo errado não gosta de falar. Para ele justiça é quando a pessoa fala a verdade. Deu nota 10 para a mãe. Pensa em trabalhar, mas não sabe em que profissão.

Análise

Para as mães entrevistadas a vida mudou consideravelmente com exceção de M5 que declara não ter percebido tanta mudança, pois relata que já cuidara de criança quando trabalhou em uma creche. Temos aí a percepção por parte de M5, no tocante à mudança de vida frente à prática do cuidado, não ter havido grandes mudanças. M1, afirma que chegou a haver uma mudança no modo de pensar. M9 revela que

promoveu uma mudança em sua vida tornando-se mais responsável, até para ser exemplo para os filhos. As mudanças no tocante a um tempo menor para as festas e lazer apontam a vontade por parte da maioria das mães direcionada à disponibilidade aos cuidados para com os filhos. Piaget (1954, p. 234, apud BERGSON) afirma que o ato da vontade envolve a personalidade inteira. Piaget (1954, p. 231) descreve ainda que a vontade seria o elemento e contato de todo estado afetivo e como todo estado afetivo se acompanha de tendência, a tendência seria a vontade. Ela abraça, pois, a totalidade da vida afetiva. Assim, M9 identificou que mais valia para ela abrir mão do tempo das festas para dedicar mais tempo ao filho. A festa passou a ser menos valorizada que o tempo dedicado para o filho. Referindo-se a valores, Piaget (1954) destaca que os mesmos são construídos ao longo do desenvolvimento. Este caso expressa mudanças de valores do sujeito M5 ao logo de seu desenvolvimento como mulher e como mãe. O conceito de vontade apresentado por Piaget envolve a superação dos apelos de estímulos que num primeiro momento apresentam-se como fortes, contudo, tais apelos perdem a força ao longo do tempo.

Com referência às dificuldades na vida, M3 revela que passou por dificuldades, pois teve o primeiro filho aos 15 anos, não foi uma gravidez planejada, chegando a passar até fome, diz ainda que não foi preparada para ser mãe e assim declarou:

“Não fui preparada para ser mãe e para ser uma melhor teria que ter uma melhor mãe e não tive uma melhor mãe, então não posso passar o que não recebi não tive carinho de pai e de mãe, não tive infância, aos 9 a 10 anos já trabalhava na casa dos outros, almejei ter uma mãe ou um pai de verdade para ser diferente hoje, a base no lar é muito importante para o futuro da pessoa.”

Com referência à possibilidade de ter assumido bem o papel de mãe, as mães M1, M2, M5, M9 e M10 consideram que assumiram bem o papel, apesar de terem passado por algumas dificuldades.

M3 faz referência às situações de agressão praticadas por sua mãe em que revela que apanhava até ao ponto de sangrar. Justamente por não estar de acordo com este papel e valorizar o ideal de uma boa mãe, o que a leva a algum grau de superproteção, parecendo limitar a autonomia da filha.

Com muito esforço buscou ter uma prática distinta para com os filhos. Revela controle sobre os filhos, diz abraçar os filhos e os beija pouco. M3 mostra uma prática

ainda heterônoma para com A3, onde o controle ocorre de certa forma intensificado, ainda assim A3 questiona o porquê deve cumprir certas determinações apontadas por M3, o questionamento indica a possibilidade do início da autonomia, como aponta Piaget (1954). M4 avalia-se muito mal como mãe no passado, achava-se bastante impaciente, contudo ela relata ter melhorado bastante, e A4 também revela que sua mãe atualmente mostra-se muito mais paciente. Revela agora que se mãe para ela é tudo, afirma que Deus deu para ela uma filha abençoada. Para A4, o ambiente mostra-se acolhedor, com seus pais favorecendo o desenvolvimento da autoconfiança e evitando assim a sensação de inferioridade frente aos outros (PIAGET, 1963).

Com referência ao o que é ser mãe para as entrevistadas, M1 destaca que ser mãe é compreender, saber escutar o filho, abraçar e diz ainda que ser mãe é tudo para ela, coincide também com M2 quando diz que ser mãe é tudo. As pessoas cobravam e ela assim posicionou-se frente às cobranças:

“Quem tem um não tem nenhum, só que às vezes você tem cem, mas não tem ninguém, mas optei em ter um.”

Piaget (1954, p. 39) refere a afetividade familiar a toda gama de cuidados, de mobilizações de sentimentos, emoções, vontade, apresenta a importância da dedicação, da atenção da disponibilidade do diálogo dos pais com os filhos.

M4 diz que ser mãe é tudo, sente que Deus deu a ela uma filha abençoada, para ela a mãe ideal é a que zela, a que cuida, a que respeita, a que ama, que é companheira, amiga e diz ainda que mãe ideal não existe. Declara:

“Quando tiver de chegar junto e dizer por que tá castigando, sempre conversa com ela sobre isso, quando castiga diz porque, a diferença entre surra e tapa existem, depois pergunto se ela sabe porque ela está recebendo a punição.”

Piaget (1954, p. 262) faz referência à heterogeneidade do respeito mútuo em relação ao respeito unilateral, em que a unilateralidade na relação está ainda associada a heteronomia. Contudo, M4 ressalta a importância de explicar o porquê da punição ao entendimento chegando a um estado e prática ao respeito mútuo que se desenvolve, assumindo o lugar do respeito unilateral, chegando à autonomia.

M4 em entrevista deixa bem claro que nas situações de punição mostra o porquê na tentativa de a filha admitir o erro, ainda comenta que quando adulta poderá apanhar da vida. Segundo M4, ela aconselha muito a filha, conversa muito mostrando o que é certo e o que é errado. A4 considera a mãe uma super-heroína, revela que às vezes tem uma briga ou outra entre elas, mas declara que isto é normal. Para M5, que se considera uma mãe privilegiada por ter os filhos saudáveis, para ela uma mãe deve cuidar, educar e ser respeitada, ser amada e ser recompensada (fazendo referência aos filhos). Vê como mãe ideal para ela deve oferecer cuidado, carinho ser dura na hora certa. M9 aponta que ser mãe é quem cria, não deixar o filho no meio dos errados e ser uma mãe ideal é que oferece responsabilidade e dedicação.

A mães entrevistadas consideram como boa a relação com o filho M1, M2, M3, M4, M5, M10. M9 assim descreve a sua relação com A9:

“A minha relação com A9 é “mais ou menos” tem hora que parece que ele não é certo não, ele me estressa muito, o outro filho é mais chegado.”

O outro filho a que se refere M9 é um filho mais velho que já é casado e mora em outro local com a esposa. A9 revela que não tem uma boa relação com o padrasto, sequer fala com ele.

M10, mesmo considerando relação como boa com A10, assume não ter dado atenção devida a A10 devido ao problema ocorrido com o sobrinho que se envolveu em situação que culminou com sua prisão e em agosto conseguiu através de advogado a sua soltura que ainda terá obrigação de atender a audiências. M10 revela que A10 passa a maior parte do tempo ajudando o avô, que possui sequelas de um derrame sofrido há muitos anos, que tem um bar anexo à sua casa que mora próximo (área fechada com 3 casas).

Para Piaget (1954), uma gama de reações extremamente diferenciada entre os indivíduos de acordo, especialmente com o meio familiar, influencia o desenvolvimento afeto-cognitivo deste. A qualidade da relação com as crianças determina sobremaneira a percepção destas no ambiente familiar.

Revelam conversar com os filhos e percebem o que acontece mesmo quando não revelam M1, M2, M3, M4, M5. M9 revela que conversa pouco com o filho e A9 declara que não conversa com o padrasto. M10 revela pouca paciência com A10, quando afirma:

“Elogio, só que tenho pouca paciência, ele mesmo fala: ‘Ô, minha mãe, a senhora não tem paciência comigo’ e respondo: ‘A10 não tenho paciência com criança nenhuma’.”

Com relação à demonstração de afeto, abraçam e beijam M1, M2 M4, M10. M4 pede desculpas quando exagera nas repreensões M3 abraça e beija muito pouco.

M5, M9 não abraçam muito e às vezes os beijam, M10 abraça e beija muito, sente que exagera nos cuidados.

M1 diz demonstrar sentir amor e afeto, a ponto de o filho às vezes pedir para parar de tanto abraçar e beijar. Diz A1:

“Minha mãe, pare com isto, fico com vergonha!”

Ele também a abraça e a beija direto, o pai também faz isso e M1, diz que os filhos são mais ligados ao pai. Mesmo com o problema da bebida do pai, mostra-se carinhoso com os filhos, revela M1.

O elogio, como aponta Piaget (1963), contribui para a pessoa assimilar seus valores e assumir uma postura autoconfiante. As pessoas, segundo Piaget, necessitam ser elogiadas, assumindo assim maior confiança em si mesmas, favorecendo ao desenvolvimento afetivo e cognitivo.

Com relação ao futuro, todas as mães entrevistadas apresentam anseios para os seus filhos, e frisam que os estudos são necessários para atingir a profissão dos seus sonhos. M1 faz referência a tudo que ela disponibiliza para o filho é um empréstimo, aliás A1, pergunta:

“Como vou pagar tudo isto?”

M1 responde:

“Vou precisar de um bom médico, de um bom carro para me levar no hospital, conseguir tudo isto estudando e se formando.”

O filho pensa em ser policial, mas não é uma ideia que agrada M1, que revela estar trabalhando para mudar esta ideia.

M2 faz referência ao futuro profissional da filha, quando A2 declara querer ser uma gerente grande loja, diz também que quer ser professora, médica e vendedora de sapatos em São Paulo. M2 conduz com muita naturalidade e leveza os anseios da filha.

M3 faz novamente referências à sua infância, que sofrera violência por parte de seus pais, e esforça-se para dar a seus filhos o que não recebeu. Sente um vazio dentro dela pois queria sim ser uma mãe diferente, mas esforça-se bastante para dar carinho aos seus filhos. Com relação ao futuro dos filhos, considera que a base no lar é muito importante para este futuro, pensa muito no futuro deles conversando sobre que é certo e o que é errado. A3 pensa em estudar gastronomia, os pais alertam:

“Como você quer ser gastronômica se pega tudo errado?”

Nota-se nesta afirmativa por parte dos pais que o incentivo à profissão e o apoio a autoconfiança não está tão presente.

Com relação ao futuro, M4 destaca que conversa muito com a filha sobre o futuro, e que muito deve ser aprendido agora, para no futuro não apanhar na vida.

M5 faz referência às suas preocupações com A5, no campo dos estudos, que estude até quando der para estudar, querendo dizer para ir até onde puder, escolhendo a profissão que achar melhor, mas recomenda que seja um engenheiro e anda afirma que para ele estudar nas suas palavras:

“Para ele estudar é uma luta, mas ele estuda.”

M9 conversa com a A9 a respeito da importância dos estudos para o futuro do seu filho. Assim ela diz:

“Tem que estudar par ser alguém na vida.”

A9 pensa em ser engenheiro, e M9 ressalta os avisos para que não ande com pessoas erradas, por causa de uns todo pagam, assim afirma M9.

M10 faz referência ao futuro do filho mostrando a ele a necessidade de trabalhar, e a necessidade de estudar, o garoto sonha em ter um carro e a mãe reforça com a necessidade de esforçar-se. Assim declara M10:

“Falo para ele não se misturar com gente errada não pode fazer coisa errada, ele responde: ‘Minha mãe, não vou fazer isso não, não vou fazer isso não. Eh mãe vou comprar um carro pra sair depois que crescer, arranjar uma namorada e tchau’. Deve fazer uma faculdade para atuar em uma profissão. Não se preocupa com as amizades do filho, pois são todos direitinhos.”

Temos, como aponta Piaget (1954, p. 260), situações em que a criança simplesmente aplica as normas sob forma moral de obediência, com risco muitas vezes de não compreendê-las. Não na forma de respeito unilateral, a reciprocidade equivale a uma adaptação contínua de normas, temos aí o chamado respeito mútuo, uma espécie de duplo respeito unilateral que o jovem adquire com a sua maturidade.

VULNERABILIDADES

M1 e A1

M1 em sua família existe uma pessoa com distúrbio mental, o irmão era alcóolatra e já foi queimado por ácido pela mulher, perdeu uma visão, parou de beber, durante essa situação ficava sem paciência e acabava estourando na frente dos filhos, depois se arrependia. Mora em uma comunidade mais ou menos violenta. Ela e sua família nunca foram assaltadas ou sofreram violência. Já ouviu agressões de vizinhos entre si, mas sempre se manteve em seu ambiente. Já foi discriminada quando criança por ter sido pobre e o filho por alguns meninos que fizeram brincadeiras por ele ser negro e por ser magrinho. Por isso que ela fala com ele: você só vai vencer o preconceito estudando, sempre fala isso com ele. Declara que a que a inteligência do filho supera qualquer coisa. Para ela, riqueza é ser feliz, ter a sua família completa sem droga, sem vício, é a maior riqueza, acha que não tem mansão que pague e a pobreza é a miséria extrema é o que já passou, a miséria, a fome, isso é pobreza, é procurar o que comer e não ter; hoje, graças a Deus, os filhos não passam por isso. Diante de tudo que já passou se considera rica. Já passou também por situações diversas de dificuldades na vida e uma delas foi com o vício do álcool do marido, sendo que é um ótimo pai e não tem o que falar dele, contudo não gosta quando ele bebe.

A1 para ele na sua família poderia melhorar se o pai parasse de beber, pois quando bebe fica um pouco diferente, bebe vez ou outra. Para ele, o momento difícil da sua vida foi quando sofreu *bullyng*, em outra escola.

M2 e A2

M2 em sua família seu pai teve câncer, o tio da sua filha faleceu com hidrocefalia, o ex-marido viciado em álcool e drogas. Não acha que a comunidade onde mora violenta, “ouço falar, mas graças a Deus nunca vi nada”. Já sofreu uma vez, um roubo no ônibus, não viu o assaltante, mas achou os documentos depois. O ex-marido já tentou agredi-la fisicamente, a xingou por várias vezes. Já sofreu discriminação no último trabalho, estava adoecendo, ficava rouca e tonta, pela filha do patrão que se achava e não tinha curso universitário. Para ela riqueza é ter saúde, paz, amor, felicidade, isso é riqueza e a pobreza seria o contrário, quem não tem paz de espírito, não tem saúde. Agradece a Deus, por ser rica, por ter uma filha, amigos, parentes, pelas suas coisas. Já passou por um momento na vida difícil com o pai de A2, viveu com ele uns cinco anos, tentou agredi-la, não dormia, ia trabalhar atribulada, isso foi muito difícil, mas como era pulso firme. Teve que dar queixa dele, para sair da casa.

A2 não relata o que poderia melhorar em sua família. Passou por momentos difíceis com a morte do avô, do tio e do animal de estimação, a mãe deu apoio.

M3 e A3

M3 tem cálculo renal, mas não considera como uma doença grave, os irmãos bebem socialmente. Para ela a comunidade é um pouco violenta, já foi assaltada umas duas vezes, indo para o trabalho e voltando da igreja, casa já foi roubada uma vez. Já sofreu agressão da mãe e do irmão e já conviveu com uma amiga que sofria agressão do marido, apanhava muito, mas separou-se da pessoa, não tem mais contato com esta amiga. Já se sentiu discriminada quando aos 12 anos foi tratada como escrava por uma família para a qual os pais a entregou. Para ela, a riqueza maior de sua vida é Deus, “se estamos vivos é graças a ele, ele nos dá a força para trabalharmos, ele nos dá tudo ele é a verdadeira riqueza” e a pobreza infelizmente tem gente que não tem oportunidade e outras não correm atrás. Já passou por muitos momentos difíceis, passou fome, morou muito de favor na casa dos outros, quando a mãe mandou para casa da mulher, que pediu para que ela ficasse para fazer companhia às filhas dela,

foi praticamente escravizada, fugiu da casa, não tinha experiência nenhuma, não sabe como chegou à casa de um irmão que morava no Doron.

A3, para ela, a sua família não precisa melhorar, já é tudo bom. Não se lembra de ter passado por nenhum momento difícil na vida.

M4 e A4

M4 a amiga que ela considera como da família teve câncer, essa doença vem silenciosa, em um ano você não tem, no ano seguinte aparece, é feito normalmente o básico, sangue, urina e o restante, “comemos hoje uma fruta uma verdura, não sentimos o sabor das coisas, é muito agrotóxico”. “Aí dizem por que na minha época não acontecia isso”. Acha que Salvador não tem nenhum bairro que não seja violento, já foi assaltada, experiência horrível, não gosta de falar porque foi traumática e estava sozinha. Nunca soube se alguém da família sofreu alguma agressão. Já ouviu brigas de casais. Já viu situação de discriminação, no setor de saúde, em lugar comercial, sempre se vê. Para ela a riqueza é o que você tem, sem necessidade. Considera-se uma pessoa rica pela graça de Deus e a pobreza é vida ruim, dificuldades. Não tem pobreza na redondeza. Passou por um momento difícil quando a filha aos 6 anos adoeceu e teve que ficar internada.

A4, para ela, na família poderia melhorar se as brigas acabassem. Quando os pais brigam não tem razão, não sabe por que brigam. Acha que é por besteira. Passou por um momento difícil quando foi comprar o pão com pai, colocou o pé dentro dos raios da bicicleta e doeu bastante, o pai estava guiando a bicicleta.

M5 e A5

M5 o pai morreu com câncer aos 77 anos e o irmão de criação fazia hemodiálise. O marido bebe nos finais de semana nos churrascos, mas não afeta em nada. Para ela, a comunidade não é violenta e não busca saber muito a respeito, fecha a porta e pronto. Ela e a família nunca foram assaltadas e desconhece algum tipo de agressão sofrida por tais. Nunca ouviu história de brigas de casais entre conhecidos. Nunca percebeu nenhuma discriminação. Para ela, a riqueza é ter uma consciência tranquila, ter união, amor, muitas vezes a pessoa tem tanta coisa e não vive e a pobreza é a pessoa ter tudo e não ter humildade, não tem paz de espírito. Acha-se rica por ter saúde e paz. Passou por um momento difícil quando o filho saiu

da escola e um menino parente da diretora, ameaçava e bateu uma vez no filho, ele queria que o ano terminasse logo. Foi na escola e conversou com a diretora.

A5 não sabe que poderia melhorar em sua família. E não teve nenhum momento difícil.

A6

A6 para ele, a sua família já é boa como é, e não precisa melhorar. Não relata se passou por algum momento difícil na vida.

A7

A7 na sua família poderia melhorar se a mãe quando estiver em casa parasse de gritar com ela o tempo todo, além da irmã, tio e primos parasse também de chamar o pai dela de galo cego, doca. O pai sofreu um acidente e parou de enxergar de um olho. Passou por momentos difíceis quando a mãe se separou e quando o tio morreu.

A8

A8 para ele, a sua família poderia ser melhor se a tia e o tio não tivessem morrido. Queria que a família tivesse toda inteira com o tio e a tia que faleceu, esse momento foi difícil na sua vida.

M9 e A9

M9 a mãe é usuária de álcool e o irmão de drogas, tornando-a preocupada. Considera a comunidade tranquila, sossegada, ninguém sofreu violência, violência de casais, também não. Não sabe dizer se alguém da família já sofreu algum tipo de violência e nunca ouviu briga de casais conhecidos. Nunca ninguém da sua família sofreu discriminação. Para ela, riqueza é a pessoa ter uma vida digna, uma casa para morar, agora de nada adianta ter dinheiro e não ter saúde e a pobreza é a pessoa que passar por dificuldade, não ter um lugar para morar. Já passou por momentos difíceis quando os dois primeiros maridos morreram, não pode contar com os parentes, teve que se virar, começou a frequentar uma igreja conheceu o pai de A9, com um ano e pouco ele a largou e ela passou a se virar como diarista. Agora o médico pediu para parar porque já está com quase 9 meses.

A9 a sua família poderia ser melhor se não tivesse muita falsidade da tia para com a mãe, ele já conversou com a mãe. Não relata se passou por alguma dificuldade na sua vida.

M10 na sua família a mãe é diabética e hipertensa, o pai teve derrame bem antes de ela própria nascer e anda com muletas, com isso os pais são mais dependentes e exigem mais atenção dela. A comunidade que mora é um pouco violenta, o irmão se envolveu com o tráfico, sofreu agressão e chegou a falecer. Nunca percebeu nenhum tipo de discriminação. Para ela, a riqueza é dar uma vida melhor para a sua família, gostaria de ir para Alagoinhas, terra do sobrinho e a pobreza ela ver que ainda existe e melhorou bastante, uma criança passando fome para ela é muito triste. Já passou por vários momentos difíceis, a morte do irmão que se envolveu no tráfico, há 11 anos, no bairro depois a morte da irmã há 5 anos, que faleceu com câncer, tinha 34 anos. Agora o sobrinho que se envolve com gente errada, foi preso e, mas já está solto, “com muito esforço conseguimos uma advogada”. “Você sabe como advogado é, trabalha com dinheiro, em cima de dinheiro”.

A10 para ele poderia melhorar na família se sua mãe tivesse mais paciência com ele. Não relata se passou por alguma dificuldade na sua vida.

Análise

M1, M2, M3, M4, M5, M9 e M10 apresentam questões particulares de vulnerabilidade, podendo-se destacar problemas associados ao uso do álcool como o marido de M1, que para ela é um problema, devido à sua percepção de mudança do seu comportamento. Ela possui um irmão usuário de álcool que perdeu a visão em um episódio de alcoolismo e que agora mostra-se controlado após tal ocorrência, salientamos que nas entrevistas A1, relata a possibilidade de melhoria em sua família se o pai deixasse de beber, contudo a prática da violência neste ambiente familiar não foi registrada nas entrevistas, não mostrando afetar o clima familiar na visão de A1.

M2 revela que o ex-marido é dependente de álcool e drogas, e já viveu experiências violentas com o ex-marido, o mesmo já tentou agredi-la, contudo mantém uma relação estável com a filha. Tais questões estão em âmbito judicial, sendo definidas questões ligadas principalmente à pensão judicial. O suporte oferecido pela vizinha de M2 é muito favorável a A2, tendo maior possibilidade de convivências, de forma salutar como mostra a criança durante a sua entrevista. M2 mostra-se forte

diante da situação revelando ainda assim uma disposição para o trabalho, para o lazer com a filha, parentes, para o convívio com os vizinhos, enfim por possuir uma rede de relações significativa. A2 relata que um dos momentos mais difíceis vividos em sua família foi a morte do avô, do tio e do animal de estimação, mas a mãe deu-lhe apoio necessário.

M3 revelou questões de ordem emocional, que a mobilizam muito até os dias atuais, questões que sofrera em sua infância, a mesma era agredida diariamente por sua mãe até sangrar. M3 revelou um certo conflito interno entre a revolta por tudo ocorrido e a o perdão ao que a sua mãe cometera. Assume que tem dificuldades de expressar afeto à filha através dos beijos e dos abraços, e um elevado controle sobre a ação dos filhos, o que indica um comprometimento à autonomia da criança. Contudo, com muito esforço M3, afirma que busca ser uma mãe diferente em relação à mãe, esforça-se bastante para isto e conta com uma rede de relacionamento muito forte associada às suas atividades religiosas com encontros semanais, e até acampamentos, o que favorece uma interação mais diversificada no tocante à realidade com outras famílias e seus componentes.

M4 destaca como vulnerabilidade um período em que não tinha muita paciência com as questões domésticas envolvendo o cônjuge e a filha, mas revela que vem melhorando bastante a ponto de a filha perceber e relatar em entrevista. Mostra também uma preocupação referente a problemas de saúde que a filha enfrentara há uns quatro anos, em que precisou ficar internada, a filha até hoje mostra certo medo ao adoecer e recorre muito à mãe nas situações de doença, buscando a confirmação das doses dos medicamentos quando está adoecida e em horário das aulas na escola. A4, afirma que conversam muito, o diálogo é marcante entre ela, sua mãe e seu pai, o que favorece muito a maturidade, no entendimento do que é certo e errado e o desenvolvimento da própria autonomia e afetividade como bem aponta Piaget (1954).

M5 perdeu o seu pai que foi acometido por câncer e o irmão que fazia hemodiálise, não considera o lugar que mora violento, mas não busca envolver-se muito com a mesma. Relata um momento de dificuldade quando o filho sofreu violência por parte do filho da diretora que era dona da escola, resolveu a questão conversando com a diretora. A5 não revelou nenhum momento difícil vivido em sua família, e afirma que sua família já é boa como é.

M9 declara que sua mãe é usuária de álcool e o irmão de drogas, deixando-a bastante preocupada. Relata já ter passado por momentos difíceis quando os dois

primeiros maridos morreram, não pode contar com a ajuda dos outros familiares, posteriormente conheceu o pai de A9, que também um ano após saiu e casa deixando-a só com o filho teve que organizar-se como diarista. O atual companheiro que é pai de uma criança que está em gestação de 9 meses, não se relaciona bem com A9, não se conversam, o que torna para a criança um ambiente que não tanto favorece o seu desenvolvimento afetivo, apesar de possuir um ex-companheiro da sua mãe que considera como um grande amigo, talvez um pai que o encontra esporadicamente.

M10 revelara que este ano foi um ano de muita tribulação pois um sobrinho que ela cria, é a responsável, 18 anos, por estar sendo conduzido em um veículo roubado, foi preso por mais de 9 meses, conseguindo agora a sua liberação. Ainda assim terá obrigação de participar das audiências quando convocada, tal fato reduziu bastante o tempo para a atenção restada a A10, por tê-la abalado a impaciência com o filho foi uma constante o que ela julga ter afetado a qualidade do relacionamento com o filho neste período.

Tratando-se de jovens em desenvolvimento, Piaget (1954) destaca a indissociação entre o desenvolvimento afetivo e o desenvolvimento cognitivo, ambos ocorrem de forma simultânea. As mais variadas vulnerabilidades incluindo as pertinentes aos ambientes familiares, pelas mais diversas formas de contorná-las ou enfrentá-las podem direcionar ao favorecimento ou não do desenvolvimento destes jovens. O nível de sentimento de confiança no ambiente familiar frente as mais diversas situações por parte dos jovens é algo contínuo, cabendo aos pais a prática do diálogo para favorecer a autoconfiança e o desenvolvimento da autonomia. A10 já mostra a percepção junto à coletividade no momento em que busca cooperar com o avô devido ao problema físico deste. A4 revela em alguns momentos intermediar situações de entraves entre os seus pais, situações que indicam a visibilidade da coletividade, segundo Piaget (1954), destacadas no estágio de desenvolvimento VI, tendo o coletivo assumindo maior importância, a necessidade de maior inserção no grupo social adulto, o que oferece maior espaço para ideais coletivos, no caso destacado em A4, o seu anseio no tocante ao entendimento entre os membros da sua família.

INFORMAÇÃO E PARTICIPAÇÃO NAS POLÍTICAS SOCIAIS

M1 recebe auxílio do governo há cinco anos e sente que ajuda bastante na condição da família e que melhorou as condições na qual a família vivia.

M2 recebe o auxílio como Bolsa Família do governo há dois meses, o qual fortalece a sua família ajudando a pagar água, luz...

M3 recebe o auxílio como Bolsa Família há mais ou menos dois anos, mas agora ela e o esposo estão trabalhando, não acha que agora vão cortar, pois a chamaram para o cadastramento e se o governo quisesse cortar ela declara que tudo bem. Sendo que essa bolsa ajudou bastante a família.

M4 ainda está aguardando o auxílio do governo, se inscreveu para ganhar há pouco tempo.

M5 recebe o auxílio como Bolsa Família do governo há sete anos, sendo que essa bolsa ajudou nas despesas, além das suas necessidades familiares.

M9 recebeu o Bolsa Família por três meses, mas há meses que não recebe, cortaram o benefício, o marido tem carteira assinada.

M10 recebe o auxílio como Bolsa Família há mais ou menos um ano, sendo que ajuda é muito mesmo pouco.

Análise

Percebe-se que quase da totalidade das mães entrevistadas são beneficiárias do Bolsa Família, com exceção M4, que está aguardando a liberação do benefício, todas informam que tal recurso beneficia a situação orçamentária da família, a educação apresenta-se como elemento primordial para acesso à liberdade, como preconiza Amartya Sen (2000). Ainda assim, tais recursos vêm a colaborar com o acesso aos insumos básicos. No caso de M3, informou que dará baixa por ter conseguido empregar-se recentemente e tal recurso favoreceu a estruturação orçamentária da sua família.

CONJUGALIDADE

M1 existe uma comunicação entre o casal, um escuta o outro. E o marido faz algumas coisas em casa, mas quem cuida mais da casa é ela, o filho arruma o quarto, joga o lixo fora, as tarefas domésticas são divididas. Pensa que todos devem ajudar.

M2 está em litígio com o ex-companheiro, envolvendo pensão judicial. Nas tarefas domésticas, a filha a ajuda a lavar os talheres e o prato, também as roupas íntimas dela mesma, é preguiçosa, mas a mãe não deixa de ensiná-la.

M3 conversa muito com o marido.

M4 o diálogo com o marido em casa é tranquilo. Ela pensa que as atividades domésticas não podem com um só.

M5 o marido e ela conversam muito. Nas tarefas domésticas os filhos ajudam brigando, reclamando, mas varrem casa e o marido não tem tempo.

M9 tem uma relação boa com o marido, mas só se veem pela noite. O filho ajuda quando manda, jogando o lixo fora.

M10 tem uma relação boa com o ex-marido. Ajuda o avô, lavando os copos e limpando o banheiro. Nas tarefas domésticas, a filha ajuda, lavando os copos.

Análise

Na categoria conjugalidade, constatou-se que M1, M3, M4, M5, M9 relatam uma boa relação com o marido, prevalecendo diálogo. M2 encontra-se em situação litigiosa com o ex-marido e M10 relata ter uma boa relação com o ex-marido. M1, apresentara queixa do uso do álcool por parte do marido, contudo, mostra a não aceitação de tal prática revelando o exemplo do irmão, que na sua opinião muito se prejudicou por isso. M5 mostra que nas tarefas domésticas o filho não a faz com boa vontade, chega a discutir muito, mas ainda assim faz.

Incluindo as relações no ambiente familiar, Piaget (1954) refere que ao longo do desenvolvimento a pessoa do outro adquire um valor particular, a afetividade constitui-se de trocas que se estabelecem dia após dia.

Solís (2002) retrata que as relações entre mães e filhos e pais e filhos quando apresentam-se de forma recíproca, equitativa, as crianças tendem a apresentar melhor desenvolvimento e melhor rendimento na escola.

Ainda segundo pesquisa realizada por Mosmann (2011), casais que apresentam uma relação deficitária, com constantes conflitos e desacordos não chegando a uma solução, perpassando até por vias de agressão, gera aos filhos a sensação de insegurança no tocante à continuidade do lar, também comprometendo o seu desenrolar o seu desenvolvimento, nos seus diversos sistemas sociais incluindo a escola.

SOBRE DINHEIRO

M1 o marido e ela trabalham de carteira assinada, a renda familiar é de 2.500 reais.

M2 recebe um salário mínimo e não possui carteira assinada.

M3 o marido e ela trabalham de carteira assinada só que ela recebe um salário mínimo, mas não sabe quanto o marido recebe por trabalhar em várias funções, como motorista, padeiro e em uma loja sendo que na loja trabalha de carteira assinada.

M4 tem renda familiar de dois salários mínimos, sendo que o marido e ela não têm carteira assinada.

M5 tem uma renda mensal de mais ou menos 150,00 reais, o marido e ela não têm carteira assinada, o marido faz biscate e às vezes a coisa apertada.

M9 não tem carteira de trabalho assinada e a sua renda familiar é em torno de 640,00 reais.

M10 não tem carteira de trabalho assinada e a soma da sua renda junto com a do seu pai é de 1.500,00 reais. Tem um ponto alugado.

Análise

Sobre o dinheiro, nas situações de mães com companheiros, ambos buscam desenvolver atividades para a composição do orçamento familiar, as mães M2 e M10, buscam que são separadas trabalham buscando o sustento, sendo M2 resolvendo junto à Justiça e M10 não fez referência à pensão alimentar, afirmando que possui um pequeno ponto comercial alugado e vive em uma área comum com três casas entre essas a dela e a do pai que possui bar anexado a casa deste. A renda oscilou entre aproximadamente 1 e 3 salários mínimos. O quadro 1 apresenta a distribuição da renda correspondente a cada família. M3 desconhece a renda do marido.

Sen (2000) destaca que a renda é fator preponderante para a geração de capacidades de acesso como educação e saúde, que possibilitam ao indivíduo uma vida com maior liberdade. A preocupação frente ao controle orçamentário das famílias e a possibilidade da geração de uma maior renda revelam tal anseio.

TEMAS CULTURAIS E AFETO FAMILIAR

M1 tem mais contato com o marido e admira mais Deus, sendo que ele é o seu ídolo. Gosta do marido, mas o problema com o álcool está deixando-a bastante estressada. Ela e o marido que são os responsáveis pelo filho, têm o 2º grau completo. Trabalha com auxiliar de serviços gerais, aproximadamente 30 horas semanais. Trabalha pela sua independência e a criação dos filhos. Acha-se toda linda e maravilhosa porque se ama.

M2 tem contato mais com a filha, admira mais a mãe. Está trabalhando 44 horas por semana. Um dos responsáveis pela filha tem o 2º grau. Trabalha cozinhando para uma empresa e está trabalhando pela sua independência e futuramente a faculdade da filha. Acha-se batalhadora e gosta de trabalhar.

M3 tem mais contato com o marido e também é ela quem mais admira. Não tem na família uma pessoa quem menos admira, apesar de ter sofrido agressões do irmão. Tem como ídolo Deus. Seu nível de escolaridade é 7ª série e do outro responsável pela sua filha tem escolaridade até a 5ª série. Trabalha 40 horas por semana como auxiliar de produção. Sendo que está trabalhando para oferecer uma condição melhor e sobrevivência. O que mais gosta nela é a vontade de trabalhar.

M4 tem mais contato com o marido e também é quem mais o admira. A mãe é seu ídolo de preferência. Ela e o marido que são os responsáveis pela filha têm o 2º grau. Já trabalhou como balconista, comerciante e hoje é autônoma e trabalha em casa integralmente com artesanato. Trabalha pela subsistência e sustento de todos e da filha. Considera-se uma pessoa justa, e se esforça, não poupa esforços para dar o melhor para filha.

M5 tem mais contato com o filho mais velho e a pessoa quem mais admira na família é o marido. O seu ídolo é o marido. Seu nível de escolaridade é o 2º grau e do outro responsável seu filho tem a 5ª série. Já trabalhou cuidando de crianças em uma creche e atualmente está sem trabalhar, cuida da casa. Trabalha para o sustento e criação dos filhos. Admira-se pela vontade de ajudar os outros e infelizmente às vezes não consegue.

M9 tem mais contato com o filho e também é o que mais admira. Seu nível de escolaridade é 4ª série e o outro responsável que é o padrasto do filho 5ª série. É diarista, só que no momento está parada por recomendação médica por causa da

gravidez. A hora de trabalho varia. Trabalha pela sobrevivência, comida, filho e tudo. Se gosta pela sua força de trabalho e não tem preguiça, se admira por isso.

M10 tem mais contato com a mãe e também é a que mais admira. Ama o sobrinho, mas está dando muito trabalho. Ivete é seu ídolo. Seu nível de escolaridade é 2º grau, é a única responsável pelo filho. Trabalho em casa, já vendeu quentinha com a mãe, hoje aluga um ponto pequeno e vendia umas besteirinhas. Gosta de trabalhar.

Análise

Com referência às temáticas de relacionamento familiar, M1 revela que seu contato maior na família é com o marido, diz gostar do marido, contudo o problema com álcool está deixando-a bastante estressada, trabalhando como auxiliar de serviços gerais, aproximadamente 30 horas semanais diz aplicar-se pela sua independência e a criação dos filhos. M2 revela ter mais contato com a filha e a pessoa que mais admira é a mãe, revela também que trabalha pela sua independência e estudos futuros para a filha, M3 revela que tem mais contato com o marido e quem mais admira e apesar de ter sofrido agressões familiares diz não sentir rancor por ninguém da família, busca oferecer uma condição melhor para os seus familiares. M4 revela também maior contato com o seu marido e é quem mais admira. Considera a mãe como um ídolo e sua preferência. Trabalha como autônoma e não poupa esforços para dar o melhor para a filha. M5 revela que tem mais contato com o filho, vê o marido como a pessoa que mais admira, admira-se e pela vontade de ajudar os outros, mas nem sempre possui condições para tal. M9 tem mais contato com o filho e é quem mais admira, revela trabalhar pela sobrevivência, pela comida pelo filho. M10 tem mais contato com a mãe e é também quem mais admira, é a única responsável pelo filho o seu sobrinho que diz muito amar está segundo ela dando muito trabalho. Todas as mães entrevistadas revelaram uma característica em comum, a de gostar de trabalhar, mesmo diante de dificuldades diversas, estas mães mostram-se dispostas a doar de si as suas energias em prol de um futuro melhor para os seus filhos.

Nas famílias pesquisadas, temos toda uma gama de subjetividades. As percepções e a forma de desenvolvimento das crianças de maneira natural são variadas, o que é comum, segundo Piaget (1954). A seguir, apresentam-se os resultados do inventário de percepção de suporte familiar aplicado aos alunos selecionados na referida pesquisa.

7.2 DADOS DO INVENTÁRIO DE PERCEPÇÃO DE SUPORTE FAMILIAR

Quadro 3 - Visão geral dos rendimentos escolares dos alunos entrevistados e escores do IPSF

| Rendimento | IPSF | Afetivo -Consistente | Adaptação | Autonomia |
|------------|--------|----------------------|-----------|-----------|
| 22,8 A1 | 80 A1 | 42 A3 | 26 A3 | 15 A2 |
| 21,4 A2 | 79 A2 | 41 A1 | 25 A1 | 14 A1 |
| 20,4 A3 | 74 A3 | 41 A2 | 23 A2 | 11 A6 |
| 20,3 A4 | 65 A4 | 38 A4 | 23 A6 | 8 A4 |
| 17,6 A5 | 63 A6 | 33 A5 | 21 A5 | 8 A9 |
| 14,5 A6 | 60 A5 | 29 A6 | 21 A9 | 7 A8 |
| 14,2 A7 | 56 A9 | 28 A8 | 20 A10 | 6 A3 |
| 13,7 A8 | 54 A8 | 27 A9 | 19 A4 | 6 A5 |
| 11,5 A9 | 46 A10 | 23 A10 | 19 A8 | 4 A7 |
| 10,3 A10 | 43 A7 | 21 A7 | 18 A7 | 3 A10 |

Fonte: da pesquisa (2016).

O quadro acima apresenta os escores do IPSF correspondentes aos alunos entrevistados em como os seus rendimentos escolares. Tal quadro está apresentado em cores para facilitar a visualização nas diversas categorias de percepção de suporte familiar e sua correspondência com os alunos. Assim, por exemplo, tem-se o aluno A1, que apresenta o maior rendimento escolar correspondente a 22, 8 pontos correspondendo também ao maior escore no IPSF total, correspondente a 80 pontos. A10 que apresenta o menor rendimento, 10,3 pontos, apresentou um IPSF total igual a 46 pontos, segundo menor valor de IPSF total.

A1, menino de 11 anos, mora com o pai, mãe e 1 irmão mostrou-se bastante desinibido e atento ao trabalho da pesquisa. No levantamento apresentou o maior rendimento escolar, os resultados da aplicação do IPSF demonstraram a seguinte pontuação: Afetivo consciente (41), Adaptação (25) e autonomia (14), e a pontuação geral apresentou um IPSF de 80 pontos. Esses resultados apontam uma pontuação alta na percepção de afetividade e consistência de regras familiares; pontuação alta na dimensão Adaptação Familiar e pontuação médio-alta na dimensão autonomia, representando pontuação alta na soma geral do instrumento. Com cautela esses resultados indicam que A percebe a sua família como afetiva para com ele, interessada em suas atividades, mostrando clareza nas regras e na comunicação familiares. Na dimensão Adaptação, percebe-se compreendido, envolvido e com sentimentos positivos em relação à sua família. Não percebe competitividade entre os membros da família e sim cooperação. Por fim, o fator Autonomia, A1 sente que tem certa autonomia para realizar suas tarefas. Percebe que sua família respeita a sua

privacidade, contudo, sente ainda o controle de seus pais, o que é compreensível pela faixa etária, os perigos presentes na comunidade, etc.

A2, menina de 9 anos, mora com sua mãe e nos dias de semana à tarde fica na casa de uma vizinha que foi apontada na entrevista semiestruturada um bom relacionamento neste ambiente, a ponto de chama-la de mainha. Apresentou-se muito comunicativa no dia da aplicação do inventário, figura na pesquisa como o segundo maior rendimento escolar. Os resultados do IPSF demonstraram os seguintes dados: Afetivo-consciente (pontuação de 41), Adaptação (pontuação 23) e Autonomia (pontuação 15). O fator afetivo consciente apresenta escore alto, podendo revelar que A2 percebe que a família, oferece-lhe atenção, cuidados, são cooperativos, sente-se bem quando em presença da família, buscam o entendimento nas situações de discordância, percebe-se integrada à família, e o carinho expresso por beijo e abraços é uma prática entre os familiares. No fator Adaptação, A2 apresentou um escore médio-alto, podendo significar a percepção de entendimento nas situações de conflito por parte dos familiares, sente que os familiares são cooperativos, a busca de culpados quando algo não é certo, não é uma prática percebida por A2. Sente-se compreendida pelas pessoas da sua família, sente que é agradável viver com a família. O fator Autonomia apresentou um escore de 15 pontos, o maior entre os alunos pesquisados, indicando que A2 percebe que a família acredita que ela pode cuidar de si mesma, relatando que escolhe o que vestir, discute seus medos e preocupações, revela que seus familiares dão certa liberdade para sair, com a supervisão de adultos, assim foi relatado na entrevista semiestruturada realizada, percebe privacidade por parte da família, sente que a família à respeito da maneira como ela é, e percebe liberdade para fazer as coisa que quer fazer. Entende que os familiares permitem decidir as coisas sobre ela, contudo percebe que sua liberdade ainda possui um certo controle por parte dos seus familiares.

A3, menina de 11 anos, mora com padrasto, mãe e dois irmãos mais velhos, figurou com o terceiro maior rendimento na pesquisa, apresentou os seguintes escores no IPSF: Afetivo consciente (42 pontos), Adaptação (26 pontos), Autonomia 6 pontos, e uma pontuação total IPSF de 74 pontos. A3 possui a maior pontuação referente ao fator afetivo consistente, percebendo que as pessoas em sua família seguem as regras estabelecidas, e estas regras são bem estabelecidas, é elogiada

frequentemente pelos familiares, percebe que os integrantes de sua família têm deveres e responsabilidades específicos, as emoções são expressas de forma clara uns com os outros, ela discute seus medos e preocupações com a família, sente que as pessoas de sua família gostam de passar o tempo juntas. Apresentou no fator adaptação um indicador alto, revelando sentir-se bem, sente-se compreendida, não havendo competitividade entre os membros da família e tem o sentimento de pertencimento junto à sua família. Com referência ao fator autonomia, A3 apresentou o escore de seis pontos, equivalendo a uma classificação Baixo, mostrando a percepção de um controle por parte dos familiares e durante a entrevista semiestruturada com sua mãe, a mesma revelou que por muitas vezes fora agredida em sua família, e que fazia um grande esforço para não repetir a prática com seus filhos, mas que de vez em quando não tinha tanta paciência. O controle mostra-se na possibilidade da escolha do que vestir, na possibilidade de sair para brincar com vizinhos, revela que raramente percebe que deixam ser como ela quer ser, não percebe que a família não oferece a liberdade que ela quer ter e nem sempre permite que ela decida as coisas sobre ela. Contudo os aspectos referentes aos fatores afetivo consistente e adaptação elevaram a pontuação no escore total de 74 pontos equivalente à condição Alto.

A4, menina 11 anos, mora nas circunvizinhanças da escola, considera-se negra, mora com pai e mãe. Ocasionalmente, brinca na frente de casa sob a observação dos pais. Revela que vai na casa de colega para brincar e a colega vai também à sua casa. Apresenta os seguintes escores 38 pontos para Afetivo-Consistente, 19 para Adaptação e 8 para Autonomia com um IPSF total de 65 pontos, figurando como a quarta maior pontuação, apresentando o quarto maior rendimento escolar dentro dos alunos selecionados. Na entrevista semiestruturada mostrou-se muito comunicativa, colaborativa nos trabalhos, mostrando um raciocínio rápido, percebido na forma como respondeu às perguntas. No tocante ao fator Afetivo-Consistente, A4 apresenta um escore Alto, as regras estabelecidas entre as pessoas de sua família, quase nunca são seguidas, apesar de existir regras sobre diversas situações, é elogiada pelos seus familiares, informação que sua mãe confirmou na entrevista, percebe que cada um na família tem deveres e responsabilidades específicas, mostrando também que as pessoas em sua família expressam claramente pensamentos e emoções uns com os outros, ela sente que tem espaço

para discutir seus medos e preocupações, gosta de passar o tempo com a família, revela que eventualmente as pessoas em sua família se toca e se abraçam, sente-se confortável emocionalmente com a família, na sua visão as tarefas de casa nem sempre adequadamente, informação que sua mãe prestou dizendo que lá todo mundo fazia tudo, não tinham a prática de estabelecer as tarefas e dividi-las, percebe também que as coisas que são ditas são cumpridas, existe uma coerência ente palavras e comportamento e também percebe que seus familiares são bons exemplos para ela. Com referência ao fator Adaptação, A4, apresentou um escore Médio-Baixo, destacando-se o fato de que ocasionalmente uns gritam e brigam uns com os outros, sentir-se ocasionalmente como um estranho, os familiares costumam culpar uns aos outros quando as coisas não vão bem, as vezes sente que as pessoas em sua família não a compreende, contudo, A4, sente que viver com sua família é agradável. Em entrevista, a mãe de M4, revelou que está fazendo um esforço grande para ser mais paciente com as questões da casa, e revelou que já foi muito intolerante demonstrando um nervosismo que ela percebeu que precisa melhorar, e sua filha e marido já percebem o seu esforço e a melhora relacionada. No tocante à Autonomia, A4 apresentou uma pontuação equivalente a Baixo, revelando que não percebe que a família não a deixa sair tanto quanto quer, o que mostra cuidados necessários referentes à realidade da comunidade e a realidade com a qual vivemos atualmente, afinal A4 é uma jovem de apenas 11 anos de idade, ainda que ela aponta que sua família a faz sentir que pode cuidar dela mesma, mesmo nas raras situações em que está sozinha.

A5, menino com 10 anos de idade, mora com pai, mãe e irmão de 4 anos, considera-se negro. Normalmente às sextas, joga futebol na rua com as outras crianças, percebendo a supervisão dos pais, gosta também de conversar com os colegas do futebol. Declara gostar do bairro em que mora. A5 figura como o quinto maior rendimento dentro dos alunos pesquisados. Com relação ao IPSF, A5 apresentou 33 pontos para o fator Afetivo-Consistente, 21 pontos para Adaptação e 6 pontos para Autonomia e um IPSF total de 17 pontos. O fator Afetivo consistente A5 apresentou um escore Médio-Alto, em que percebe as pessoas em sua família seguem as regras estabelecidas entre elas e existem diversas regras estabelecidas para diversas situações em sua família, eventualmente seus familiares o elogiam, apesar de as regras serem estabelecidas na sua família, A5 percebe que os membros da sua

família não possuem deveres e responsabilidades específicas, os membros de sua família expressam claramente pensamentos e emoções uns com os outros, sente-se acolhido para discutir seus medos e preocupações, as pessoas em sua família gostam de passar o tempo juntas, nem sempre os membros de sua família discutem junto antes de tomar uma decisão importante, percebe que as pessoas de sua família sempre percebem que algo de errado aconteceu com ele, mesmo ele não falando, nem sempre o faz sentir melhor quando está aborrecido, opinam o que é certo o que é errado buscando o bem-estar de cada um, percebe que nem sempre há uma coerência entre as palavras e os comportamentos e seus familiares servem como bons modelos na sua vida. Com referência ao fator adaptação, sente às vezes que sua família tem mais problemas emocionais que as outras famílias, sente que eventualmente seus familiares só mostram interesse uns pelos outros quando podem ter vantagem. A5 assinala que às vezes sente raiva de sua família percebe que vezes há ódio em sua família, sentido às vezes que é desagradável viver em sua família; contudo, sente-se incluído em sua família e não sente vergonha dela, não percebe competitividade entre os membros de sua família, e quando as coisas não vão bem os familiares não se culpam uns aos outros. Com referência ao fator autonomia, A5 apresentou 6 pontos, o que equivale a um escore Baixo, percebe que quase nunca a sua família faz sentir que pode cuidar de si, mesmo quando está sozinho, percebe que as pessoas respeitam a sua privacidade, e que o corrigem muito do jeito que é, mostrando que quase nunca o deixam ser do jeito que quer ser, eventualmente permitem que ele faça as coisas que gosta de fazer, e sente que seus familiares não lhe dão tanta liberdade quanto quer.

A6, menino de 11 anos, mora nas circunvizinhanças da escola, considera-se negro, mora com pai, mãe e gêmeos de 8 anos. Joga bola na frente de casa, contudo queixa-se que tem que parar frequentemente devido ao movimento dos carros. Brinca muito com os vizinhos. Revela também gostar muito de conversar com os colegas da comunidade. Revela gostar do bairro em que mora. Com relação ao IPSF, aparece no grupo dos 5 alunos que possuem menores rendimentos escolares, destes o maior rendimento. A6 apresenta um IPSF total de 63 pontos, equivalendo a um escore Médio-Baixo, no tocante aos fatores, 29 pontos para Afetivo-Consistente, considerado Médio-Alto, 23 para Adaptação, Médio-Alto e 11 pontos para autonomia considerado Médio-Baixo. Com relação ao fator Afetivo-Consistente, aponta que quase sempre as

peças na sua família seguem as regras estabelecidas entre elas, contudo quase nunca há regras sobre diversas situações na família, não é habitual os seus familiares o elogiarem, não é comum discutir seus medos e preocupações com a sua família, gostam de passar o tempo juntos, discutem antes de tomar uma decisão importante, em algumas situações, na solução de problemas, a opinião de todos é levada em consideração, mostra que as pessoas em sua família sabem quando algo ruim aconteceu mesmo quando A6 não comunica, diz que as pessoas quase nunca se abraçam e se tocam, sente que às vezes a sua família proporciona conforto emocional, o acolhe quando está aborrecido, o que é certo e o que é errado é opinado pelos membros da família buscando o bem-estar de cada um, existe distribuição adequada das tarefas e considera que seus familiares servem para ele como bons modelos em sua vida. Com referência ao fator Adaptação com 23 pontos (Médio-Alto), destaca-se a percepção de A6 que às vezes seus familiares só mostram interesse uns pelos outros quando podem ter vantagem, e percebe que às vezes seus familiares geralmente culpam alguém da família quando as coisas não estão indo bem, e percebe também que às vezes a sua família não o compreende, contudo, não sente vergonha da sua família, não percebe que a família o irrita e não se sente excluído na família. No tocante à Autonomia, A6 apresenta pontuação 11 pontos (Médio-Baixo), destaca-se que A6 percebe que quase nunca o deixam sair o tanto quanto quer, às vezes a família o faz sentir que pode cuidar de si, mesmo quando está sozinho, existe privacidade em sua família, permitem que ele seja do jeito que ele é e em algumas vezes seus familiares permitem que ele decida coisas sobre ele.

A7, menina de 11 anos, reside nas circunvizinhanças da escola, declara-se negra, mora com a mãe, 2 irmãos por parte de mãe e avó. A casa possui quarto, sala, banheiro, cozinha e corredor. A avó, nos dias de semana, dorme fora, cuida de uma idosa. Gosta de brincar de bicicleta e às vezes quando em férias visita o pai que mora em outro município. Os seus pais são separados. Tem poucos colegas na comunidade, brinca na rua quando os primos vão à sua casa. Gosta de brincar de “baleado”. A7 figura no grupo dos 5 alunos de menores rendimentos escolares. Deste grupo é o segundo maior rendimento. Com relação ao IPSF, A7 apresentou uma pontuação total de 56 pontos (Médio-Baixo), sendo para Afetivo-Consistente 29 pontos (Médio-Alto), Adaptação 23 pontos (Médio-Alto) e Autonomia 11 pontos (Médio-Baixo). Com referência ao fator Afetivo-Consistente, A7 mostra que percebe

que as pessoas na sua família quase nunca seguem as regras estabelecidas entre elas, quase nunca há regras sobre diversas situações na sua família, seus familiares quase nunca o elogiam, percebe que em sua família cada um tem deveres e responsabilidades específicas, seus medos e suas preocupações são discutidos na família, percebe que as pessoas em sua família gostam de passar o tempo juntas, opinam o que é certo e o que é errado buscando o bem-estar de cada um, percebe também que existe coerência entre o que é dito e o que é praticado, revela que os membros de sua família expressam interesse uns pelos outros. Destaca-se, por outro lado, que A7 percebe que a sua família quase nunca sabe quando alguma coisa ruim aconteceu com ela, mesmo ela não falando, não se sente confortável emocionalmente na sua família e, na entrevista, A7 revelou que sua mãe não tem muita paciência com ela, que fala com ela aos gritos, tal prática pode colaborar com o exposto, revela que sua família não a faz sentir melhor quando ela está aborrecida, não percebe distribuição adequada de tarefas na sua família, e às vezes se tocam e se abraçam e percebe que às vezes eles demonstram carinho um pelo outro através de palavras. Com referência ao Fator Adaptação, 18 pontos (Baixo), destaca-se que A7 acredita que sua família tenha mais problemas emocionais que as outras famílias, percebe que a sua família não a compreende não percebe ódio na sua família, às vezes brigam, gritam uns com os outros, não acha desagradável e nem se sente excluída na sua família. No Fator Autonomia A7 apresentou 4 pontos (Baixo) mostrando que sua família às vezes a deixa ser do jeito que ela quer ser, não percebe que sua família acredita que ela pode cuidar dela, mesmo quando está sozinha sente que sua família não oferece a liberdade quanto ela quer.

A8, menino de 11 anos, mora nas proximidades da escola, considera-se pardo, mora com pai, mãe, irmão, primo e duas primas. Às sextas-feiras frequenta a igreja pentecostal com a mãe, diz que tem um colega que conversa com ele quando ele vai comprar o pão, próximo à sua casa. Sua casa tem dois pavimentos, no pavimento superior, 3 quartos e 1 banheiro, no pavimento inferior, sala, cozinha e banheiro. A casa está localizada em um sítio, existem outras duas casas neste sítio, que são de um tio e uma tia. As crianças de fora não têm acesso ao sítio para brincar. A8 brinca apenas com seus primos e o irmão. Declara gostar do lugar que mora. A8 está entre os 5 alunos de menor rendimento e é o terceiro maior rendimento deste grupo. Com relação ao seu IPSF, o valor total de 54 pontos (Baixo), Afetivo-Consistente 28 pontos

(Médio-Baixo), Adaptação 19 pontos (Médio-Baixo) e Autonomia 7 pontos (Baixo). Com relação ao fator Afetivo-Consistente, A8 afirma que existem regras sobre diversas situações em sua família, e às vezes são seguidas. Às vezes é elogiado pelos seus familiares, e cada um dos seus familiares tem deveres e responsabilidades específicas. Aponta que os membros em sua família quase nunca ou nunca expressam claramente pensamentos e emoções uns com os outros. Às vezes seus medos e preocupações são discutidos na família. Aponta que os membros da sua família expressam interesse e carinho uns com os outros, contudo, percebe que nunca ou quase nunca as pessoas da sua família se sentem próximas umas das outras. Com referência ao fator Adaptação, 19 pontos (Médio-Baixo), A8 aponta que os seus familiares não culpam os outros quando as coisas não estão indo bem, não percebe ódio em sua família. Busca-se atenção para percepção de A8 quando aponta que acredita que sua família tenha mais problemas emocionais que as outras famílias, que às vezes percebe que seus familiares só mostram interesse uns pelos outros quando podem ter vantagem, a competitividade entre os membros também é percebida às vezes e quase sempre sente-se excluída na família. A8 em sua entrevista revela que sente a falta do tio e da tia que faleceram recentemente em momentos distintos e revela que o seu maior desejo é ver a sua família completa novamente, a perda dos tios ainda é algo muito sentido. No tocante ao fator Autonomia, A8 corresponde a 7 pontos (Baixo), mostrando que percebe que sua família não o deixa ser como quer ser e não deixar sair o tanto quanto quer, ainda assim percebe que a sua família o faz sentir que pode cuidar dele próprio, mesmo quando sozinho.

A9, Menino com 12 anos, reside nas proximidades da escola, mora com mãe e padrasto, a mãe na ocasião da entrevista encontrava-se grávida com 8 meses de gestação. Gosta de sair à noite para conversar com amigos do bairro. Apresenta o quarto menor rendimento do grupo selecionado dos 5 menores. Com relação ao IPSF, A9 apresentou 56 pontos para o IPSF total (Baixo), para o fator Afetivo-Consistente 27 pontos (Médio-Baixo), 21 pontos para o fator Adaptação (Médio-Baixo) e 8 pontos para o fator Autonomia (Baixo). Percebe que as pessoas em sua família quase nunca seguem as regras estabelecidas entre elas, existem regras sobre diversas situações em sua família, eventualmente é elogiado, quase nunca percebe que os membros da sua família expressam claramente pensamentos e emoções uns com os outros, seus medos e preocupações quase nunca são discutidos na família, percebem quando

alguma coisa ruim aconteceu com ele, mesmo ele não falando, os membros da família se tocam e se abraçam, percebe que a família o faz sentir melhor quando está aborrecido, as pessoas da família se sentem próximas umas das outras. Em entrevista, A9 retrata a relação de baixa qualidade com o padrasto, o que colabora para uma percepção de fragmentação em relação à sua família. No tocante ao fator Adaptação, A9 apresentou 21 pontos (Médio-Baixo), percebe que os familiares só mostram interesse uns pelos outros quando podem ter vantagem, às vezes percebe que seus pais não o entendem, ocasionalmente brigam e gritam entre eles e não se sente excluído em sua família. Com referência à Autonomia, percebe que em sua família existe privacidade, os seus familiares não o deixam sair quanto quer, apesar de que na entrevista sua mãe revelara que ele sai muito, e às vezes deixam decidir sobre ele.

A10, 11 anos, estudante da 5ª série, sexo masculino, considera-se negro. Para ele, todos moram juntos. Gosta do local onde mora, gosta de brincar com os primos que são no seu total quatro e que moram em casas que estão dentro do muro em que ele mora também. A10 está no grupo dos 5 alunos de menor rendimento e é o que possui o menor rendimento dentre os pesquisados. IPSF total apresentou 46 pontos (Baixo), O fator Afetivo-Consistente com 2 pontos (Médio-Baixo), Adaptação 20 pontos (Médio Baixo) e Autonomia 3 pontos (Baixo). A10 com os referidos escores percebe que quase nunca as pessoas na sua família seguem as regras estabelecidas entre elas, quase nunca há regras sobre diversas situações na sua família, é elogiado pelos seus familiares, não percebe que sua família discute junto antes de tomar uma decisão importante, percebe que a sua família sabe quando alguma coisa ruim acontece com ele mesmo ele não falando, não se sente confortável emocionalmente pela família, quando aborrecido não sente que sua família o faz sentir melhor, não percebe a coerência por parte da família entre palavras e comportamentos, percebe que a seus familiares não servem como bons modelos em sua vida. Em entrevista sua mãe revela ter passado recentemente por momento difícil com o sobrinho que ela cria, que foi preso e ela dedicou-se a providenciar advogado para soltá-lo. Acha que não deu a devida atenção ao filho neste período (aproximadamente um ano). Com relação o fator Adaptação, 20 pontos (Médio Alto), A10 aponta que às vezes acredita que sua família tenha mais problemas emocionais que as outras famílias, atribuem-se culpa quando as coisas não estão indo bem, e percebe quase sempre ou sempre ódio em

sua família. Com relação à autonomia, A10 percebe privacidade por parte dos familiares, contudo questões como vestir-se à sua maneira, a credibilidade por parte da família na possibilidade de A10 cuidar-se mesmo quando sozinho, sair quando quer, a liberdade dada quanto quer, aponta A10 que quase nunca percebe estas situações por parte da família. A10 mostrou um sentimento de inferioridade quando declara que seus irmãos são melhores que ele.

Piaget (1954) faz referência ao desenvolvimento afetivo-cognitivo, mostra que a percepção das crianças frente ao ambiente familiar é elemento de importância destacada. Os instrumentos utilizados, que não têm caráter determinístico, mas aproximam-nos à percepção das crianças nos fatores Afetivo-Consistente, Adaptação e Autonomia presentes na afetividade no ambiente familiar, revela-nos reflexos destas percepções frente aos respectivos rendimentos. O Quadro 3 nos apresenta uma visão geral dos alunos frente às suas percepções afetivas acompanhados dos seus rendimentos escolares.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente construção buscou descrever no ambiente familiar a afetividade oferecida por parte dos pais às crianças, que são alunos em uma escola pública em Salvador. Uma pesquisa envolvendo pessoas, na tentativa de descrever os prováveis correlatos entre rendimento escolar e afetividade familiar, em que o pesquisador utilizou a licença poética para elaborar o título *O afeto de família e suas relações com a aprendizagem em uma escola pública em Salvador*. A afetividade que não é algo tão fácil de se explicar como bem declarou Piaget (1954), mas que sentimos e sabemos que é toda manifestação associada a sentimentos, emoções e vontades, que na óptica do desenvolvimento ocorre de forma associada ao desenvolvimento cognitivo, sendo esse combustível, a energia necessária para este, vemos quão subjetiva é tal percepção dessas crianças e influentes na sua vida, vida já produtiva, considerando por exemplo o rendimento escolar.

Vimos que parte dos alunos entrevistados demonstraram empenho nas práticas cognitivas, independentemente das condições do ambiente indicando que a vontade e a autonomia destes é fator favorável a tal prática.

No tocante ao desenvolvimento afetivo, encontramos em todos os alunos pesquisados sentimentos de caráter interindividual, presentes as trocas afetivas com outras pessoas, destacando as trocas no ambiente familiar. A valorização mútua já ocorre, traduzida de forma imediata como simpatia, mas estão associadas aos sentimentos morais.

Percebemos que os alunos pesquisados ainda necessitam em graus variados da supervisão dos pais para as execuções de tarefas diárias domésticas e também para a execução das tarefas escolares nos horários extraescolares. Como aponta Piaget (1954), as crianças encontram-se em transição entre os estágios V e VI apontando o entendimento ao que é justo e injusto, certo e errado com a intervenção da vontade mostrando-se presente, cabendo destaque que tais eventos são realizados plenamente dos 14 aos 15 anos idade ainda não atingida pelos alunos pesquisados.

No tocante a ideais coletivos, temos A4 assumindo o papel de mediadora em situações de atrito entre seus pais, buscando um bem coletivo, a harmonia e o entendimento em sua família. A fala de A1, quando interrogada com o tom de afirmação

referindo-se à justiça: “Justiça para mim é ser uma pessoa certa fazer o que é bom, se tudo o que é bom é melhor para a humanidade?” retrata a percepção das suas ações em relação ao coletivo, no caso considerando toda a humanidade.

Referindo-se à autovalorização, Piaget (1954, p. 167) aponta que é mais que uma troca com o outro, mas uma troca consigo mesmo decorrente da troca com o outro. A autovalorização mostra-se pelos sentimentos de inferioridade e superioridade e entramos em uma situação que marca tal sentimento. Nenhum aluno entrevistado assumiu para si a nota 10 tratando-se das suas práticas associadas à justiça prova do reconhecimento do que é certo e o que é errado, associado ao juízo moral elaborado no ambiente familiar e os mesmos mostram sinais de reconhecimento de imperfeições frente a tal questão. A6, em sua autoavaliação, atribuiu nota 5 e afirmou que os seus irmãos são melhores que ele; A6 revela um sentimento de inferioridade. Destacamos ainda que ele manteve durante a entrevista uma postura tímida, o corpo em uma posição retraída na cadeira, revelando pouca expansão e autoconfiança. Piaget bem descreve os sentimentos de inferioridade, merece destaque na condição de afetividade de A6, e podendo ser decorrente da baixa interação de A6 com a sua família, conforme afirmado durante a entrevista quando revela que seus irmãos falam tudo com os seus pais enquanto ele não o faz.

Piaget ainda destaca que temos a necessidade da apreciação dos outros, ao menos em segundo plano, da estima e da aprovação de alguém. Todas as mães entrevistadas revelaram que elogiam os seus filhos, contudo relatos de A7 revelam que a sua mãe quando chega em casa, após o dia de trabalho, já chega gritando com ela e M10 relata que quando A10 pede que tenha paciência com ela, a mesma responde que não tem paciência com criança nenhuma, revelam sinais de pouca apreciação revelada o que compõe o quadro afetivo desses alunos destacados.

Mostramos M1 trazendo uma situação vivida por A1 envolvendo duas primas em que o mesmo presenciou uma delas mentido para M1 favorecendo-se em detrimento da outra com esta prática. A1 mostrou-se inconformado com a situação, mostrando a capacidade de considerar a reversibilidade, colocando-se no lugar do outro, no caso, da prima que fora prejudicada. Outra situação apresentada por M1 foi o fato de A1 já ter sofrido *bullying* em outra escola e a mesma conversou muito com ele dizendo a ele que uma das formas de superar tal dificuldade seria sobressaindo-se nos estudos, mostrando aos outros que ele é um menino inteligente, estudioso e não inferior a ninguém. A1 esforça-se bastante e ocupa o melhor rendimento dentre

os alunos pesquisados e já sente prazer com os estudos. M1 ainda comenta que atualmente percebe o brilho nos olhos dos professores quando sabem que ela é mãe de A1. Os professores o elogiam bastante. A situação levantada na pesquisa mostrou dificuldades vividas pelo aluno e o mesmo com perseverança e persistência estimulados pelo ambiente familiar via apoio e afetividade oferecidos pela família através da sua mãe que muito conversou com ele levando-o à superação e ao desenvolvimento da autoconfiança e da ampliação das suas capacidades.

A presença ou ausência de equilíbrio entre o apoio e o desafio que, segundo Kegan (1994, apud WADSWORTH, 1997, p. 178), influencia no desenvolvimento, foi algo também encontrado nesta pesquisa. Temos M10 revelado, devido à situação do seu sobrinho, que a mesma não pôde dedicar tempo para acompanhar seu filho. A10 não foi submetido a desafios proporcionados pela sua mãe, evidenciando-se que os mesmos não foram sequer elaborados, e apesar de sua mãe revelar que não tem paciência com crianças, afirma que o abraça e beija, mostrando um desequilíbrio entre os desafios e apoios oferecidos. Com relação à média desses desafios, temos M4, declarando que nas atividades domésticas todos, ela o marido e A4, tinham que fazer alguma coisa. Afinal, os benefícios eram para todos, e aos poucos A4 vem cooperando mais nessas tarefas, mesmo que ainda sob a sua supervisão. Além dessas tarefas, viu-se que A4 dedica-se de forma regular às atividades escolares em casa tendo tempo ainda para participar de um curso de inglês e informática com M4. Os desafios através das tarefas apresentadas merecem destaque, bem como a prática do apoio traduzidos pelos elogios e muito diálogo, como revela M4.

Para Piaget (1954 p. 208), a autonomia é estimulada através de diálogos decorrentes das mais variadas questões que se apresentam nos ambientes. Pelas entrevistas destacamos a prática do diálogo por parte de A4 com M4, revelando que mesmo em situações conflituosas o reconhecimento dos excessos por parte dela para com a filha e declarados a A4, e o reconhecimento por parte de A4 de suas faltas. Esta prática mostra fortalecer a qualidade da relação estabelecida, no caso, no ambiente familiar. Destacamos também os relatos de M3 relativos à sua infância com relação à frequência as agressões sofridas por sua mãe, revelando que se esforça para ser uma mãe melhor, a mesma transparece que a prática do diálogo com seus filhos é algo a ser melhorado, e ainda vemos um maior distanciamento no IPSF, entre o fator autonomia e o rendimento escolar de A3. M9 revela que A9 a estressa muito, transparecendo que o diálogo não é uma prática frequente, e A9 revela que não tem

um bom relacionamento com o padrasto e não dialoga com ele. Destacamos ainda que A9 apresentou o quinto maior score referente à autonomia, podendo corresponder ao menor acompanhamento por parte de sua família, sua mãe chegou a revelar que ele a vem desobedecendo com certa frequência, chegando às vezes a sair quando não autorizado.

Piaget, referindo-se à participação do jovem à afetividade coletiva do adulto, da consciência coletiva no tocante ao emocional e intelectual, temos o compartilhamento revelado por A4 pelas suas interações com a sua mãe, incluindo práticas intelectuais sendo colega de sua mãe nos cursos de inglês e informática. Destacamos A10 que, apesar de ter menos tempo com sua mãe devido aos problemas que o seu primo se envolvera, o mesmo interage muito com seu avô quando da sua ajuda no pequeno bar. Percebemos também reflexos dessa interação no relatado por A7, quando diz que quando a mãe chega em casa já chega gritando com ela, que sua mãe faz isto com frequência, dificultando assim maior interação, maior participação na vida do adulto.

Destacamos também que Piaget (1954) afirmou que no nível sensório-motor o sucesso ou o fracasso de uma ação qualquer influencia na continuidade das ações do sujeito, sendo que o sucesso eleva a confiança e o fracasso angustia e reduz a confiança. Estaria aqui uma das questões a continuar sendo pesquisada: Quais seriam os mecanismos adotados pelas famílias e alunos para reverterem as situações de insucesso tratando-se nesta pesquisa pelo baixo rendimento escolar? Constatamos que todas as mães entrevistadas não medem esforços para que seus filhos tenham uma condição melhor que vividas por elas, temos a marca a persistência presentes em todas as mães entrevistadas.

A respeito da autovalorização, Piaget (1954) comenta que envolve não apenas a troca para com o outro, mas a troca consigo mesmo em resposta à troca com o outro, tendo relação com a expectativa e o reconhecimento por parte da família, favorecendo a autovalorização, a autoestima. Vimos na pesquisa declarações explícitas por parte das mães que praticam o elogio, como foi o caso de M1, M2 e M4. Neste aspecto, conforme aponta Piaget (1954), uma pessoa tem valor quando ela enriquece o campo da própria ação, e temos aí a possibilidade de interação de forças, fortalecendo ou não o desenvolvimento afetivo do indivíduo.

Coerção e cooperação são as formas apontadas por Piaget (1954) de conduzir a criança ao longo do desenvolvimento, vimos na referida pesquisa situações em que

as regras são claramente apresentadas e a aplicação de punições corporais, reveladas de baixa intensidade, mostraram-se presentes em todas as mães entrevistadas. Temos M2 revelando a prática do diálogo com sua filha A2, que também convive boa parte do seu tempo com uma família vizinha, em que é estabelecida uma boa relação com esta família, chegando a nomear a vizinha como “mainha”. Esses ambientes mostram-se cooperativos e não coercitivos para A2, refletido positivamente no desenvolvimento de A2. M4 revela também a prática do diálogo com A4, e A4, já questiona o porquê de obedecer a algumas determinações apresentadas pelos seus pais mostrando a participação por parte de M2 ativa no entendimento das normas. Situação similar foi relatada por M1, afirmando que A1 com frequência questiona o porquê da necessidade de obedecer determinadas normas no ambiente doméstico, e destaca-se a percepção associada ao coletivo por parte de A1, quando afirma que as práticas compatíveis com a justiça fazem bem a humanidade.

Todos os pais revelaram valorizar o papel da educação para seus filhos. Vimos também junto as famílias pesquisadas que os níveis de interação com os filhos frente as atividades escolares e interação das famílias junto à escola mostram uma relação com a escolaridade e disponibilidade associada ao tempo. M4 mostra que interage frequentemente com a escola, conversando com o diretor e professor, assume não deixar só para a escola as questões ligadas à educação e diz que acompanha muito a vida escolar da filha. A4 revela que seus pais a ajudam quando necessário em atividades no computador. Dos alunos pesquisados foi o único aluno que revelou ter o hábito de utilizar a biblioteca da escola nos intervalos para ler algum livro. Pelo que foi investigado, M4 revelou que estuda com sua filha A4, inclusive atividades extraescolares como inglês e informática. A4 mostra proatividade quando busca entender o que o pai faz na manutenção de computadores, estes dados nos mostram as práticas no ambiente familiar exercendo assim influências no mundo exterior de A4.

M5 que relata já ter trabalhado em escola, reconhece a importância desta para A5, aponta que quando pode ajuda A4 nas tarefas escolar quando não, por não saber como realizar as tarefas orienta A4 para que tire as dúvidas com o professor. A7 revela ter pouco suporte em casa para os estudos, por isto estuda pouco. Piaget (1954) destaca as situações em que o indivíduo se autojustifica diante do insucesso, muitas vezes não se mobilizando para reverter a situação desfavorável. A escola apresenta-se como local favorável para o desenvolvimento visto a interação com outros jovens

e com os professores relatado por A7. É revelada pouca participação da sua mãe frente a esta situação, temos uma situação de acomodação diante desta situação. Caberíamos investigar o posicionamento da escola diante de tal situação.

Temos uma característica que apresenta similaridade entre o grupo de alunos que apresentaram os menores rendimentos escolares: os pais não acompanham ou têm dificuldade para orientar os filhos nas atividades escolares muito provavelmente ou por baixa escolaridade, ou por pouca disponibilidade devido ao pouco tempo disponível. Consideramos também a fase em que estas crianças encontram-se, predominando características heterônomas, mostram ainda uma forte dependência dos adultos para a execução de suas tarefas, ou seja muitas regras ainda não são claras para elas.

Um dado que nos chamou a atenção refere-se à família de A1, em que ele e sua mãe M1 revelaram que tinha um problema de alcoolismo na família, no caso o pai de A1 e marido de M1, mas apesar desse problema por eles relatado mostrar mobilizar muito M1, os filhos mostram-se mais “coligados” ao pai na visão de M1. Destacamos que apesar desta questão que veio em destaque durante as entrevistas, a violência nesta família não mostra-se presente. Piaget (1954) aponta que a autonomia é adquirida junto a um ambiente de diálogo com o jovem para que o mesmo entenda o porquê da necessidade do atendimento de regras e perceba as suas ações frente à coletividade, junto ao outro. As práticas adotadas em sua família, e destaque o cuidado, a responsabilidade também servem como referência na formação para A1.

Com relação aos limites, todas as mães entrevistadas mostraram determinar limites. Destacamos a fala de A1, ao afirmar que quando faz algo certo os pais elogiam e quando faz algo errado os pais ficam bravos, mostrando tal prática por parte dos pais de A1, constatando o que Mahoney (2005) afirma ao dizer que em todas as fases do desenvolvimento é necessária a aplicação de limites que possibilitam o convívio com os outros e tal prática também é afetividade. Destacamos a percepção de A1 frente ao que é certo e o que é errado demonstrando a elaboração do seu juízo moral, destacado por Piaget (1932). Os entrevistados mostraram-se já com tal concepção contudo seus efeitos junto a coletividade foram mostrados com mais clareza por A1. M1 relata toda uma gama de cuidados para com A1 e demonstra certo grau de exigências ligadas aos afazeres domésticos e às tarefas escolares. Tal equilíbrio é benéfico ao desenvolvimento do jovem, segundo Kegan (1994, apud WADSWORTH, 1997, p. 178).

M2 revela que as coisas certas devem ser praticadas e não as coisas erradas, buscando orientar A2, contudo aponta a possibilidade de precisar defender-se. Nas mães entrevistadas, foi a única mãe que destaca esta possibilidade. Das mães entrevistadas foi a única que retratou situação de violência vivida com o ex-cônjuge.

Reconhecemos que a utilização apenas de um instrumento que objetiva captar a percepção por parte dos alunos entrevistados através da contabilidade de escores, referimo-nos ao IPSF, não seria capaz de alcançar por ele próprio maior proximidade com a realidade pesquisada. Sem a aplicação das entrevistas que possibilitaram enriquecer a pesquisa, não atingiríamos tal proximidade neste universo complexo que é o da natureza humana. Este instrumento ofereceu maior gama de informações prestadas, detectando inclusive uma situação de contradição.

Piaget (1954) apresentou em toda a sua vida de pesquisa a criação de um modelo que buscasse a descrição do desenvolvimento humano, envolvendo as funções cognitivas afetivas e morais. Cabe resgatarmos que Piaget (1954, p. 37) afirmou que a afetividade possui um papel acelerador ou perturbador para as operações da inteligência. Como afirma Rabinovich (1991), uma característica marcante do ser humano é a dependência ao nascer de um ser mais maduro que o possa sustentar desde os primeiros momentos a fases posteriores no desenvolvimento. As mais variadas formas foram vistas envolvendo situações de suporte oferecidos até pela própria comunidade, vizinhança, através dos ditos bens relacionais apresentados por Petrini e citados por Gomes (2015), que mostram favorecer ao desenvolvimento dos jovens pesquisados.

Não tivemos a pretensão de estabelecer relações diretas entre afetividade e rendimento escolar e sim esforçamo-nos para descrever a realidade desses dois elementos na vida dos alunos pesquisados. Ao concluir a pesquisa, em meio à diversidade de realidades familiares e individualidades de seus atores, vistos nas entrevistas e no IPSF, percebeu-se ainda sim ocorrência dos reflexos das percepções de afetividade familiar por parte dos alunos sobre os seus respectivos rendimentos escolares.

Uma das teses principais da sociologia da educação de Bordieu indica o grau variado de sucesso alcançado pelos alunos ao longo de seus percursos escolares não poderia ser explicado por seus dons pessoais – relacionados à sua constituição biológica ou psicológica particular –, mas por sua origem social, que os colocaria em

condições mais ou menos favoráveis diante das exigências escolares (NOGUEIRA, 2002).

Lahire (1995 apud NOGUEIRA, 2002) aponta que a transmissão do capital cultural e das disposições favoráveis à vida escolar só poderia ser feita por meio de um contato prolongado, e afetivamente significativo, entre os portadores desses recursos (não apenas os pais, mas outros membros da família) e seus receptores (NOGUEIRA, 2002).

Consideramos que pelo pensamento de Lahire, as possibilidades apresentam-se em outro formato. A escola sim poderá ser um instrumento de mudança da realidade. O que foi encontrado deverá ser divulgado pelos diversos canais de comunicação (na possibilidade de criá-los e ou expandi-los) entre a família, escola e apropriada comunidade.

O objetivo que levou à realização deste trabalho não residiu na possibilidade de alterar por si só a situação de aprendizagem escolar de uma 5ª série do ensino fundamental de uma escola pública em Salvador, mas sim agregar mais esforços para a mudança da condição de um fragmento da humanidade e por dizer a possibilidade da mudança das condições via educação de gerações. Condições essas que podemos elencar como sociais, econômicas, educacionais, afetivas e tantas outras que possam vir a compor este extenso leque das necessidades humanas. Esses jovens serão, por certo, pais numa medida de tempo que, daqui a pouco, presente será, e por aí transita toda a nossa esperança da possibilidade de um futuro “melhor”.

REFERÊNCIAS

BAPTISTA, M. N. **Inventário de percepção de suporte familiar (IPSF)**. V. 1. São Paulo: Vetor, 2009. (Coleção IPSF).

BELSKY, J. **Desenvolvimento humano: experienciando o ciclo da vida**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

BOAS, B. M. F. V. **Virando a escola ao avesso por meio da avaliação**. Campinas: Papyrus, 2008.

BOAVENTURA, E. M. **Metodologia da pesquisa: monografia, dissertação, tese**. São Paulo: Atlas, 2012.

COLE, M. et al. **Vigotsky, Lev Semenovitch, 1896-1934**. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 7 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

COON, D. **Introdução à psicologia: uma jornada**. 2. ed. São Paulo: Thomson, 2006.

DESSEN, M. A.; POLÔNIA, A. C. A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. **Paidéia**, Brasília, v. 17, n. 36, p. 21-32, 2007.

EKMAN, L. **Neurociência: fundamentos para a reabilitação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

FERREIRA, T. H. S. **A construção da identidade em adolescentes: um estudo exploratório**. São Paulo: Universidade Federal de São Paulo, 2003.

FREUD, S. Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia reatado em autobiografia: ("O caso Schreber"): artigos sobre técnicas e outros textos (1911-1913). In: **Obras completas**, v. 10. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. Além do princípio do prazer (1920). In: **Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas de Sigmund Freud**, v. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

GOMES, M. C. C. da. **O lugar estratégico da família para a integração de ações e políticas de proteção e desenvolvimento social na região metropolitana de Salvador, BA**. MDS, CNPQ, 2014.

GOMES, M. C. C. da. **Colos de famílias, abraços do estado**. O lugar central das famílias nas políticas de proteção e desenvolvimento humano. Curitiba: CRV, 2015.

GÓMEZ, A. M. S. **Dificuldades de aprendizagem – detecção e estratégia de ajuda**. São Paulo: Grupo Cultural, 2004.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Cidades. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=292740&idtema=117&search=bahia|salvador|ensino-matriculas-docentes-e-rede-escolar-2012>> Acesso em: 29 mar. 2016.

JACOB, A. et al. Aspectos afetivos e o desempenho acadêmico de escolares. **Psic.: Teor. e Pesq.** [online], v. 15, n. 2, p. 153-162, 1999.

LA TAILLE, Y. de; OLIVEIRA, M. K. de; DANTAS, H. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão.** São Paulo: Summus, 1992.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica.** 6. Ed. São Paulo: Atlas, 2007.

LEFRANÇOIS, G. R. **Teorias da aprendizagem.** 5. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2015.

LIMA, V. **Conhecimentos especializados sobre os problemas de rendimento escolar: um estudo de manuais de psicologia a revista de educação.** São Paulo: USP, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-34592015000200093&lang=pt> Acesso em: 05 abr. 2016.

LUCKESI, C. C. **Avaliação educacional no Brasil.** 2015. Disponível em: <<http://www.correiadoestado.com.br/opiniao/editorial-desta-quarta-feira-avaliacao-educacional-no-brasil/249134/>> Acesso em: 22 mar. 2016.

MAHONEY, A. A.; ALMEIDA, L. R. A. Afetividade e processo ensino-aprendizagem: contribuições de Henri Wallon. **Psic. da Ed.**, São Paulo, 20, p. 11-30, 1^o sem de 2005.

MENEZES, J. E X. Cuidado: pai e mãe a bordo – compreensão freudiana do vínculo. In: CASTRO, M. G. et al. (org.). **Dinâmica familiar do cuidado – afetos, imaginário e envolvimento dos pais na atenção dos filhos.** Salvador: EDUFBA, 2012.

MINAYO, M. C. S.; SANCHES, O. Quantitative and qualitative methods: opposition or complementarity. **Cad. Saúde Públ.**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 239-262, jul/sep, 1993.

MONTANDON, C. O desenvolvimento das relações família-escola. In: MONTANDON, C.; PERRENOUD, P. **Entre pais e professores, um diálogo impossível?** Oeiras: Celta, 2001.

MOREIRA, L. V. C. Gênero e família em mudança: uma revisão com foco em cuidado parental. In: CASTRO, M. G. et al. (org.). **Dinâmica familiar do cuidado – afetos, imaginário e envolvimento dos pais na atenção dos filhos.** Salvador: EDUFBA, 2012.

MOSMANN, C. P.; ZORDAN, E. P.; WAGNER, A. A qualidade conjugal como fator de proteção do ambiente familiar. In: WAGNER, A. (org.). **Desafios psicossociais da família contemporânea**. Porto Alegre: Artmed, 2011. p. 58-71.

NOACK, J. Reflexões sobre o acesso empírico da teoria de identidade de Erik Erikson. **Interação em Psicologia**, Belo Horizonte, v. 11, n. 1, p. 135-146, 2007.

NOGUEIRA, Cláudio et al. A sociologia da educação d Pierre Bourdieu: limites e contribuições. **Educação e Sociedade**, ano XXIII, n. 78, abril/2002.

PIAGET, J. **Relações entre a afetividade e a inteligência no desenvolvimento mental da criança**. Rio de Janeiro: Wark, 2014.

_____. **Jean Piaget**. São Paulo: Summus, 1994.

_____. **O juízo moral na criança**. (LE JUGEMENT MORL CHEZ L'ÉNFANT). Paris: Presses Universitaires de France, 1932.

_____. Problems of the Social Psychology of Childhood. Manuscrito originalmente publicado em *Traité de Sociologie*. Paris: Presses Universitaires de Franc, 1963.

RABINOVICH, E. P. O nascimento psicológico. **Revista Bras Crescimento Desenvolvimento Humano**, v. 1, n. 1, 1991.

SALAMI, M.; SARMENTO, D. F. Interfaces conceituais entre os pressupostos de L. S. Vygotsky e de R. Feuerstein e suas implicações para o fazer psicopedagógico no âmbito escolar. **Rev. Psicopedagogia**, v. 28, n. 85, p. 76-84, 2011.

SCHULTZ, D. P. **História da psicologia moderna**. 8. ed. São Paulo: Thomson, 2007.

SEN, A. **Desarollo y libertad**. Mexico: Editorial Planeta, 2000. Disponível em: <<http://www.ccee.edu.uy/ensenian/catgenyeco/Materiales/2011-12-07%20III2AmartyaSenCap8LaAgenciadelasMujeresyelCambioSocial.pdf>> Acesso em: maio 2016.

SILVA, M. A. V. Pertencimento e lealdade. In: **Vozes do silêncio** (no prelo).

SOLÍS, A. de M. C. **Factores individuales y familiares asociados a la repetición escolar en niños de 7 a 12 años**. México: Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales (FLASCO), 2002.

SOUZA, E. M. de. **Problemas de aprendizagem**: crianças de 8 a 11 anos. Bauru: EDUSC, 2001.

WADSWORTH, B. J. **Inteligência e afetividade da criança na teoria de Jean Piaget**. 5 ed. São Paulo: Pioneira, 1997.

ZANON, C. et al. Desenvolvimento e validação de uma escala de afetos positivos e negativos. **Psico-USF**, Bragança Paulista, v. 18, n. 2, p. 193-202, maio/agosto 2013.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS

Dados Demográficos

- 1) Idade:
- 2) Sexo:
- 3) Bairro onde reside:
- 4) Como você se considera?
 - A) Branco(a).
 - B) Negro(a).
 - C) Pardo(a)/mulato(a).
 - D) Amarelo(a) (de origem oriental)
- 5) Série:
- 6) Pessoas que moram com você:

TEMPO E TAREFAS ESCOLARES. Valor da educação

- 7) Em média quanto tempo você passa em casa?
- 8) Em média quanto tempo você passa na escola?
- 9) Em média quanto tempo passa fora de casa e fora da escola?
- 10) O que você mais gosta de fazer quando está em casa?
- 11) Você costuma estudar em casa? Onde?
- 12) Alguém lhe ajuda nas tarefas da escola? Quem? Você gosta e estudar com ele (a)? Por quê?
- 13) Se costuma, qual o horário e quanto tempo dedica aos estudos?

RELAÇÃO COM A ESCOLA – VALOR DA EDUCAÇÃO

- 14) O que você mais gosta de fazer quando está na escola?
- 15) Gosta da escola que estuda?
- 16) O que você mais gosta na escola?
- 17) Você gosta dos seus professores? Por quê?
- 18) O que você acha que poderia ser melhor na escola?

- 19) Qual a disciplina que menos gosta?
- 20) Qual a disciplina que você mais gosta?

ATIVIDADES EXTRAS AMBIENTES, FAMILIAR E ESCOLAR – COMUNIDADE

- 21) O que você mais gosta de fazer quando está fora de casa e fora da escola?

RELAÇÃO COM A FAMÍLIA PARENTALIDADE

- 22) Quando você fica em casa em algum momento do dia você fica sozinho?
- 23) Caso fique em média quanto tempo por dia:
- 24) Quando você está fazendo uma coisa qualquer, mas fica difícil terminar essa tarefa sozinho, o que você faz?
- 25) Você tem alguma(s) tarefa(s) em casa? Gosta de realizá-la(s)? Reveza com alguém?
- 19) Como é um dia de feriado na sua família?
- 20) Que fazem nas férias?
- 21) Escolha um ídolo, um super herói, um astro de TV, um atleta podendo também ser seu pai ou sua mãe.
- 22) O que você acha de mais “legal” em sua família?
- 24) Qual a pessoa na sua família que você tem mais contato?
- 25) Qual a pessoa na família que você mais admira?
- 26) Qual a pessoa na família que você menos admira?
- 27) Vocês se abraçam e se beijam?
- 28) Seus pais chamam você pra conversar? Quem mais chama o seu pai ou a sua mãe?
- 29) Conversa muito com irmãos?
- 30) Se você tivesse dizer algo para cada pessoa da sua família o que diria para cada uma delas?
- 31) Quando tomar decisão a quem recorre?
- 32) Mãe elogia, incentiva você nas coisas que faz?

RELAÇÃO COM A FAMÍLIA – PARENTALIDADE

33) O que você acha que poderia ser melhor em sua família?

34) Momento difícil da vida:

Entendimento do que é certo e do que errado e de justiça – PARENTALIDADE

35) O que é fazer coisas certas para você?

36) O que é fazer coisas erradas para você?

37) Como seus pais reagem quando sabem que você fez alguma coisa certa?

38) Como seus pais reagem quando sabem que você fez alguma coisa errada?

39) Seus pais explicam a você o que é certo e o que é errado? Como explicam? Você concorda?

40) Vocês se abraçam e se beijam?

41) Mais alguém explica a você o que é certo e o que é errado?

42) Você gosta de conversar com seu pais? O que mais gosta de conversar e o que menos gosta de conversar? Com quem conversa mais?

43) O que é justiça para você?

44) Você já sofreu alguma injustiça? Qual (s)?

45) Considerando seu pai como justo, de 0 a 10 que nota você daria para ele?

46) Considerando sua mãe como justa, de 0 a 10 que nota você dará para ela?

47) Considerando seus irmãos como justos de 0 a 10 que nota você daria para cada um deles?

Comunidade

48) Tem amigos(as) vizinhos? Gosta de conversar, brincar com eles(elas)?

49) Gosta do bairro onde mora?

Futuro e a autoestima

50) O futuro, você pensa em seu futuro?

51) Diga o que você mais gosta em você.

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO APLICADO ÀS MÃES**Família, casa, bairro, migração e redes comunitárias**

- 1) Nome:
- 2) Idade:
- 3) Sexo:
- 4) Bairro onde reside:
- 5) Estado civil:
- 6) De que cor você se considera? Primeiro deixar falar espontaneamente. Depois dizer... se você fosse escolher uma das cores do IBGE ou do censo, como você se classificaria.
 - Branco(a).
 - Negro(a).
 - Pardo(a) /mulato(a).
 - Amarelo(a) (de origem oriental)
 - Indígena.
- 7) Pessoas que moram com você?
- 8) Quem faz parte da sua família? Deixar responder livremente, depois perguntar...
- 9) Seu pai e sua mãe estão vivos? Você conhece(u) sua mãe? E seu pai? Caso positivo, Como se relaciona (relacionava) com eles?
- 10) Quantos irmãos você tem?
- 11) Todos estão vivos? Vocês se visitam? São amigos?
- 12) Seus avós estão vivos? De onde são(eram)? Vocês se visitam?
- 13) Como é a sua casa?
- 14) Quantos cômodos tem?
- 15) Tem outras extensões (ex.: laje? Tem um quintal? Jardim? Pátio? Outra área livre?)
- 16) Outras construções foram anexadas? Há irmãos ou parentes que construíram por cima, ao lado, atrás, na frente, no beco?
- 17) Esta casa é própria?
- 18) Mora neste bairro? Sempre morou nesse bairro? (caso negativo: há quanto tempo?)

19) O que acha de morar neste bairro? Gostaria de continuar morando aqui ou desejaria mudar? Por quê?

20) De onde vocês são? De que bairro, cidade, estado de origem? Você e o marido? e a família? (itinerário é muito importante)

21) Como é a sua relação com os seus vizinhos? (Caso tenha relações com vizinhos, perguntar como é esta convivência. Se visita ou recebe visitas, se pede coisas emprestadas, se ajudam a cuidar das crianças ou dos doentes, se faz atividades conjuntas como festas, jogos, baladas, etc. Com que frequência? Você tem vizinhos que se tornaram seus amigos ou compadres?).

22) Circulação de crianças: Vem crianças aqui para ajudar a cuidar ou brincar com seus filhos?

23) Os seus filhos vão para outras casas? Caso positivo: De quem? Quantas horas? Frequência seminal – mensal, O que fazem juntos? Porque vão?

24) Seus filhos brincam na rua? Você sabe quais são as brincadeiras?

25) Você pede opinião ou conselho de alguém quando vai tomar uma decisão importante? De quem?

26) Você já passou por um momento difícil na sua trajetória de vida? Qual? Caso positivo, como resolveu? Quem ajudou?

27) Você ou sua família participam de algum grupo do bairro ou comunidade? (Esportivo, associação de moradores, político, religioso, etc.) Caso positivo, Qual ou quais? Caso negativo, por quê?

28) Em que atividades da comunidade você participa? Com que frequência? Porque você gosta ou considera importante participar?

29) Estes grupos te ajudam em algo ou ajuda a sua família? Em quê?

30) Você tem alguma religião? Qual?

31) Você frequenta a religião?

Informação e participação nas políticas sociais

32) Você já recebeu ou recebe outro auxílio do governo? 11 Caso afirmativo qual? Usa a bolsa família há.

33) Há quanto tempo recebe estes benefícios?

34) O programa contribui para unir ou fortalecer a sua família e as relações entre vocês? Como?

¹¹ Exemplos de benefícios: Benefício de Prestação Continuada (BPC), Programa de Erradicação do Trabalho infantil (PETI), Benefícios eventuais (natalidade e mortalidade).

Se a entrevistada não responder ou não entender, ou responder somente sobre as melhorias econômicas, esclarecer: Além de ajudar nas suas necessidades, alguma coisa mais mudou, por exemplo, na sua relação com os filhos? Melhorou ou piorou?

Vulnerabilidades

35) Alguém da família teve ou tem uma doença grave¹²? Alguém da família teve ou tem alguma deficiência? Essa situação modificou as relações familiares?

36) Alguém da família sofre ou sofreu de algum distúrbio mental? Como isso afetou a sua vida e a da família?

37) Algum membro da família é ou foi usuário de álcool, crack ou outras drogas? Como vocês lidam com esse problema? Como isso afeta você e a família? Marido ao álcool.

38) A comunidade onde você mora é violenta? Caso positivo, que tipos de violência ocorrem aqui? Como isso interfere na família e no recebimento do benefício, na sua vida e na da sua família?

39) Você (ou algum membro da família) já foi assaltado(a)? Caso positivo, Como foi essa experiência e onde foi? Conhece algum beneficiário(a) do BF que teve o benefício roubado?

40) Algum membro da família sofreu algum outro tipo de agressão ou violência? psicológica (ignorar, ofender, gritar, xingar ou ameaçar) e violência física: empurrar, chutar, estrangular, queimar, dar um murro, tapa ou surra, presença de dores no corpo, hematomas ou fraturas)? Quem foi? Onde isso ocorreu e como foi? Quem agrediu? Quem ajudou?

41) Já ouviu outras histórias de agressão entre casais, familiares ou conhecidos? (Vizinhos, amigos, conhecidos, colegas de trabalho).

42) Você ou alguém da sua família já se sentiu discriminada ou excluída em casa, no bairro ou em outro lugar? Como foi? Qual foi o motivo?

43) O que é riqueza para você? O que é pobreza? Você se considera pobre ou rico? Porque? Algum vizinho seu é pobre? Quem? Porque?

Conjugalidade

44) Como é a comunicação/diálogo no casal, entre vocês? Como ocorre esta comunicação? Ele(ela) te escuta? Sobre o que normalmente vocês conversam?

45) Vocês dividem as tarefas domésticas? Quem cuida da casa? Os filhos ajudam? O que fazem? O marido(esposa) ajuda? Fazendo o quê? O que você pensa sobre isso?

¹² Problemas cardíacos, respiratórios, hipertensão, doenças crônicas, diabetes, câncer.

Parentalidade – RELAÇÃO COM A FAMÍLIA

- 46) Em sua opinião, o que é ser pai– mãe? Para você, quais são os deveres de um pai – mãe? E quais são os direitos do pai-mãe?
- 47) Que características deveria ter uma mãe ou pai ideal?
- 48) Como você se avalia como mãe-pai?
- 49) Depois que se tornou mãe-pai, mudou alguma coisa em você ou não? E na sua família? Em caso positivo, que mudanças?

Para re-casamentos e filhos de diferentes pais, padrastos e madrastas:

- 50) Como você se identifica para os seus filhos? (diz que é única mãe ou pai, que é só mãe biológica, ou só a madrasta, ou adotiva ou a mãe verdadeira)?
- 51) Quem a criança identifica como mãe ou pai?
- 52) As crianças sabem quem é a mãe ou pai biológico, adotivo, padrasto, de criação ou outro tipo?
- 53) Que idade você tinha quando teve o primeiro filho? (se for adotado, madrasta, etc. também responde, se ela(e) se considera a mãe-pai).

Caso tenha engravidado antes dos 18 anos, perguntar:

- 54) Você estudava? Parou de estudar? Se parou, depois voltou ou gostaria de voltar a estudar ou de trabalhar?
- 55) Quais foram as dificuldades que você enfrentou na escola, na família ou no trabalho por ser mãe tão jovem? Você se sentiu discriminada? De exemplos.
- 56) Sua mãe, irmãs ou outras familiares também engravidaram antes dos 18 anos? Caso positivo, você acha que isso é um costume na sua família? Por quê?
- 57) Onde você morava quando engravidou pela primeira vez? Você foi morar sozinha, com o pai da criança ou na casa de um parente?
- 58) Quem ficou com você e ajudou quando seu primeiro filho nasceu? E no segundo filho (se for o caso)?
- 59) A gravidez foi planejada? Como reagiram quando souberam da gravidez?
- 60) E a família mais ampla, o que achou?
- 61) Depois que se tornou mãe/pai, alguma coisa em você mudou ou não. O que, que mudanças.

62) Gostaria de saber se você acha que mudou algo da época que sua avó seu/avô criou os filhos com a da atualidade? Para você como é ser mãe/pai na atualidade? Por quê?

Envolvimento materno e paterno com os filhos

63) Como você se relaciona com o seu filho? Por exemplo, em casa você conversa, ou quando você ou ele está na rua você liga, ou manda mensagens, pergunta com quem está ou o que está fazendo.? Caso positivo, que tipo de conversa tem, que assuntos?

64) Você demonstra que sente amor, afeto ou orgulho pelos seus filhos? Como? Por exemplo: Faz elogios, abraça, olha no olho, faz cócegas, beija, ri junto, tem amizade, paciência.

65) Filho? Você sente que seus pais demonstram amor, afeto ou orgulho por você?

66) E você, sente e demonstra amor, afeto, ou orgulho dos seus pais?

67) Você pensa no futuro do seu filho, ou reza por ele, tem esperanças em relação a ele? Já conversou ou planejou o futuro com o seu filho? Sabe o que ele quer ser quando crescer? Você o incentiva?

68) Você se preocupa com suas amizades, conhece seus medos, pergunta ou sabe o que está fazendo e lugares que frequenta? Por exemplo, pensa no que será que ele está pensando ou que estará fazendo ou se tem algum problema?

69) Que programas de TV, rádio e internet seu filho assiste? Quantas horas por dia?

70) Você orienta, aconselha, repreende, dá exemplo, ensina seus filhos a resolver problemas, a se disciplinar, aponta seus progressos?

71) Se eu te pedisse para listar as pessoas que você mais confia para ficar com seu filho, quem você listaria?

72) Em média quantas horas por dia você passa em casa?

73) Em média quantas horas por dia passa fora de casa?

74) O que você mais faz quando está em casa?

75) O que você mais gosta de fazer quando está em casa?

76) Você acompanha as tarefas escolares do seu filho?

77) O que normalmente fazem no período das férias escolares?

78) Desenvolve alguma atividade com seu filho nas horas vagas

- 79) Quem passa mais tempo com seu filho? Por quê?
- 80) Quem toma conta do(s) seu(s) filho(s) quando você vai trabalhar (se for o caso)?
- 81) Você tira fotos do seu filho? Tem álbuns, anota os fatos importantes da sua vida?
- 82) Você costuma comemorar aniversário do(s) filho(s)? Por quê? Até que idade?
- 83) Você dá comida, dá banho, pega coisas ou cuida do seu filho quando está doente, o coloca para dormir?
- 84) Você ajuda o seu filho, por exemplo, concerta suas coisas quando quebram, já entrou em uma briga, já o defendeu de algum perigo?
- 85) Você costuma comer junto com seus filhos? Em que horários ou refeições? Em casa? Onde? Você gosta disso? Como é a hora da comida?
- 86) Você brinca ou sai para passear com as crianças? Quem mais sai ou brinca com eles? Por exemplo, jogar bola, cantar, dançar, tocar instrumentos, brincar, ir a parques, praia, atividades físicas, fazer castelos, comer juntos, celebrar feriados juntos, acompanhar em eventos da escola, etc.
- 87) Você costuma dar algum tipo de repreensão ou castigo ao filho(a)? Quando isso acontece? Por quê?
- 88) Qual foi o melhor momento que você já teve com seus filhos, o que te marcou muito, que vocês tem boas recordações? Quem estava junto?
- 89) E qual foi o pior momento, o mais difícil? Você já superou? Como você superou?
- 90) Você se preocupa ou já teve que fazer algo para monitorar a segurança dos seus filhos, para que ele(s) não corra(m) riscos? Por exemplo, pede a algum amigo ou vizinho que te avise algum problema, conversa com o filho sobre essas questões de segurança, dá conselhos, liga para a professora ou alguém para saber se chegou na escola, etc.?
- 91) Quem marca o médico das crianças, leva no médico e compra remédios, quem cuida quando está doente?
- 92) Seus filhos já sofreram algum tipo de violência? Como foi? Quem o agrediu?
- 93) Como a escola influi na sua relação com seus filhos?

Valor da educação. Tempo e tarefas escolares

- 94) Qual o seu grau de escolarização? (Teve acesso a escola? Estudou até que ano?)

- 95) Teve incentivo da sua família para os estudos?
- 96) Se não estudou ou precisou interromper os estudos, quais foram os motivos?
- 97) Tem algum arrependimento em não ter prosseguido?
- 98) Retomou os estudos em algum outro momento?
- 99) Está estudando atualmente ou procurou algum curso, escola, curso profissionalizante?
- 100) Todos os seus filhos em idade escolar estão estudando? Em que horário?

Caso tenha algum filho que não estuda, perguntar

- 101) Tem algum filho fora da escola? Porque ele não estuda?
- 102) Por que você não coloca ele em uma escola (...)?
- 103) E você procurou a procurar alguma instituição que pudesse ajuda-lo a estudar? Porque? O que disseram? Quais foram os problemas que o levaram a abandonar ou não querer estudara?
- 104) Você gostaria que ele estudasse? O que seria necessário para isso?
- 105) Algum filho repetiu o ano? Algum interrompeu ou entrou mais tarde na escola? Quantos anos ele tem de atraso? Participam de algum tipo de acompanhamento pedagógico?
- 106) A escola é perto de casa? Quem leva? Tem muitos vizinhos que estudam na mesma escola?
- 107) Eles demonstram prazer em frequentar a escola e em realizar as atividades por ela promovidas?
- 108) E você, o que acha da escola? Conversa com eles sobre isso?
- 109) Você ajuda na instrução do seu filho, por exemplo, lê junto, ajuda a planejar atividades de estudo, viagens, economiza para o futuro dos seus filhos?
- 110) Você incentiva os seus filhos em prosseguir os estudos? Acha que os estudos são importantes para o desenvolvimento dos seus filhos? Por quê?
- 111) Você ou outra pessoa participa das reuniões escolares dos filhos (ou quem costuma ir às reuniões da Escola?) Participa de algum evento da Escola? Qual? Se não participa, por quê?
- 112) Quem vai na escola quando há uma queixa ou algum evento importante das crianças?

113) Você acompanha os seus filhos nas atividades escolares realizadas em casa e na escola?

114) Outros membros da família auxiliam na rotina escolar das crianças?

115) Frequenta a escola sempre que convocada e participa regularmente das reuniões ou encontros por ela promovidos?

116) Estabelece comunicação frequente e direta com os professores dos seus filhos?

117) A escola dos seus filhos promove atividades junto à comunidade? Quais?

118) Acha que deve existir uma parceria entre a família e escola para o desenvolvimento dos alunos? Se existisse essa parceria considera que seria positivo para a comunidade? Por quê?

119) As exigências do benefício referentes ao acompanhamento educacional das crianças mudou a atitude da família diante dos estudos ou mudou o que você espera do futuro dos seus filhos?

120) Você ou algum membro da família não conta com registro de nascimento ou de casamento, ou identidade e documentos importantes?

121) Caso positivo: Já tentou conseguir? Teve algum problema? Como resolveu?

Sobre o dinheiro

122) Qual a faixa de renda da família (os dois membros do casal juntos somam – caso os dois trabalhem...):

123) Quem trabalha com carteira assinada?

Gerais /TEMAS CULTURAIS E AFETO FAMILIAR

124) Qual a pessoa na sua família que você tem mais contato?

125) Qual a pessoa na família que você mais admira?

126) Qual a pessoa na família que você menos admira?

127) Cite um ídolo de sua preferência.

128) Qual o seu nível de escolaridade?

129) Qual o nível de escolaridade do outro responsável pelo aluno?

130) Você trabalha ou já trabalhou? (Marque apenas uma resposta):

131) Caso trabalhe, quantas horas semanais?

132) Em que você trabalha atualmente?

133) Indique o grau de importância de cada um dos motivos abaixo na sua decisão de trabalhar:

134) Diga o que você mais gosta em você?

IPSF

| Nº | AFIRMAÇÕES | QUASE NUNCA OU NUNCA | ÀS VEZES | QUASE SEMPRE OU SEMPRE |
|----|--|----------------------|----------|------------------------|
| 01 | Acredito que minha família tenha mais problemas emocionais do que as outras famílias. | | | |
| 02 | As pessoas na minha família seguem as regras estabelecidas entre eles. | | | |
| 03 | Há regras sobre diversas situações na minha família. | | | |
| 04 | Meus familiares me elogiam. | | | |
| 05 | Cada um em minha família tem deveres e responsabilidades específicas. | | | |
| 06 | Meus familiares só mostram interesse uns pelos outros quando podem ter vantagens. | | | |
| 07 | Eu sinto raiva da minha família. | | | |
| 08 | Em minha família brigamos e gritamos uns com os outros. | | | |
| 09 | Os membros da minha família expressam claramente pensamentos e emoções uns com os outros. | | | |
| 10 | Minha família permite que eu me vista do jeito que eu quero. | | | |
| 11 | Minha família discute seus medos e preocupações. | | | |
| 12 | Minha família me faz sentir que posso cuidar de mim, mesmo quando estou sozinho(a). | | | |
| 13 | Eu me sinto como um estranho na minha família. | | | |
| 14 | Meus familiares me deixam sair o tanto quanto quero. | | | |
| 15 | As pessoas da minha família gostam de passar o tempo juntas. | | | |
| 16 | Meus familiares geralmente culpam alguém da família quando as coisas não estão indo bem. | | | |
| 17 | Minha família discute junto antes de tomar uma decisão importante. | | | |
| 18 | Em minha família existe privacidade. | | | |
| 19 | Minha família permite que eu seja do jeito que eu quero ser. | | | |
| 20 | Há ódio em minha família. | | | |
| 21 | Eu sinto que minha família não me compreende. | | | |
| 22 | Na solução de problemas, a opinião de todos na família é levada em consideração. | | | |
| 23 | As pessoas da minha família sabem quando alguma coisa ruim aconteceu comigo, mesmo eu não falando. | | | |
| 24 | Os membros da minha família se tocam e se abraçam. | | | |
| 25 | Minha família me proporciona muito conforto emocional. | | | |
| 26 | Minha família me faz sentir melhor quando eu estou aborrecido(a). | | | |
| 27 | Viver com minha família é desagradável. | | | |
| 28 | Em minha família opinamos o que é certo/errado buscando o bem-estar de cada um. | | | |
| 29 | Em minha família as tarefas são distribuídas adequadamente. | | | |
| 30 | Em minha família há uma coerência entre as palavras e os comportamentos. | | | |
| 31 | Minha família sabe o que fazer quando surge uma emergência. | | | |
| 32 | Em minha família há competitividade entre os membros. | | | |
| 33 | Eu sinto vergonha da minha família. | | | |
| 34 | Em minha família é permitido que eu faça as coisas que gosto de fazer. | | | |
| 35 | Em minha família demonstramos carinho por meio das palavras. | | | |
| 36 | Minha família me irrita. | | | |
| 37 | Os membros da minha família expressam interesse e carinho uns com os outros. | | | |
| 38 | Minha família me dá tanta liberdade quanto quero. | | | |
| 39 | Eu me sinto excluído da família. | | | |
| 40 | Meus familiares me permitem decidir coisas sobre mim. | | | |
| 41 | Meus familiares servem como bons modelos em minha vida. | | | |
| 42 | As pessoas da minha família se sentem próximas umas das outras. | | | |

A1 Afetivo-Consistente

| No | AFIRMAÇÕES | QUASE NUNCA | ÀS VEZES | QUASE SEMPRE OU SEMPRE |
|----|---|-------------|----------|------------------------|
| 02 | As pessoas na minha família seguem as regras estabelecidas entre elas | | | X |
| 03 | Há regras sobre diversas situações na minha família | | | X |
| 04 | Meus familiares me elogiam | | | X |
| 05 | Cada um em minha família tem deveres e responsabilidades específicas | | | X |
| 09 | Os membros da minha família expressam claramente pensamentos e emoções uns com os outros | | | X |
| 11 | Minha família discute seus medos e preocupações | | X | |
| 15 | As pessoas da minha família gostam de passar o tempo juntas | | | X |
| 17 | Minha família discute junto antes de tomar uma decisão importante | | | X |
| 22 | Na solução de problemas, a opinião de todos na família é levada em consideração. | | | X |
| 23 | As pessoas da minha família sabem quando alguma coisa ruim aconteceu comigo, mesmo eu não falando | | | X |
| 24 | Os membros da minha família se tocam e se abraçam | | | X |
| 25 | Minha família me proporciona muito conforto emocional | | | X |
| 26 | Minha família me faz sentir melhor quando eu estou aborrecido | | | X |
| 28 | Em minha família opinamos o que é certo/errado buscando o bem-estar de cada um | | | X |
| 29 | Em minha família as tarefas são distribuídas adequadamente | | | X |
| 30 | Em minha família há uma coerência entre as palavras e os comportamentos | | | X |
| 31 | Minha família sabe o que fazer quando surge uma emergência | | | X |
| 35 | Em minha família demonstramos carinho por meio de palavras | | | X |
| 37 | Os membros de minha família expressam interesse e carinho uns com os outros | | | X |
| 41 | Meus familiares servem como bons modelos em minha vida | | | X |
| 42 | As pessoas da minha família se sentem próximas umas das outras | | | X |

Pontuação: 41 (Alto).

A1 – Adaptação

| No | AFIRMAÇÕES | QUASE NUNCA | ÀS VEZES | QUASE SEMPRE OU SEMPRE |
|----|---|-------------|----------|------------------------|
| 01 | Acredito que minha família tenha mais problemas emocionais do que as outras famílias | X | | |
| 06 | Meus familiares só mostram interesse uns pelos outros quando podem ter vantagem | X | | |
| 07 | Eu sinto rixa da minha família | X | | |
| 08 | Em minha família brigamos e gritamos uns com os outros | X | | |
| 13 | Eu me sinto como um estranho na minha família | X | | |
| 16 | Meus familiares geralmente culpam alguém da família quando as coisas não estão indo bem | X | | |
| 20 | Há ódio em minha família | X | | |
| 21 | Eu sinto que minha família não me compreende | X | | |
| 27 | Viver em minha família é desagradável | X | | |
| 32 | Em minha família há competitividade entre os membros | X | | |
| 33 | Eu sinto vergonha da minha família | X | | |
| 36 | Minha família me irrita | X | | |
| 39 | Eu me sinto excluído da família | X | | |

Pontuação: 25 (Alto).

A1 – Autonomia

| No | AFIRMAÇÕES | QUASE NUNCA | ÀS VEZES | QUASE SEMPRE OU SEMPRE |
|----|--|-------------|----------|------------------------|
| 10 | Minha família permite que eu me vista do jeito que eu quero | | X | |
| 12 | Minha família me faz sentir que posso cuidar de mim, mesmo quando estou sozinho(a) | | | X |
| 14 | Meus familiares me deixam sair o tanto quanto quero | | | X |
| 18 | Em minha família existe privacidade | | | X |
| 19 | Minha família permite que eu seja do jeito que eu quero ser | | | X |
| 34 | Em minha família é permitido que eu faça as coisas que eu gosto de fazer | | | X |
| 38 | Minha família me dá tanta liberdade quanto quero | | | X |
| 40 | Meus familiares me permitem decidir coisas sobre mim | | X | |

Pontuação: 14 (Médio-Alto).

A2 Afetivo-Consistente

| No | AFIRMAÇÕES | QUASE NUNCA | ÀS VEZES | QUASE SEMPRE OU SEMPRE |
|----|---|-------------|----------|------------------------|
| 02 | As pessoas na minha família seguem as regras estabelecidas entre elas | | | X |
| 03 | Há regras sobre diversas situações na minha família | | | X |
| 04 | Meus familiares me elogiam | | | X |
| 05 | Cada um em minha família tem deveres e responsabilidades específicas | | X | |
| 09 | Os membros da minha família expressam claramente pensamentos e emoções uns com os outros | | | X |
| 11 | Minha família discute seus medos e preocupações | | | X |
| 15 | As pessoas da minha família gostam de passar o tempo juntas | | | X |
| 17 | Minha família discute junto antes de tomar uma decisão importante | | | X |
| 22 | Na solução de problemas, a opinião de todos na família é levada em consideração. | | | X |
| 23 | As pessoas da minha família sabem quando alguma coisa ruim aconteceu comigo, mesmo eu não falando | | | X |
| 24 | Os membros da minha família se tocam e se abraçam | | | X |
| 25 | Minha família me proporciona muito conforto emocional | | | X |
| 26 | Minha família me faz sentir melhor quando eu estou aborrecido | | | X |
| 28 | Em minha família opinamos o que é certo/errado buscando o bem-estar de cada um | | | X |
| 29 | Em minha família as tarefas são distribuídas adequadamente | | | X |
| 30 | Em minha família há uma coerência entre as palavras e os comportamentos | | | X |
| 31 | Minha família sabe o que fazer quando surge uma emergência | | | X |
| 35 | Em minha família demonstramos carinho por meio de palavras | | | X |
| 37 | Os membros de minha família expressam interesse e carinho uns com os outros | | | X |
| 41 | Meus familiares servem como bons modelos em minha vida | | | X |
| 42 | As pessoas da minha família se sentem próximas umas das outras | | | X |

Pontuação: 41 (Alto).

A2 – Adaptação

| No | AFIRMAÇÕES | QUASE NUNCA | ÀS VEZES | QUASE SEMPRE OU SEMPRE |
|----|---|-------------|----------|------------------------|
| 01 | Acredito que minha família tenha mais problemas emocionais do que as outras famílias | | X | |
| 06 | Meus familiares só mostram interesse uns pelos outros quando podem ter vantagem | X | | |
| 07 | Eu sinto rixa da minha família | X | | |
| 08 | Em minha família brigamos e gritamos uns com os outros | | X | |
| 13 | Eu me sinto como um estranho na minha família | X | | |
| 16 | Meus familiares geralmente culpam alguém da família quando as coisas não estão indo bem | X | | |
| 20 | Há ódio em minha família | X | | |
| 21 | Eu sinto que minha família não me compreende | | X | |
| 27 | Viver em minha família é desagradável | X | | |
| 32 | Em minha família há competitividade entre os membros | X | | |
| 33 | Eu sinto vergonha da minha família | X | | |
| 36 | Minha família me irrita | X | | |
| 39 | Eu me sinto excluído da família | X | | |

Pontuação: 23 (Médio-Alto).

A2 – Autonomia

| No | AFIRMAÇÕES | QUASE NUNCA | ÀS VEZES | QUASE SEMPRE OU SEMPRE |
|----|--|-------------|----------|------------------------|
| 10 | Minha família permite que eu me vista do jeito que eu quero | | | X |
| 12 | Minha família me faz sentir que posso cuidar de mim, mesmo quando estou sozinho(a) | | | X |
| 14 | Meus familiares me deixam sair o tanto quanto quero | | | X |
| 18 | Em minha família existe privacidade | | | X |
| 19 | Minha família permite que eu seja do jeito que eu quero ser | | | X |
| 34 | Em minha família é permitido que eu faça as coisas que eu gosto de fazer | | | X |
| 38 | Minha família me dá tanta liberdade quanto quero | | X | |
| 40 | Meus familiares me permitem decidir coisas sobre mim | | | X |

Pontuação: 15 (Alto).

A3 – Afetivo-Consistente

| No | AFIRMAÇÕES | QUASE NUNCA | ÀS VEZES | QUASE SEMPRE OU SEMPRE |
|----|---|-------------|----------|------------------------|
| 02 | As pessoas na minha família seguem as regras estabelecidas entre elas | | | X |
| 03 | Há regras sobre diversas situações na minha família | | | X |
| 04 | Meus familiares me elogiam | | | X |
| 05 | Cada um em minha família tem deveres e responsabilidades específicas | | | X |
| 09 | Os membros da minha família expressam claramente pensamentos e emoções uns com os outros | | | X |
| 11 | Minha família discute seus medos e preocupações | | | X |
| 15 | As pessoas da minha família gostam de passar o tempo juntas | | | X |
| 17 | Minha família discute junto antes de tomar uma decisão importante | | | X |
| 22 | Na solução de problemas, a opinião de todos na família é levada em consideração. | | | X |
| 23 | As pessoas da minha família sabem quando alguma coisa ruim aconteceu comigo, mesmo eu não falando | | | X |
| 24 | Os membros da minha família se tocam e se abraçam | | | X |
| 25 | Minha família me proporciona muito conforto emocional | | | X |
| 26 | Minha família me faz sentir melhor quando eu estou aborrecido | | | X |
| 28 | Em minha família opinamos o que é certo/errado buscando o bem-estar de cada um | | | X |
| 29 | Em minha família as tarefas são distribuídas adequadamente | | | X |
| 30 | Em minha família há uma coerência entre as palavras e os comportamentos | | | X |
| 31 | Minha família sabe o que fazer quando surge uma emergência | | | X |
| 35 | Em minha família demonstramos carinho por meio de palavras | | | X |
| 37 | Os membros de minha família expressam interesse e carinho uns com os outros | | | X |
| 41 | Meus familiares servem como bons modelos em minha vida | | | X |
| 42 | As pessoas da minha família se sentem próximas umas das outras | | | X |

Pontuação: 42 (Alto).

A3 – Adaptação

| No | AFIRMAÇÕES | QUASE NUNCA | ÀS VEZES | QUASE SEMPRE OU SEMPRE |
|----|---|-------------|----------|------------------------|
| 01 | Acredito que minha família tenha mais problemas emocionais do que as outras famílias | X | | |
| 06 | Meus familiares só mostram interesse uns pelos outros quando podem ter vantagem | X | | |
| 07 | Eu sinto rixa da minha família | X | | |
| 08 | Em minha família brigamos e gritamos uns com os outros | X | | |
| 13 | Eu me sinto como um estranho na minha família | X | | |
| 16 | Meus familiares geralmente culpam alguém da família quando as coisas não estão indo bem | X | | |
| 20 | Há ódio em minha família | X | | |
| 21 | Eu sinto que minha família não me compreende | X | | |
| 27 | Viver em minha família é desagradável | X | | |
| 32 | Em minha família há competitividade entre os membros | X | | |
| 33 | Eu sinto vergonha da minha família | X | | |
| 36 | Minha família me irrita | X | | |
| 39 | Eu me sinto excluído da família | X | | |

Pontuação: 26 (Alto).

A3 – Autonomia

| No | AFIRMAÇÕES | QUASE NUNCA | ÀS VEZES | QUASE SEMPRE OU SEMPRE |
|----|--|-------------|----------|------------------------|
| 10 | Minha família permite que eu me vista do jeito que eu quero | X | | |
| 12 | Minha família me faz sentir que posso cuidar de mim, mesmo quando estou sozinho(a) | | | X |
| 14 | Meus familiares me deixam sair o tanto quanto quero | X | | |
| 18 | Em minha família existe privacidade | | | X |
| 19 | Minha família permite que eu seja do jeito que eu quero ser | X | | |
| 34 | Em minha família é permitido que eu faça as coisas que eu gosto de fazer | | | X |
| 38 | Minha família me dá tanta liberdade quanto quero | X | | |
| 40 | Meus familiares me permitem decidir coisas sobre mim | | X | |

Pontuação: 6 (Baixo).

A4 – Afetivo-Consistente

| No | AFIRMAÇÕES | QUASE NUNCA | ÀS VEZES | QUASE SEMPRE OU SEMPRE |
|----|---|-------------|----------|------------------------|
| 02 | As pessoas na minha família seguem as regras estabelecidas entre elas | X | | |
| 03 | Há regras sobre diversas situações na minha família | | | X |
| 04 | Meus familiares me elogiam | | | X |
| 05 | Cada um em minha família tem deveres e responsabilidades específicas | | | X |
| 09 | Os membros da minha família expressam claramente pensamentos e emoções uns com os outros | | | X |
| 11 | Minha família discute seus medos e preocupações | | | X |
| 15 | As pessoas da minha família gostam de passar o tempo juntas | | | X |
| 17 | Minha família discute junto antes de tomar uma decisão importante | | | X |
| 22 | Na solução de problemas, a opinião de todos na família é levada em consideração. | | | X |
| 23 | As pessoas da minha família sabem quando alguma coisa ruim aconteceu comigo, mesmo eu não falando | | | X |
| 24 | Os membros da minha família se tocam e se abraçam | | X | |
| 25 | Minha família me proporciona muito conforto emocional | | | X |
| 26 | Minha família me faz sentir melhor quando eu estou aborrecido | | | X |
| 28 | Em minha família opinamos o que é certo/errado buscando o bem-estar de cada um | | | X |
| 29 | Em minha família as tarefas são distribuídas adequadamente | | X | |
| 30 | Em minha família há uma coerência entre as palavras e os comportamentos | | | X |
| 31 | Minha família sabe o que fazer quando surge uma emergência | | | X |
| 35 | Em minha família demonstramos carinho por meio de palavras | | | X |
| 37 | Os membros de minha família expressam interesse e carinho uns com os outros | | | X |
| 41 | Meus familiares servem como bons modelos em minha vida | | | X |
| 42 | As pessoas da minha família se sentem próximas umas das outras | | | X |

Pontuação: 38 (Alto).

A4 – Adaptação

| No | AFIRMAÇÕES | QUASE NUNCA | ÀS VEZES | QUASE SEMPRE OU SEMPRE |
|----|---|-------------|----------|------------------------|
| 01 | Acredito que minha família tenha mais problemas emocionais do que as outras famílias | | X | |
| 06 | Meus familiares só mostram interesse uns pelos outros quando podem ter vantagem | X | | |
| 07 | Eu sinto raiva da minha família | X | | |
| 08 | Em minha família brigamos e gritamos uns com os outros | | X | |
| 13 | Eu me sinto como um estranho na minha família | | X | |
| 16 | Meus familiares geralmente culpam alguém da família quando as coisas não estão indo bem | | | X |
| 20 | Há ódio em minha família | X | | |
| 21 | Eu sinto que minha família não me compreende | | X | |
| 27 | Viver em minha família é desagradável | X | | |
| 32 | Em minha família há competitividade entre os membros | X | | |
| 33 | Eu sinto vergonha da minha família | X | | |
| 36 | Minha família me irrita | X | | |
| 39 | Eu me sinto excluído da família | | X | |

Pontuação: 19 (Médio-Baixo).

A4 – Autonomia

| No | AFIRMAÇÕES | QUASE NUNCA | ÀS VEZES | QUASE SEMPRE OU SEMPRE |
|----|--|-------------|----------|------------------------|
| 10 | Minha família permite que eu me vista do jeito que eu quero | X | | |
| 12 | Minha família me faz sentir que posso cuidar de mim, mesmo quando estou sozinho(a) | | | X |
| 14 | Meus familiares me deixam sair o tanto quanto quero | X | | |
| 18 | Em minha família existe privacidade | X | | |
| 19 | Minha família permite que eu seja do jeito que eu quero ser | | | X |
| 34 | Em minha família é permitido que eu faça as coisas que eu gosto de fazer | | | X |
| 38 | Minha família me dá tanta liberdade quanto quero | X | | |
| 40 | Meus familiares me permitem decidir coisas sobre mim | | | X |

Pontuação: 8 (Baixo).

A5 – Afetivo-Consistente

| No | AFIRMAÇÕES | QUASE NUNCA | ÀS VEZES | QUASE SEMPRE OU SEMPRE |
|----|---|-------------|----------|------------------------|
| 02 | As pessoas na minha família seguem as regras estabelecidas entre elas | | | X |
| 03 | Há regras sobre diversas situações na minha família | | | X |
| 04 | Meus familiares me elogiam | | X | |
| 05 | Cada um em minha família tem deveres e responsabilidades específicas | X | | |
| 09 | Os membros da minha família expressam claramente pensamentos e emoções uns com os outros | | | X |
| 11 | Minha família discute seus medos e preocupações | | | X |
| 15 | As pessoas da minha família gostam de passar o tempo juntas | | | X |
| 17 | Minha família discute junto antes de tomar uma decisão importante | | X | |
| 22 | Na solução de problemas, a opinião de todos na família é levada em consideração. | | | X |
| 23 | As pessoas da minha família sabem quando alguma coisa ruim aconteceu comigo, mesmo eu não falando | | X | |
| 24 | Os membros da minha família se tocam e se abraçam | | | X |
| 25 | Minha família me proporciona muito conforto emocional | | | X |
| 26 | Minha família me faz sentir melhor quando eu estou aborrecido | | X | |
| 28 | Em minha família opinamos o que é certo/errado buscando o bem-estar de cada um | | | X |
| 29 | Em minha família as tarefas são distribuídas adequadamente | | | X |
| 30 | Em minha família há uma coerência entre as palavras e os comportamentos | | X | |
| 31 | Minha família sabe o que fazer quando surge uma emergência | | X | |
| 35 | Em minha família demonstramos carinho por meio de palavras | | | X |
| 37 | Os membros de minha família expressam interesse e carinho uns com os outros | | X | |
| 41 | Meus familiares servem como bons modelos em minha vida | | | X |
| 42 | As pessoas da minha família se sentem próximas umas das outras | | | X |

Pontuação: 33 (Médio-Alto).

A5 – Adaptação

| No | AFIRMAÇÕES | QUASE NUNCA | ÀS VEZES | QUASE SEMPRE OU SEMPRE |
|----|---|-------------|----------|------------------------|
| 01 | Acredito que minha família tenha mais problemas emocionais do que as outras famílias | | X | |
| 06 | Meus familiares só mostram interesse uns pelos outros quando podem ter vantagem | | X | |
| 07 | Eu sinto rir da minha família | | X | |
| 08 | Em minha família brigamos e gritamos uns com os outros | X | | |
| 13 | Eu me sinto como um estranho na minha família | X | | |
| 16 | Meus familiares geralmente culpam alguém da família quando as coisas não estão indo bem | X | | |
| 20 | Há ódio em minha família | | X | |
| 21 | Eu sinto que minha família não me compreende | X | | |
| 27 | Viver em minha família é desagradável | | X | |
| 32 | Em minha família há competitividade entre os membros | X | | |
| 33 | Eu sinto vergonha da minha família | X | | |
| 36 | Minha família me irrita | X | | |
| 39 | Eu me sinto excluído da família | X | | |

Pontuação: 21 (Médio-Baixo).

A5 – Autonomia

| No | AFIRMAÇÕES | QUASE NUNCA | ÀS VEZES | QUASE SEMPRE OU SEMPRE |
|----|--|-------------|----------|------------------------|
| 10 | Minha família permite que eu me vista do jeito que eu quero | | X | |
| 12 | Minha família me faz sentir que posso cuidar de mim, mesmo quando estou sozinho(a) | X | | |
| 14 | Meus familiares me deixam sair o tanto quanto quero | | X | |
| 18 | Em minha família existe privacidade | | | X |
| 19 | Minha família permite que eu seja do jeito que eu quero ser | X | | |
| 34 | Em minha família é permitido que eu faça as coisas que eu gosto de fazer | | X | |
| 38 | Minha família me dá tanta liberdade quanto quero | X | | |
| 40 | Meus familiares me permitem decidir coisas sobre mim | | X | |

Pontuação: 6 (Baixo).

A6 – Afetivo-Consistente

| No | AFIRMAÇÕES | QUASE NUNCA | ÀS VEZES | QUASE SEMPRE OU SEMPRE |
|----|---|-------------|----------|------------------------|
| 02 | As pessoas na minha família seguem as regras estabelecidas entre elas | | | X |
| 03 | Há regras sobre diversas situações na minha família | X | | |
| 04 | Meus familiares me elogiam | X | | |
| 05 | Cada um em minha família tem deveres e responsabilidades específicas | | | X |
| 09 | Os membros da minha família expressam claramente pensamentos e emoções uns com os outros | | | X |
| 11 | Minha família discute seus medos e preocupações | X | | |
| 15 | As pessoas da minha família gostam de passar o tempo juntas | | | X |
| 17 | Minha família discute junto antes de tomar uma decisão importante | | | X |
| 22 | Na solução de problemas, a opinião de todos na família é levada em consideração. | | X | |
| 23 | As pessoas da minha família sabem quando alguma coisa ruim aconteceu comigo, mesmo eu não falando | | | X |
| 24 | Os membros da minha família se tocam e se abraçam | X | | |
| 25 | Minha família me proporciona muito conforto emocional | | X | |
| 26 | Minha família me faz sentir melhor quando eu estou aborrecido | | | X |
| 28 | Em minha família opinamos o que é certo/errado buscando o bem-estar de cada um | | | X |
| 29 | Em minha família as tarefas são distribuídas adequadamente | | | X |
| 30 | Em minha família há uma coerência entre as palavras e os comportamentos | | X | |
| 31 | Minha família sabe o que fazer quando surge uma emergência | | | X |
| 35 | Em minha família demonstramos carinho por meio de palavras | | | X |
| 37 | Os membros de minha família expressam interesse e carinho uns com os outros | | X | |
| 41 | Meus familiares servem como bons modelos em minha vida | | | X |
| 42 | As pessoas da minha família se sentem próximas umas das outras | | X | |

Pontuação: 29 (Médio-Alto).

A6 – Adaptação

| No | AFIRMAÇÕES | QUASE NUNCA | ÀS VEZES | QUASE SEMPRE OU SEMPRE |
|----|---|-------------|----------|------------------------|
| 01 | Acredito que minha família tenha mais problemas emocionais do que as outras famílias | X | | |
| 06 | Meus familiares só mostram interesse uns pelos outros quando podem ter vantagem | | X | |
| 07 | Eu sinto rixa da minha família | X | | |
| 08 | Em minha família brigamos e gritamos uns com os outros | X | | |
| 13 | Eu me sinto como um estranho na minha família | X | | |
| 16 | Meus familiares geralmente culpam alguém da família quando as coisas não estão indo bem | | X | |
| 20 | Há ódio em minha família | X | | |
| 21 | Eu sinto que minha família não me compreende | | X | |
| 27 | Viver em minha família é desagradável | X | | |
| 32 | Em minha família há competitividade entre os membros | X | | |
| 33 | Eu sinto vergonha da minha família | X | | |
| 36 | Minha família me irrita | X | | |
| 39 | Eu me sinto excluído da família | X | | |

Pontuação: 23 (Médio-Alto).

A6 – Autonomia

| No | AFIRMAÇÕES | QUASE NUNCA | ÀS VEZES | QUASE SEMPRE OU SEMPRE |
|----|--|-------------|----------|------------------------|
| 10 | Minha família permite que eu me vista do jeito que eu quero | | | X |
| 12 | Minha família me faz sentir que posso cuidar de mim, mesmo quando estou sozinho(a) | | X | |
| 14 | Meus familiares me deixam sair o tanto quanto quero | X | | |
| 18 | Em minha família existe privacidade | | | X |
| 19 | Minha família permite que eu seja do jeito que eu quero ser | | | X |
| 34 | Em minha família é permitido que eu faça as coisas que eu gosto de fazer | | | X |
| 38 | Minha família me dá tanta liberdade quanto quero | | X | |
| 40 | Meus familiares me permitem decidir coisas sobre mim | | X | |

Pontuação: 11 (Médio-Baixo).

A7 – Afetivo-Consistente

| No | AFIRMAÇÕES | QUASE NUNCA | ÀS VEZES | QUASE SEMPRE OU SEMPRE |
|----|---|-------------|----------|------------------------|
| 02 | As pessoas na minha família seguem as regras estabelecidas entre elas | X | | |
| 03 | Há regras sobre diversas situações na minha família | X | | |
| 04 | Meus familiares me elogiam | X | | |
| 05 | Cada um em minha família tem deveres e responsabilidades específicas | | | X |
| 09 | Os membros da minha família expressam claramente pensamentos e emoções uns com os outros | | X | |
| 11 | Minha família discute seus medos e preocupações | | | X |
| 15 | As pessoas da minha família gostam de passar o tempo juntas | | | X |
| 17 | Minha família discute junto antes de tomar uma decisão importante | | X | |
| 22 | Na solução de problemas, a opinião de todos na família é levada em consideração. | | X | |
| 23 | As pessoas da minha família sabem quando alguma coisa ruim aconteceu comigo, mesmo eu não falando | X | | |
| 24 | Os membros da minha família se tocam e se abraçam | | X | |
| 25 | Minha família me proporciona muito conforto emocional | X | | |
| 26 | Minha família me faz sentir melhor quando eu estou aborrecido | X | | |
| 28 | Em minha família opinamos o que é certo/errado buscando o bem-estar de cada um | | | X |
| 29 | Em minha família as tarefas são distribuídas adequadamente | X | | |
| 30 | Em minha família há uma coerência entre as palavras e os comportamentos | | | X |
| 31 | Minha família sabe o que fazer quando surge uma emergência | | | X |
| 35 | Em minha família demonstramos carinho por meio de palavras | | X | |
| 37 | Os membros de minha família expressam interesse e carinho uns com os outros | | | X |
| 41 | Meus familiares servem como bons modelos em minha vida | | X | |
| 42 | As pessoas da minha família se sentem próximas umas das outras | | X | |

Pontuação: 21 (Baixo).

A7 – Adaptação

| No | AFIRMAÇÕES | QUASE NUNCA | ÀS VEZES | QUASE SEMPRE OU SEMPRE |
|----|---|-------------|----------|------------------------|
| 01 | Acredito que minha família tenha mais problemas emocionais do que as outras famílias | | | X |
| 06 | Meus familiares só mostram interesse uns pelos outros quando podem ter vantagem | | X | |
| 07 | Eu sinto rixa da minha família | X | | |
| 08 | Em minha família brigamos e gritamos uns com os outros | | X | |
| 13 | Eu me sinto como um estranho na minha família | | X | |
| 16 | Meus familiares geralmente culpam alguém da família quando as coisas não estão indo bem | X | | |
| 20 | Há ódio em minha família | X | | |
| 21 | Eu sinto que minha família não me compreende | | | X |
| 27 | Viver em minha família é desagradável | X | | |
| 32 | Em minha família há competitividade entre os membros | | X | |
| 33 | Eu sinto vergonha da minha família | X | | |
| 36 | Minha família me irrita | X | | |
| 39 | Eu me sinto excluído da família | X | | |

Pontuação: 18 (Baixo).

A7 – Autonomia

| No | AFIRMAÇÕES | QUASE NUNCA | ÀS VEZES | QUASE SEMPRE OU SEMPRE |
|----|--|-------------|----------|------------------------|
| 10 | Minha família permite que eu me vista do jeito que eu quero | X | | |
| 12 | Minha família me faz sentir que posso cuidar de mim, mesmo quando estou sozinho(a) | X | | |
| 14 | Meus familiares me deixam sair o tanto quanto quero | | X | |
| 18 | Em minha família existe privacidade | | | X |
| 19 | Minha família permite que eu seja do jeito que eu quero ser | X | | |
| 34 | Em minha família é permitido que eu faça as coisas que eu gosto de fazer | X | | |
| 38 | Minha família me dá tanta liberdade quanto quero | X | | |
| 40 | Meus familiares me permitem decidir coisas sobre mim | | X | |

Pontuação: 4 (Baixo).

A8 – Afetivo-Consistente

| No | AFIRMAÇÕES | QUASE NUNCA | ÀS VEZES | QUASE SEMPRE OU SEMPRE |
|----|---|-------------|----------|------------------------|
| 02 | As pessoas na minha família seguem as regras estabelecidas entre elas | | X | |
| 03 | Há regras sobre diversas situações na minha família | X | | |
| 04 | Meus familiares me elogiam | | X | |
| 05 | Cada um em minha família tem deveres e responsabilidades específicas | | | X |
| 09 | Os membros da minha família expressam claramente pensamentos e emoções uns com os outros | X | | |
| 11 | Minha família discute seus medos e preocupações | | X | |
| 15 | As pessoas da minha família gostam de passar o tempo juntas | | X | |
| 17 | Minha família discute junto antes de tomar uma decisão importante | | X | |
| 22 | Na solução de problemas, a opinião de todos na família é levada em consideração. | | | X |
| 23 | As pessoas da minha família sabem quando alguma coisa ruim aconteceu comigo, mesmo eu não falando | | X | |
| 24 | Os membros da minha família se tocam e se abraçam | | X | |
| 25 | Minha família me proporciona muito conforto emocional | | | X |
| 26 | Minha família me faz sentir melhor quando eu estou aborrecido | | | X |
| 28 | Em minha família opinamos o que é certo/errado buscando o bem-estar de cada um | | | X |
| 29 | Em minha família as tarefas são distribuídas adequadamente | | | X |
| 30 | Em minha família há uma coerência entre as palavras e os comportamentos | | X | |
| 31 | Minha família sabe o que fazer quando surge uma emergência | | | X |
| 35 | Em minha família demonstramos carinho por meio de palavras | | | X |
| 37 | Os membros de minha família expressam interesse e carinho uns com os outros | | | X |
| 41 | Meus familiares servem como bons modelos em minha vida | | | X |
| 42 | As pessoas da minha família se sentem próximas umas das outras | X | | |

Pontuação: 28 (Médio-Baixo).

A8 – Adaptação

| No | AFIRMAÇÕES | QUASE NUNCA | ÀS VEZES | QUASE SEMPRE OU SEMPRE |
|----|---|-------------|----------|------------------------|
| 01 | Acredito que minha família tenha mais problemas emocionais do que as outras famílias | | X | |
| 06 | Meus familiares só mostram interesse uns pelos outros quando podem ter vantagem | | X | |
| 07 | Eu sinto rixa da minha família | X | | |
| 08 | Em minha família brigamos e gritamos uns com os outros | | X | |
| 13 | Eu me sinto como um estranho na minha família | X | | |
| 16 | Meus familiares geralmente culpam alguém da família quando as coisas não estão indo bem | X | | |
| 20 | Há ódio em minha família | X | | |
| 21 | Eu sinto que minha família não me compreende | X | | |
| 27 | Viver em minha família é desagradável | X | | |
| 32 | Em minha família há competitividade entre os membros | | X | |
| 33 | Eu sinto vergonha da minha família | X | | |
| 36 | Minha família me irrita | | X | |
| 39 | Eu me sinto excluído da família | | | X |

Pontuação: 19 (Médio-Baixo).

A8 – Autonomia

| No | AFIRMAÇÕES | QUASE NUNCA | ÀS VEZES | QUASE SEMPRE OU SEMPRE |
|----|--|-------------|----------|------------------------|
| 10 | Minha família permite que eu me vista do jeito que eu quero | | X | |
| 12 | Minha família me faz sentir que posso cuidar de mim, mesmo quando estou sozinho(a) | | | X |
| 14 | Meus familiares me deixam sair o tanto quanto quero | X | | |
| 18 | Em minha família existe privacidade | | X | |
| 19 | Minha família permite que eu seja do jeito que eu quero ser | X | | |
| 34 | Em minha família é permitido que eu faça as coisas que eu gosto de fazer | | X | |
| 38 | Minha família me dá tanta liberdade quanto quero | | X | |
| 40 | Meus familiares me permitem decidir coisas sobre mim | | X | |

Pontuação: 7 (Baixo).

A9 – Afetivo-Consistente

| No | AFIRMAÇÕES | QUASE NUNCA | ÀS VEZES | QUASE SEMPRE OU SEMPRE |
|----|---|-------------|----------|------------------------|
| 02 | As pessoas na minha família seguem as regras estabelecidas entre elas | X | | |
| 03 | Há regras sobre diversas situações na minha família | | | X |
| 04 | Meus familiares me elogiam | | X | |
| 05 | Cada um em minha família tem deveres e responsabilidades específicas | | | X |
| 09 | Os membros da minha família expressam claramente pensamentos e emoções uns com os outros | X | | |
| 11 | Minha família discute seus medos e preocupações | X | | |
| 15 | As pessoas da minha família gostam de passar o tempo juntas | | X | |
| 17 | Minha família discute junto antes de tomar uma decisão importante | X | | |
| 22 | Na solução de problemas, a opinião de todos na família é levada em consideração. | | | X |
| 23 | As pessoas da minha família sabem quando alguma coisa ruim aconteceu comigo, mesmo eu não falando | | | X |
| 24 | Os membros da minha família se tocam e se abraçam | | | X |
| 25 | Minha família me proporciona muito conforto emocional | | X | |
| 26 | Minha família me faz sentir melhor quando eu estou aborrecido | | | X |
| 28 | Em minha família opinamos o que é certo/errado buscando o bem-estar de cada um | | | X |
| 29 | Em minha família as tarefas são distribuídas adequadamente | | X | |
| 30 | Em minha família há uma coerência entre as palavras e os comportamentos | | X | |
| 31 | Minha família sabe o que fazer quando surge uma emergência | | | X |
| 35 | Em minha família demonstramos carinho por meio de palavras | | | X |
| 37 | Os membros de minha família expressam interesse e carinho uns com os outros | | X | |
| 41 | Meus familiares servem como bons modelos em minha vida | | X | |
| 42 | As pessoas da minha família se sentem próximas umas das outras | | | X |

Pontuação: 27 (Médio-Baixo).

A9 – Adaptação

| No | AFIRMAÇÕES | QUASE NUNCA | ÀS VEZES | QUASE SEMPRE OU SEMPRE |
|----|---|-------------|----------|------------------------|
| 01 | Acredito que minha família tenha mais problemas emocionais do que as outras famílias | | X | |
| 06 | Meus familiares só mostram interesse uns pelos outros quando podem ter vantagem | | | X |
| 07 | Eu sinto rir da minha família | X | | |
| 08 | Em minha família brigamos e gritamos uns com os outros | | X | |
| 13 | Eu me sinto como um estranho na minha família | X | | |
| 16 | Meus familiares geralmente culpam alguém da família quando as coisas não estão indo bem | X | | |
| 20 | Há ódio em minha família | X | | |
| 21 | Eu sinto que minha família não me compreende | | X | |
| 27 | Viver em minha família é desagradável | X | | |
| 32 | Em minha família há competitividade entre os membros | X | | |
| 33 | Eu sinto vergonha da minha família | X | | |
| 36 | Minha família me irrita | X | | |
| 39 | Eu me sinto excluído da família | X | | |

Pontuação: 21 (Médio-Baixo).

A9 – Autonomia

| No | AFIRMAÇÕES | QUASE NUNCA | ÀS VEZES | QUASE SEMPRE OU SEMPRE |
|----|--|-------------|----------|------------------------|
| 10 | Minha família permite que eu me vista do jeito que eu quero | | X | |
| 12 | Minha família me faz sentir que posso cuidar de mim, mesmo quando estou sozinho(a) | | X | |
| 14 | Meus familiares me deixam sair o tanto quanto quero | X | | |
| 18 | Em minha família existe privacidade | | | X |
| 19 | Minha família permite que eu seja do jeito que eu quero ser | | X | |
| 34 | Em minha família é permitido que eu faça as coisas que eu gosto de fazer | | X | |
| 38 | Minha família me dá tanta liberdade quanto quero | | X | |
| 40 | Meus familiares me permitem decidir coisas sobre mim | | X | |

Pontuação: 8 (Baixo).

A10 – Afetivo-Consistente

| No | AFIRMAÇÕES | QUASE NUNCA | ÀS VEZES | QUASE SEMPRE OU SEMPRE |
|----|---|-------------|----------|------------------------|
| 02 | As pessoas na minha família seguem as regras estabelecidas entre elas | X | | |
| 03 | Há regras sobre diversas situações na minha família | X | | |
| 04 | Meus familiares me elogiam | | | X |
| 05 | Cada um em minha família tem deveres e responsabilidades específicas | | | X |
| 09 | Os membros da minha família expressam claramente pensamentos e emoções uns com os outros | | | X |
| 11 | Minha família discute seus medos e preocupações | | | X |
| 15 | As pessoas da minha família gostam de passar o tempo juntas | | X | |
| 17 | Minha família discute junto antes de tomar uma decisão importante | X | | |
| 22 | Na solução de problemas, a opinião de todos na família é levada em consideração. | | X | |
| 23 | As pessoas da minha família sabem quando alguma coisa ruim aconteceu comigo, mesmo eu não falando | | | X |
| 24 | Os membros da minha família se tocam e se abraçam | | X | |
| 25 | Minha família me proporciona muito conforto emocional | X | | |
| 26 | Minha família me faz sentir melhor quando eu estou aborrecido | X | | |
| 28 | Em minha família opinamos o que é certo/errado buscando o bem-estar de cada um | | | X |
| 29 | Em minha família as tarefas são distribuídas adequadamente | | X | |
| 30 | Em minha família há uma coerência entre as palavras e os comportamentos | X | | |
| 31 | Minha família sabe o que fazer quando surge uma emergência | | | X |
| 35 | Em minha família demonstramos carinho por meio de palavras | | | X |
| 37 | Os membros de minha família expressam interesse e carinho uns com os outros | | X | |
| 41 | Meus familiares servem como bons modelos em minha vida | X | | |
| 42 | As pessoas da minha família se sentem próximas umas das outras | | | X |

Pontuação: 23 (Médio-Baixo).

A10 – Adaptação

| No | AFIRMAÇÕES | QUASE NUNCA | ÀS VEZES | QUASE SEMPRE OU SEMPRE |
|----|---|-------------|----------|------------------------|
| 01 | Acredito que minha família tenha mais problemas emocionais do que as outras famílias | | X | |
| 06 | Meus familiares só mostram interesse uns pelos outros quando podem ter vantagem | X | | |
| 07 | Eu sinto rixa da minha família | X | | |
| 08 | Em minha família brigamos e gritamos uns com os outros | X | | |
| 13 | Eu me sinto como um estranho na minha família | X | | |
| 16 | Meus familiares geralmente culpam alguém da família quando as coisas não estão indo bem | | | X |
| 20 | Há ódio em minha família | | | X |
| 21 | Eu sinto que minha família não me compreende | X | | |
| 27 | Viver em minha família é desagradável | X | | |
| 32 | Em minha família há competitividade entre os membros | X | | |
| 33 | Eu sinto vergonha da minha família | X | | |
| 36 | Minha família me irrita | | X | |
| 39 | Eu me sinto excluído da família | X | | |

Pontuação: 20 (Médio-Baixo).

A10– Autonomia

| No | AFIRMAÇÕES | QUASE NUNCA | ÀS VEZES | QUASE SEMPRE OU SEMPRE |
|----|--|-------------|----------|------------------------|
| 10 | Minha família permite que eu me vista do jeito que eu quero | X | | |
| 12 | Minha família me faz sentir que posso cuidar de mim, mesmo quando estou sozinho(a) | X | | |
| 14 | Meus familiares me deixam sair o tanto quanto quero | X | | |
| 18 | Em minha família existe privacidade | | | X |
| 19 | Minha família permite que eu seja do jeito que eu quero ser | X | | |
| 34 | Em minha família é permitido que eu faça as coisas que eu gosto de fazer | | X | |
| 38 | Minha família me dá tanta liberdade quanto quero | X | | |
| 40 | Meus familiares me permitem decidir coisas sobre mim | X | | |

Pontuação: 3 (Baixo).

Visão geral do ISPSF

| Rendimeto | IPSF | Afetivo -Consistente | Adaptação | Autonomia |
|-----------|--------|----------------------|-----------|-----------|
| 22,8 A1 | 80 A1 | 42 A3 | 26 A3 | 15 A2 |
| 21,4 A2 | 79 A2 | 41 A1 | 25 A1 | 14 A1 |
| 20,4 A3 | 74 A3 | 41 A2 | 23 A2 | 11 A6 |
| 20,3 A4 | 65 A4 | 38 A4 | 23 A6 | 8 A4 |
| 17,6 A5 | 63 A6 | 33 A5 | 21 A5 | 8 A9 |
| 14,5 A6 | 60 A5 | 29 A6 | 21 A9 | 7 A8 |
| 14,2 A7 | 56 A9 | 28 A8 | 20 A10 | 6 A3 |
| 13,7 A8 | 54 A8 | 27 A9 | 19 A4 | 6 A5 |
| 11,5 A9 | 46 A10 | 23 A10 | 19 A8 | 4 A7 |
| 10,3 A10 | 43 A7 | 21 A7 | 18 A7 | 3 A10 |



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SALVADOR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM FAMÍLIA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA**

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O(a) senhor(a) está sendo convidado a participar, como voluntário(a), de uma pesquisa intitulada: “O afeto: suas consequências na aprendizagem em uma escola pública em Salvador”, coordenada pela pesquisador Elmar Silva de Abreu, aluno do Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea, da Universidade Católica do Salvador.

Esta pesquisa tem por objetivo “Constatar de que forma a afetividade familiar influencia no rendimento escolar em uma escola pública em Salvador”. Para a coleta de dados/informações será desenvolvida uma entrevista, cujo roteiro compreenderá perguntas relacionadas ao tema estudado, com duração aproximada de sessenta minutos.

Esta atividade não é obrigatória e, a qualquer momento, o(a) senhor(a) poderá desistir de participar e retirar seu consentimento, sem que haja qualquer prejuízo para o(a) senhor(a). Caso concorde, o(a) senhor(a) receberá uma cópia deste documento.

Ao decidir participar deste estudo esclareço que:

- Caso não se sinta à vontade com alguma questão da entrevista, o(a) senhor(a) poderá deixar de respondê-la, sem que isso implique em qualquer prejuízo.
- As informações fornecidas poderão, mais tarde, ser utilizadas para trabalhos científicos e a sua identificação será mantida sob sigilo, isto é, não haverá chance de seu nome ser identificado, assegurando-lhe completo anonimato.
- Devido ao caráter confidencial, essas informações serão utilizadas apenas para os objetivos de estudo. Por isso, a entrevista será gravada para possibilitar o registro de todas as informações dadas, as quais serão posteriormente transcritas;
- Sua participação não implica em nenhum custo financeiro;
- O estudo apresenta como benefício: promover a reflexão sobre o papel da educação e do afeto para os alunos;
- Há o risco de desconforto em decorrência de abordar conteúdos pessoais. Caso isso ocorra, haverá apoio por parte do pesquisador do estudo, caso necessário, o mesmo proverá apoio e encaminhamento para atendimento no SUS para minimização do desconforto.

Em caso de dúvida ou outra necessidade de comunicação com pesquisador poderá entrar em contato através do endereço/telefone:

Elmar Silva de Abreu – pesquisador
Universidade Católica do Salvador
Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea
Av. Cardeal da Silva, 205 – Federação, Salvador-Ba.
CEP: 40. 231-902 Telefone: (71) 98868-1550.

Considerando as observações acima:

Eu, _____ aceito, voluntariamente, participar deste estudo, estando ciente de que estou livre para, a qualquer momento, desistir de colaborar com a pesquisa, sem que isso acarrete qualquer prejuízo.

Local e data: _____

Assinatura do participante: _____

Assinatura do pesquisador: _____

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SALVADOR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM FAMÍLIA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA**

ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O(a) seu (sua) filha está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), de uma pesquisa intitulada: “O afeto: suas consequências na aprendizagem em uma escola pública em Salvador”, coordenada pela pesquisador Elmar Silva de Abreu, aluno do Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea, da Universidade Católica do Salvador.

Esta pesquisa tem por objetivo “Constatar de que forma a afetividade familiar influencia no rendimento escolar em uma escola pública em Salvador”. Para a coleta de dados/informações será desenvolvida uma entrevista, cujo roteiro compreenderá perguntas relacionadas ao tema estudado, com duração aproximada de sessenta minutos.

Esta atividade não é obrigatória e, a qualquer momento, o(a) senhor(a) poderá suspender a participação do(a) seu(sua) filho(a) e retirar seu consentimento, sem que haja qualquer prejuízo para o(a) senhor(a) ou para seu(sua) filho(a). Caso concorde, o(a) senhor(a) receberá uma cópia deste documento.

Ao decidir participar deste estudo esclareço que:

- Caso não se sinta à vontade com alguma questão da entrevista, o(a) senhor(a) poderá suspender a participação do(a) seu(sua) filho(a), sem que isso implique em qualquer prejuízo.
- As informações fornecidas poderão, mais tarde, ser utilizadas para trabalhos científicos e a sua identificação será mantida sob sigilo, isto é, não haverá chance do nome do(a) seu(sua) filho(a) ou do(a) Sr. (a) serem identificados, assegurando-lhes completo anonimato.
- Devido ao caráter confidencial, essas informações serão utilizadas apenas para os objetivos de estudo. Por isso, a entrevista será gravada para possibilitar o registro de todas as informações dadas, as quais serão posteriormente transcritas;
- A participação da criança não implica em nenhum custo financeiro;
- O estudo apresenta como benefício: promover a reflexão sobre o papel da educação e do afeto para os alunos;
- Há o risco de desconforto em decorrência de abordar conteúdos pessoais. Caso isso ocorra, haverá apoio por parte do pesquisador do estudo, caso necessário, o mesmo proverá apoio e encaminhamento para atendimento no SUS para minimização do desconforto.

Em caso de dúvida ou outra necessidade de comunicação com pesquisador poderá entrar em contato através do endereço/telefone:

Elmar Silva de Abreu – pesquisador

Universidade Católica do Salvador

Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea

Av. Cardeal da Silva, 205 – Federação, Salvador-Ba. Telefone: (71) 98868-1550.

Considerando as observações acima:

Eu, _____ identidade número _____, estou ciente dos objetivos da pesquisa, seus riscos e benefícios, já fui informado(a) dos objetivos deste trabalho, de maneira clara e detalhada. Sei que a qualquer momento poderei pedir novas informações e modificar a decisão de participar se achar melhor para mim e para meu (minha) filho(a). Declaro que concordo e autorizo meu(minha) filho(a) a participar deste estudo, estando ciente de que estou livre para, a qualquer momento, desistir desta decisão, sem que isso acarrete qualquer prejuízo. Recebi uma cópia deste documento assinado.

Local e data: _____



Assinatura _____ do
 responsável: _____
 Assinatura do pesquisador: _____

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SALVADOR
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
 MESTRADO EM FAMÍLIA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA**

ANEXO C – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar, como voluntário(a), de uma pesquisa intitulada: “O afeto: suas consequências na aprendizagem em uma escola pública em Salvador”, coordenada pela pesquisador Elmar Silva de Abreu, aluno do Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea, da Universidade Católica do Salvador.

Esta pesquisa tem por objetivo “Constatar de que forma a afetividade familiar influencia no rendimento escolar em uma escola pública em Salvador”. Caso você queira participar, você participará de uma entrevista com perguntas relacionadas a sua família, seus estudos, seus colegas e professores, com duração aproximada de sessenta minutos e fará dois desenhos sobre sua família, com duração aproximada de sessenta minutos. No total você terá que dedicar duas horas o seu tempo livre para participar da pesquisa, sem interferir no seu horário de aulas.

Esta atividade não é obrigatória e, a qualquer momento, caso você não tenha entendido algum explicação ou desistir de participar da pesquisa, você poderá retirar seu consentimento, falando com o pesquisador (ver e-mail e telefone abaixo), sem que haja qualquer prejuízo para você. Caso concorde, você receberá uma cópia deste documento. Ao participar desta pesquisa você terá a oportunidade de ajudar os professores a melhorar as condições para a aprendizagem dos alunos. Ao decidir participar deste estudo esclareço que:

- Caso não se sinta à vontade com alguma questão da entrevista, você poderá deixar de respondê-la, sem que isso implique em qualquer prejuízo.
- As informações fornecidas poderão, mais tarde, ser utilizadas para trabalhos científicos e a sua identificação será mantida sob sigilo, isto é, não haverá chance de seu nome ser identificado, assegurando-lhe completo anonimato.
- Devido ao caráter confidencial, essas informações serão utilizadas apenas para os objetivos de estudo. Por isso, a entrevista será gravada para possibilitar o registro de todas as informações dadas, as quais serão posteriormente transcritas;
- Sua participação não implica em nenhum custo financeiro;
- O estudo apresenta como benefício: promover a reflexão sobre o papel do afeto familiar para o desempenho dos alunos;
- Há o risco de desconforto em decorrência de abordar conteúdos pessoais. Caso isso ocorra, haverá apoio por parte do pesquisador do estudo, caso necessário, o mesmo proverá apoio e encaminhamento para atendimento no SUS para minimização do desconforto.

Em caso de dúvida ou outra necessidade de comunicação com pesquisador você poderá entrar em contato através do endereço/telefone:

Elmar Silva de Abreu – pesquisador
Universidade Católica do Salvador
Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea
Av. Cardeal da Silva, 205, Federação, Salvador-Ba. Telefone: 71 98868-1550

Considerando as observações acima:

Eu, _____ já fui informado(a) dos objetivos deste trabalho, de maneira clara e detalhada e não tenho dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei pedir novas informações e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar se achar melhor para mim. Tenho a autorização em participar do(o) meu (minha) responsável já assinada, declaro que

concordo e aceito, voluntariamente, participar deste estudo, estando ciente de que estou livre para, a qualquer momento, desistir de colaborar com a pesquisa, sem que isso acarrete qualquer prejuízo. Recebi uma cópia deste documento assinado.

Salvador, ____ de _____ de 20____

Assinatura do participante: _____

Assinatura do pesquisador: _____